



"DRAGÕES DA INDEPENDENCIA"
Foto de A. VIEIRA

NA FABRICA DA ESTRELA

Incorporação da Companhia Brasileira de Explosivos e Munições



Aspecto do almoço quando falava o representante do Ministerio da Guerra.

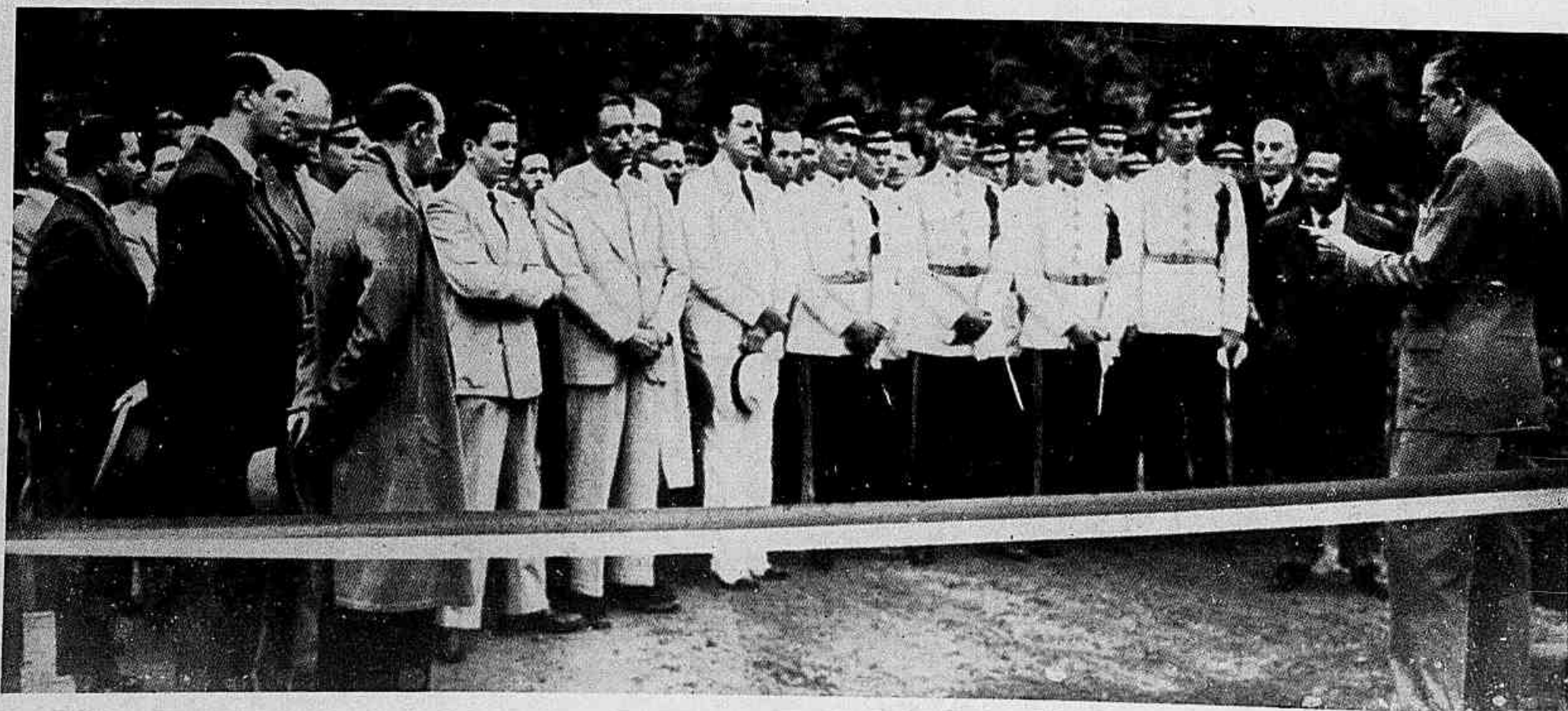
Na data natalicia de Caxias, que é o dia do Soldado Brasileiro, a Companhia Brasileira de Explosivos e Munições, ultimamente incorporada para explorar comercial e industrialmente a antiga fabrica de Polvora Estrela, pertencente ao Ministerio da Guerra, fez inaugurar os novos pavilhões necessarios ao grande desenvolvimento que lhe estão dando seus atuais administradores, os quais, assim, homenagearam aquela magna figura do Exercito Nacional.

Foi uma cerimonia de grande expressão, e dela reproduzimos aspéctos do momento em que o presidente da Cia. Brasileira de Explosivos e Munições, sr. F. Vilmar, pronunciava o seu discurso, pedindo que o representante do Ministerio da Guerra declarasse inauguradas as novas instalações; os directores da Cia., com os prefeitos de Nova Iguassú e Magé, e o representante do Ministerio da Guerra, no almoço oferecido, agradecendo as homenagens e saudando a direcção da Fabrica.

Os dirigentes da Companhia, srs. Francisco Vilmar, J. Baerlein, capitão Jeferson Tavares Paes, Trajano Carneiro e José Quadros cercaram seus convidados de fidalgas atenções.



Os directores da Companhia Brasileira de Explosivos e Munições, com os prefeitos de Nova Iguassú e Magé.



O sr. F. Vilmar, presidente da Companhia Brasileira de Explosivos e Munições, pronunciando o seu discurso.

COMO UMA TESTEMUNHA DE VISTA CONTA O GRITO DO IPIRANGA

O CENÁRIO onde se desdobrou a página do 7 de Setembro não teve um só canto, ao que parece. Nem sobrarão trechos de prosa também que o recomponham. Alude-se apenas, nos relatos da nossa data máxima, às águas humildes de um riacho e a uma choupana mais humilde ainda que a linfa preguiçosa do Ipiranga. Esse o ambiente em que se elaborou uma nacionalidade. Até a própria tela grandiosa de Pedro Américo reduz o cenário à cabana e ao córrego, porque de toda a extensão tornada histórica, dessa região paulista, é exatamente esse trecho reduzido aquele que se engrandeceu.

Vinha de trás, latente, a ansia libertária. Agitações políticas irrompendo aqui e ali e, acima de tudo, a ação cristalina das côrtes de Lisboa, que visavam a redução do Brasil ao mínimo possível — tudo isso apressava a fatalidade do desfecho.

O príncipe D. Pedro, incansável, senhor de notável resistência física, ia e vinha, analisando o estado de espírito do povo.

Já havia, então, a Guarda de Honra, de decidida missão, que teria de acompanhar o Príncipe em certa fase de sua viagem a São Paulo. Era o 3.º esquadrão, com sede em Pindamonhangaba, o que iria dar uma relativa imponência à página imprevista do Ipiranga, com os seus corcéis áreos, a sua farda de lã branca, o capacete dourado que um dragão rematava, tendo por curiosa cauda uma longa crina colorida.

D. Pedro, que chegara até Santos, tornara a subir a serra do Mar, de regresso a S. Paulo. Não lhe passava pela idéia a contingência do golpe que iria dar. Nada indicava que, apesar de cada vés mais próximo, tão próximo estivesse.

Entretanto, os destinos do Brasil ficaram determinados nesse dia.

O coronel Manoel Marcondes de Oliveira e Melo, barão de Pindamonhangaba, comandante dos jovens de mais prestígio social que compunham a Guarda de Honra, foi uma das testemunhas desse momento definidor da nossa nacionalidade. Ha minúcias interessantíssimas nos seus relatos, que João Romeiro ouviu e registrou em livro de incontestável valia.

Oliveira e Melo, levado pelo acaso a figurar no grupo que convertera aquele trecho pacato do solo paulista em altar da pátria, conta o itinerário de D. Pedro através de cidades, campos e serras, e fixa especialmente a tarde de 7 de Setembro de 1822.

A Guarda de Honra adeantara-se e fôra repousar junto da cabana humilde que parecia o único traço de vida no local. D. Pedro ficara um pouco atrás. Ha tres nomes que se reteem, de todos os que ali se congregaram: o do Príncipe, o do padre Belchior Pinheiro e o do coronel Oliveira e Melo.

O fator decisivo do grito libertário foi a chegada ao local do estafeta Paulo Bregaro e do major Antonio Ramos Cordeiro, enviados por José Bonifácio à procura do Príncipe, levando documentos de alta importância. Havia chegado ao Rio de Janeiro um navio procedente de Portugal.

E os dois emissários foram, na direção de Santos, ao encontro de D. Pedro.

Pouco depois, às quatro horas da tarde, chegava o Príncipe.

Vale a pena transcrever o relato do barão de Pindamonhangaba:

«Vendo-o voltar-se para o nosso lado, saímos a seu encontro. Deante da Guarda, que descrevia um semi-círculo, estacou seu animal e, de espada desembainhada, bradou:

«— Amigos! Estão para sempre quebrados os laços que nos ligavam ao governo português! E nos toques que nos indicam como súbditos daquela nação, convido-vos a fazerdes assim: E, arrancando do chapéu que ali trazia a fita azul e branca, a arrojou ao chão, sendo nisso acompanhado por toda a Guarda, que, tirando dos braços o mesmo distintivo, lhe deu igual destino.

« — E viva o Brasil livre e independente! — gritou D. Pedro.

«Ao que, desembainhando também nossas espadas, respondemos:

« — Viva o Brasil livre e independente!

« — Viva D. Pedro, seu defensor perpétuo!

«E bradou ainda o Príncipe:

« — Será nossa divisa de ora em diante — INDEPENDENCIA OU MORTE!

«Por nossa parte, e com o mais vivo entusiasmo, repetimos: INDEPENDENCIA OU MORTE!

«Metendo então a espada na bainha, no que foi ainda acompanhado por toda a Guarda, voltou D. Pedro rapidamente o animal para a estrada que vai a S. Paulo, e a galope lá foi experimentar as fortes emoções que sua alma de moço devia estar sentindo, vibradas pela incomparável vitória que acabava de alcançar, vencendo preconceitos e interesses de família, afrontando a animosidade de um povo de que estava dependente o seu futuro, só para elevar a nossa pátria à posição de país livre e independente.»

A gênese da Independência é de todos conhecida. D. Pedro adeantou-se ao «aventureiro» que D. João VI vislumbrou em remoto e indefinível horizonte, e fê-lo premido pelas atitudes de Lisboa, e fê-lo por temperamento. Na evocação da data cabe, melhor do que os sabidos fatores que se alicerçaram para a edificação da nacionalidade, a descrição rápida do momento que ainda mais rápido foi.

O barão de Pindamonhangaba, através da divulgação que João Romeiro deu às suas relações, pintou com palavras o que Pedro Américo escreveu com o pincel. O relato do barão é mais fiel, por força, a tela de Pedro Américo, entretanto, impressiona mais, porque põe deante dos nossos olhos o facto histórico, como se a ele estivessemos assistindo.

Será verdadeira a tela?

Parece que sim. Valha todavia um reparo, que é bem interessante e que não ocorreu ao genial pintor paraibano. E' este, que aqui se reproduz, com as próprias palavras do coronel que comandava a Guarda de Honra no dia 7 de Setembro, no Ipiranga: «Montava D. Pedro uma possante besta gateada, sendo menos verdadeira a notícia, mais tarde dada pelos jornais, de que vinha em ardoroso cavalo de raça mineira».

E' natural que valha mais quem viu e ouviu do que quem ouviu dizer. E o barão de Pindamonhangaba viu, ouviu e contou...

COSME DE ASSUMÇÃO

A Casa do Crime

"Sketch" radiofônico de TRISTAN BERNARD

PERSONAGENS

O Serralheiro
William
O Secretário

Ouve-se o ruído duma ferramenta numa fechadura.

SERRALHEIRO — Senhor detetive... Deve haver aí perto um botão de luz elétrica.

WILLIAM — Vou procurá-lo com a minha lâmpada de bolso... Cá está. Pronto.

SERRALHEIRO — Quer dizer que, agora, nem o senhor detetive nem o senhor secretário precisam de mim.

WILLIAM, *secamente* — Não. Não há outras fechaduras a abrir, porque esta sala bastará para as minhas investigações. Com o exame a que vou proceder, descobrirei fatalmente o culpado. Estamos no escritório da vítima. Foi aqui, sem a menor dúvida, que o crime teve lugar.

SERRALHEIRO — Volto então para a minha oficina, onde tenho que terminar, agora de noite, um trabalho urgente. Si precisarem de mais alguma coisa... A oficina fica ao lado da estação e a dois passos da Delegacia.

WILLIAM — E' meia noite menos um quarto. Pode-se retirar. Não faça barulho até chegar ao portão do jardim. (*Chamando*) Adalberto!

SECRETÁRIO — Senhor delegado!

WILLIAM — O delegado não está aqui, mas vamos começar imediatamente as pesquisas. Sente-se aí. Si for preciso tomar notas, eu lh'as ditarei.

SECRETÁRIO — Muito bem, senhor detetive.

WILLIAM — Vou pensar alto. Ouça ou não ouça, como lhe aprouver.

SECRETÁRIO — Ouvirei, senhor detetive! E com toda a atenção.

WILLIAM — Pouco importa. O corpo do sr. Turlupin, que morava aqui, na rua do Castelo número 22, foi encontrado no rio. Eram evidentes os sinais de estrangulamento. Houvera, portanto, um crime; e para se chegar a essa conclusão não era necessária a minha presença. Mas quem praticara o crime? Mistério. A pedido da família enlutada, o delegado recorreu aos meus bons ofícios. O delito, repitamo-lo, para ficar bem estabelecido este ponto, foi cometido na sala em que nos achamos. O sr. Turlupin tinha recebido há quatro dias, dizem... (*Insistindo*.) Dizem!... uma visita, uma única. Trata-se dum velho, de oitenta e cinco anos presumíveis e que tinha negócios com ele. Ora, esse velho... admitamos, por enquanto, que fosse um verdadeiro velho... não tornou, desde então, a pôr os pés aqui em casa. A não ser que voltasse, sem ser visto! Até aqui, está muito bem.

O SECRETÁRIO — Mas o senhor põe-se de quatro! Para que?

WILLIAM — Para poder farejar melhor a pista do assassino. Ah! cá está... E' bem o que eu imaginava: cheiro de borracha queimada. O

velho suspeito — suspeito graças a mim, porque os outros nada tinham percebido — morou... ou morava até agora, ao lado duma fábrica de artigos de borracha. As sobras e aparas do fabrico são reunidas e queimadas no pátio; e da fogueira sai um cheiro característico, intenso, tenaz, que se agarra aos vestuários dos vizinhos e que eles, portanto, levam consigo para os lugares por onde passam. Esse cheiro, porém, dissipa-se completamente ao cabo de vinte e quatro horas. Si persiste, como, neste caso, está persistindo, quer dizer que o pretendo velho voltou a noite passada, à hora do crime... (*Subitamente*) Uma caneta! Que caneta é esta? A pena foi servida e a tinta está seca... No entanto, examinando bem de perto, verifico que a tinta não está tão seca que não ateste o uso da caneta há menos de vinte e quatro horas. (*Energicamente*) A vítima sentou-se a esta mesa! Escreveu qualquer coisa num papel, a pedido ou por indicação do assassino. E não seria por imposição? Sob ameaça? Eis o que depois averiguaremos. Por enquanto fixemos isto: A vítima depoz a caneta ao lado do tinteiro, conforme agora a encontramos. O assassino aproximou-se por detrás... mas não procedeu logo ao estrangulamento. Primeiro, descarregou na cabeça do pobre Turlupin uma pancada... com um objeto surdo, naturalmente, um pedaço de ferro envolto em pano... em todo o caso, uma pancada que o atordoou. Esse golpe, desferido por um braço robusto, seria suficiente para matar, fulminar Turlupin. O facto de o não liquidar instantaneamente, tornando-se assim necessário o estrangulamento, prova que o instrumento da agressão se achava nas mãos dum homem de pouca força... E aí temos a hipótese do velho plenamente confirmada. Tudo, portanto, se corresponde e se combina às mil maravilhas. Cumpra agora observar que este recinto se encontra em perfeita ordem. Nada desarrumado, nada fora do lugar. Quer dizer que, si o assassino não se mostra um profissional exímio, um mestre do crime, é pelo menos um homem metódico, exato na sua maneira de proceder, de viver e capaz de organizar um crime com a mesma precisão que dá aos atos triviais da existência. Este quadro, aqui, na parede? A linha do pó está duplicada e em ângulo, indicando que o quadro ficou algum tempo inclinado para um lado e recentemente foi posto de novo em horizontal. Foi ainda o assassino que, com a sua preocupação de ordem, repoz o quadro na devida colocação. Trata-se dum verdadeiro maníaco e é esta condição predominante que o vai entregar à justiça. Ele mesmo se entregará aos representantes da autoridade e da lei. Questão de tempo, basta esperar. E não tardará muito que ele volte a esta sala, porque, recapitulando as circunstâncias do crime, certamente rezeará ter esquecido algum detalhe revelador, algum vestígio que direta ou indiretamente o possa comprometer... Volta com certeza! Tem forçosamente que voltar! Tanto mais que ainda de certo não sabe do aparecimento do cadáver... Recomendarei que se tomassem as precauções necessárias para se manter, a tal respeito, absoluto segredo... O criminoso vai voltar! Olá se vai! (*Num tom exultante, victorioso*) Escute!

SECRETÁRIO — Que é?

WILLIAM, em voz baixa — Ouço passos no jardim... apaguemos a luz... Agora, fiquemos cada um de seu lado da porta... (*Curta pausa*) Quem é?

SECRETÁRIO — E' o serralheiro.

WILLIAM — Acenda!

SERRALHEIRO — Sou eu, senhor detetive, o serralheiro!

WILLIAM, de mau modo — Que é que você quer?

SERRALHEIRO — Eu, nada... Foi o delegado que me mandou, para lhe dizer que não é esta a casa do crime. Estamos aqui no número 22 da rua do Castelo e o senhor Turlupin morava no número 122.

WILLIAM — Ora, bolas! Não podiam mandar o recado há mais tempo? Agora tenho que descobrir o criminoso outra vez!

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e o Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA
EDITORIAL
AMERICANA

Diretor: GRATULIANO BRITO

ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMERICAS:

Um ano 63\$000
6 meses 32\$000

REGISTRADA:

Um ano 80\$000
6 meses 40\$000

ESTRANGEIRO REGISTRADA:

Um ano 170\$000
6 meses 90\$000

AVULSO 1\$500
ATRAZADO 2\$000

R. VISC. DE MARANGUAPE, 15

TELEFONES:

DIREÇÃO 22-2622
GERÊNCIA 22-2550

REDAÇÃO 22-4447
PUBLICIDADE 22-9570
FOTOGRAFIA 22-1013
PORTARIA 22-5602

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

"REVISTA" — RIO DE JANEIRO
SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Largo do Paissandú n.º 124

fone: 4-6070.

End. Telegráfico: "REVISTA"

Tem agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil.

REPRESENTANTES:

Nos Estados Unidos da América do Norte — S. S. Koppe & Cia. — Times Bldg. New York City.

Em Portugal — Agência Geral de Publicações — Rua do Arsenal 84, Lisboa.

Na Africa Oriental Portuguesa — D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques.

No Uruguai — Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados.

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS



— Então aquele sujeito a quem confiaste alguns capitais, geriu-os bem?

— Se tivesse só gerido... mas digeriu-os!

O Pintor da Independência

O pequeno prodígio da Paraíba, lá na humilde Areia, como que nascido sob o signo bom que o levaria à glória, já aos sete anos dava mostra de valor, e levava, através dos sertões nordestinos, a fama do seu talento, como desenhista de uma missão demarcadora de limites.

Quando de parte, por pueris, certos factos da vida de Pedro Américo, como a célebre carta dirigida ao Imperador com todos os nomes do monarca, vamos alcançá-lo como pintor de epopéias, com os quadros, verdadeiros *chefs-d'oeuvre* — "A Batalha de Avaiz" e o "Grito do Ipiranga".

Como lá afirma a sentença latina — *ars longa, vita brevis* — precisamos de uma larga perspectiva no tempo para apreciar devidamente o grande pintor.

"A Carioca", um dos primeiros quadros que nos enviou da Europa, sofreu campanha pugnaz, como a do arquiteto Bettencourt da Silva, o artista das agulhas da igreja do Sacramento.

Realmente, sentimo-lo também, a figura central do quadro em nada lembra as linhas antropológicas da esbelta lindoa nascida à orla da Guana-

bara maravilhosa; parece antes uma europeia autêntica, a lembrar a mesma mulher que persiste nas composições de Pedro Américo.

Dar-se-á o caso do ilustre artista ter querido fazer síntese, preferindo o alegórico, escola da época, ao realismo, que hoje domina nas composições típicas?

Não sabemos. O facto é que até o azul, demasiado forte, da fonte gorgolejante, o acoimou a crítica acerba de irreal, fóra de semelhança com a linfa cristalina que brota da vertente carioca.

Mas Pedro Américo, temperamento combativo, revidou sempre, com altivez e elegância moral, os ataques à sua arte.

Discípulo, em Paris, de Cabanel, Pedro Américo não teve a preocupação, a princípio, do assunto nacional: a sua arte requeria temas mais profundos, ansiava pelos mistérios da história sagrada, como ele próprio confessava ao colega Vitor Meireles.

Entretanto, como pintor bíblico, foi mais um pintor ótico, segundo a opi-



PEDRO AMÉRICO

Livre-se do mal-estar dos pés



Ha um producto DR. SCHOLL para cada mal-estar dos pés. Aqui vão alguns delles:



ARCOS DEBEIS

O Foot-Eazer Dr. Scholl allivia os pés e calcanhares doloridos e os arcos abattidos e planos.



CALLOS PLANTARES

O Lastik-Meta-pads Dr. Scholl allivia os callos plantares e a dor na planta dos pés.



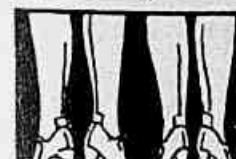
DEDOZ TORTOS

O Toe-Flex Dr. Scholl accomoda os dedos tortos e evita a deformação do calçado.



JOANETES

O Reductor de Joanetes Dr. Scholl, eficiente e pratico, allivia a dor e reduz o joanete.



SALTOS TORTOS

As Meias Calcaneas Walk-Strate Dr. Scholl distribuem o peso e evitam a deformação do calçado.

As estatísticas provam que, entre 10 pessoas, 7 soffrem de algum mal-estar dos pés. Todo esse soffrimento, aliás prejudicial à saúde, torna o trabalho penoso, altera o caracter e rouba muitas energias.

CALLOS

Os Zino-pads Dr. Scholl para callos acalmam a dor e suprimem rapidamente os callos.



CALLOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl para callosidades abrandam a dor e eliminam os callos plantares.



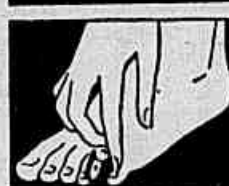
JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl para joanetes alliviam rapidamente a dor.



CALLOS BRANDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl para callos entre os dedos alliviam a dor e a irritação.



PÉS DOLORIDOS

O Balsamo Pedico Dr. Scholl acalma e descansa os pés sensíveis.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixol Dr. Scholl é indicado para as unhas encravadas. Acalma a dor.



ODOR DESAGRADAVEL

O Pó Bromidrosis Dr. Scholl faz desaparecer a transpiração excessiva.



Os peritos Dr. Scholl dirão a V. S. como alliviar o mal-estar dos seus pés sem compromisso algum da parte de V. S. Visite os nossos departamentos dos Serviços de Chiropodia, Massagens, Practipédia, etc.

LOJAS DR. SCHOLL - Rua São José, 114 - Rio - Em São Paulo: CASA ANGLO-BRASILEIRA, Succ. de Mappin Stores, - Pça. Ramos de Azevedo

Serviço Dr. Scholl
para conforto dos pés

1A-879

nião de Flexa Ribeiro, sem o realismo que predominou nas escolas do norte da Europa, sem a impetuosidade de colorido de Rubens, sem o poder evocativo de Quintino Martys, de Fra Bartolomeu, de Velasquez. Não tinha, mesmo, a mestria dos italianos, que conheciam as diferenças dogmáticas entre o divino e o humano.

Pedro Américo pintou os seus quadros sacros dentro da secura do academicismo, faltando-lhes unidade e grandeza, sem as sínteses que despertam sugestões enérgicas, como na "Descida da Cruz", de Rubens.

Pintando quadros sacros, Pedro Américo, como pintor da humanidade, não atingiu o misticismo, a um tempo decorativo e dramático, de Fra Angélico, na "Descida da Cruz"; não realizou a síntese clássica de André Solazio, na "Virgem da Almofada", nem conseguiu aqueles largos ritmos que se encontram em Fra Bartolomeu. Mesmo entre os nossos pintores bíblicos, é forçoso confessar que "Jesus em Cafarnaum", do grande e saudoso Amoedo, é mais significativo como unidade expressional do totalismo bíblico que "David e Abzag", quadro de profundo realismo, com uns grandiosos a lembrarem Miguel Angelo, mas profano, se não agnosta, para a escolástica católica, tão cheia de explicáveis pundonores ante o nú, lascivo e tentador, a repetir, eternamente, a tentação primeva do Eden.

Aliás, embora tivesse sido a pintura bíblica o motivo essencial da nossa pintura na fase colonial, os nossos artistas dessa época eram mediocres, sem mestres, copiando nas suas telas as gravuras européias.

O "Romano", o precursor, nada deixou de notável nesse difícil gênero.

Pedro Américo foi um grande conhecedor do desenho e da ciência da perspectiva.

O seu quadro "Paz e Concórdia",

que está no "Itamarati", revela conhecimentos de arquitetura, com uma magistral perspectiva plana e aérea, com soberbas figuras alegóricas sabiamente resolvidas.

Sente-se, nesse quadro, que Pedro Américo não conseguiu emancipar-se do academicismo, do alegórico da época. Faltava-lhe síntese e o sentido brasileiro que Almeida Junior buscou para os seus quadros, aliás com rara felicidade e grande talento.

Pintor genérico, Pedro Américo, exímio figurista, foi um retratista de escola.

O retrato de D. Catarina de Ataíde, da pléiade dos grandes retratistas, sugerindo, pelo aparato e estudado da pose, os retratos de Velasquez, mostra o conhecimento do artista nos meandros da técnica e estética do retrato.

Já o retrato de D. Pedro II, na fala do trono, está muito frio, álgido, com o amaneirado delambido dos cromos, sem perspectiva ambiental, sem o *soma*, sem vida, sem oxigênio, sem relevo, com o modelado preso ao contorno, periférico, sem o desfogo que Da Vinci sabia imprimir às figuras, a que dava volume como corpo ocupante de um lugar no espaço.

Em que pese a nossa desvalia como crítico, julgamo-lo inferior ao pintado por Décio Villares, no qual o Bragança magnânimo, com o papo de tucano, se mostra com o *panache* peculiar aos soberanos.

Fascinado pelos assuntos bíblicos, pintou Jacobed levando "Moisés ao Nilo" e o "Voto de Heloisa". Ambas as telas são notáveis pela movimentação, pelo colorido e pelo desenho.

O *Voto de Heloisa* é um primor de colorido, cheio de misticismo, evoluindo da figura, ungida de piedade cristã, aos longos círios ardendo na exaltação do êxtase e da fé, de que é possuidora a irmã Heloisa.

Sempre
usei...

**PASTA DENTIFRÍCIA
S.S. WHITE**

E GRAÇAS
A' ESTE
EXCELENTE
DENTIFRÍCIO

**PASTA DENTIFRÍCIA
S.S. WHITE**

**PASTA DENTIFRÍCIA
S.S. WHITE**

INDÚSTRIA BRASILEIRA

MEUS
DENTES SÃO
VERDADEIRAS
JOIAS!

Parece incrível que Pedro Américo, que se deixou seduzir pela bíblia, não deixasse um Cristo, nem assuntos correlatos ao drama do Gólgota.

Os quadros sacros de Pedro Américo são telas magistrais como arte, mas sem a chama da fé, sem a luminosidade dos verdadeiros intérpretes do ciclo bíblico, como Rubens, Velasquez, etc.

Pedro Américo realizou com perfeição o humano dos seus quadros sacros; faltou-lhe, porém, o divino, que fez a glória da galeria sacra dos artistas do Renascimento.

No Hamleto, o príncipe louco da Dinamarca, eterno torturado da dúvida entre o pêndulo — *to be or not to be* — Pedro Américo é grandioso, como o é, no "Rabequista árabe", uma tela magistral, que nos acorda o *ex-digito* da sabedoria latinesca...

Pedro Américo formou-se em ciências-físicas naturais pela Bélgica, escre-

veu romances, teve o retrato nos "Uffizi", entre as celebridades da pintura; casou-se com o filho do diplomata e artista Araujo Porto Alegre e morreu, com o peito da casaca resplandecente de condecorações nacionais e estrangeiras, na querida Florença, em 1905.

Pintando os seus quadros bíblicos, pensava como o geógrafo francês Eliseu Réclus: — "Arte é uma idéia pensada em todos os seus detalhes, produzindo uma ilusão de ótica".

O artista, entretanto, deve ser julgado pelas suas obras primas, e Pedro Américo é magistral, maior que o Barão de Gros, na "Batalha de Avahy", quadro notável pela dimensão, pelo colorido, pela dramaticidade das figuras, verdadeira epopéia consagradora do nosso heroísmo, na Guerra do Paraguai.

Este quadro maravilhoso, encomendado pelo ministro João Alfredo, não escapou á crítica, ás vezes traidora de

Consultório Odontológico

Anna Maria (Minas Gerais) — Deve mandar remover o restante.

Cruz Lima (S. Paulo) — O tratamento geral deve melhorar o estado local.

Ernesto Pereira (Minas Gerais) — Deve usá-lo diariamente, antes de deitar-se, de preferência.

Aldo Ferreira (Rio Grande do Sul) — Radiografia de todos os dentes desvitalizados.

Muncio de Oliveira (Amazonas) — Em qualquer casa de artigos dentários.

E. Miranda Salvador (Bahia) — Perfeitamente.

Rita de Carvalho (Alagôas) — Estou de pleno acôrdo com o seu dentista.

Carlos Zilmann (Santa Catarina) — A alimentação rica em vitaminas.

Darcy Lopes (Rio Grande do Sul) — É possível.

A. N. N. O. (Espírito Santo) — Ou o leite de magnésia ou o bicarbonato de soda.

Artamiro Rodrigues (S. Paulo). — É possível.

Anna Clara (Minas Gerais) — Não.
Alvaro Barbosa (Santa Catarina) —
Antes de deitar-se de preferência.

Alexandre Tostes (Santa Catarina) — Radiografar o 3.^o grosso molar superior direito.

Victor Mana (Alagôas) — A prova radiográfica está imprestável.

T. Lima e Silva (Amazonas) — Remoção imediata do foco.

Jandira de Carvalho (Minas Gerais) —
10 a 15 gotas em meio copo com água.

Lopes Cintra (Estado do Rio) — Usar antes das duas principais refeições.

Alexandrino Agra.

despeito, ante a prova provada do talento passado em julgado.

Artista substancial, vacilando entre o efêmero e o eterno, o objetivismo e o subjetivismo, prêsso ao empirismo convencional da época, aferrado á mitologia, Pedro Américo, na "Batalha de Avahy", revela-se o artista da epopéia brasileira, dentro da corrente napoleônica, que estabelece como tema pitóico a epopéia moderna, com o *Napoléon visitant le champ de la bataille d'Eylau*, pelo Barão de Gros.

A "Batalha de Avahy" sugere-nos a lembrança a "Estética das batalhas" de Gregório da Fonseca, estética hoje irrealizável pela barbaridade dos encontros sangrentos.

Pedro Américo, para pintar a "Batalha de Avaity", fez estudos especiais da anatomia do cavalo, do terreno pantanoso do chaco paraguaio, das figuras raciais dos exércitos em luta; e, revidando a crítica, trouxe á luz dos fatos documentos abonadores do Barão da Penha, do Duque de Caxias e outros.

Tendo-o pintado em Florença, no palácio da Biblioteca Municipal, acoimaram os bois do quadro como de raça italiana; mas Pedro Américo provou que os bois eram os dos criadores usados nos pampas do sul. Até a farda de Osório, aberta para mostrar o colête branco do uniforme, quiseram os zoiolos da época que fosse contrário à disciplina militar; Pedro Américo, porém, provou que o fizera propositamente para obter efeitos pitóricos.

A "Batalha de Avahy" é um quadro que imortaliza o artista, com qualidades primaciais de luz e movimento, colorido exato, perspectivas realizadas com mestria, nas quais os planos e as figuras se equilibram com realismo, no tumulto da batalha.

O Barão de Gros, áulico de Napoleão, como David, seu mestre, não pintou o deflagrar total de uma batalha, como a do Avahy, de Pedro Américo.

O artista francês Moreau, que foi discípulo do Barão de Gros, pintou, antes de Pedro Américo, a "Proclamação da Independência do Brasil". É um quadro vulgar, sem a exuberância do célico, sem verdade, com a figura imponente de Pedro I surgindo em meio de um aglomerado de pessoas, na sua maioria em trajes citadinos, o que o inesperto do acontecimento não com-

Ao que parece, Moreau era fraco em composições ao ar livre, pois muitas das figuras do quadro estão no ar, fora da lei da gravidade.

O artista do célebre retrato da cantora Lagrange, na "Lucia de Lammermoor", que encheu de glória as noites do "Provisório", parece que desconhecia a lei da dinâmica na pintura, pois, seguindo a rigidez linear de David, imprimiu ás figuras uma estática de morte, tornando-as hirtas, sem ambientação, falhas do sôpro épico que caracteriza os grandes eventos históricos. E', portanto, um quadro convencional, mais cerebral que real, visto como o artista não sentiu *in loco* as sugestões ambientais do cenário.

Pedro Américo, sim, embora a crítica soez o incriminasse de plagiário, compreendeu, como patriota, o grande facto histórico, transmitindo á tela portentosa toda a vibração da sua alma de brasileiro, a exaltação do seu acendrado patriotismo, os conhecimentos da pintura alegórica, fazendo um quadro real, dentro da paisagem brasileira, com a dramaticidade dos grandes acontecimentos imortais na vida de uma nação.

No "Grito do Ipiranga" tudo é grandioso: os "Dragões da Independência", com o uniforme de gala; os cavalos áreigos; o *élan* das figuras, nelas avultando a silhueta do jovem Imperador, num gesto cheio de vivacidade, estuante de ardor cívico, com a espada em riste, a lembrar Napoleão na Batalha d'Eylau, proclamando, inflado de orgulho, o grito imortal — "Independência ou Morte".

CLAUDINIER MARTINS

SEJA SUA PRÓPRIA *Enfermeira*



Há certos dias no mês que as Senhoras, cujo organismo não funciona regularmente, aguardam com pavor. São dias enervantes, em que os distúrbios íntimos lhes roubam a alegria e a disposição. Evite os períodos de sofrimento, usando **A Saúde da Mulher**. Com o uso deste poderoso regulador, tônico e anti-doloroso, o temido período mensal decorrerá tão normalmente que mal será percebido.

A SAÚDE DA MULHER

Santos e Efemérides da Semana

SETEMBRO

6 Santo Humberto. — Nasceu em Mézières-sur-Oise em 610, aproximadamente. Desde a infância demonstrou felizes disposições para a piedade. Entrou para o convento de Marolles em Hainaut, tornando-se abade desse mosteiro, e morreu em 682. Deu, constantemente, no decurso de sua longa carreira, exemplo das mais altas virtudes cristãs.

— **Santa Devota.** — Virgem e mártir espanhola. Ignoram-se os principais fatos de sua existência, consagrada á piedade e ás boas obras.

— Nasce em Pernambuco Manuel Inácio Cavalcanti de Lacerda, barão de Pirapama, ministro do S. Tribunal de Justiça (1799). — Nasce no Rio José Carlos de Almeida Arêas, visconde de Ourém, diplomata, que legou seu arquivo ao Instituto Histórico (1824). — Falece no Rio Flávio Farnese, redator da «Semana Ilustrada» (1871). — Falece no Rio Antônio Buarque de Lima, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1899). Falece no Rio de Janeiro H. M. Inglês de Sousa, professor, político, advogado, romancista, da Academia Brasileira (1918).

7 São Cláudio. — Neto de Clovis, escapou milagrosamente ao assassinio que vitimou seus dois irmãos, cometido por Childeberto e Clotário, e consagrou-se á vida monástica. Estabeleceu-se pouco depois sobre uma colina das margens do Sena e fundou um convento em torno do qual se edificou a cidade que tem seu nome. Aí morreu em 560.

— **Santa Regina.** — Foi martirizada, devido á sua fé, em 253 aproximadamente, quando Décio era imperador.

— Falece na Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da diocese (1722). — Proclamação da Independência do Brasil pelo príncipe-regente, D. Pedro, que se tornou Imperador, sob o nome de Pedro I (1822). — Abertura dos portos do rio Amazonas á navegação estrangeira, e de outros rios da mesma rede hidrográfica, como o Tocantins, o Tapajós, o Negro e o Madeira, assim como o S. Francisco, até Penedo (1867). — Inaugura-se no Rio a estátua de José Bonifácio, de iniciativa do Instituto Histórico, segundo monumento que a cidade teve (1872). — Falece o professor Eduardo de Sá Pereira de Castro (1872). — Inaugura-se a E. F. Leopoldina (1877). — Inaugura-se no Rio o parque da Aclamação — hoje parque Julio Furtado (1880).

8 Natividade de Nossa Senhora. — Festa comemorativa do nascimento da Virgem Maria. Certos autores católicos, e não dos menos qualificados, afirmam que a fundação dessa festa data dos tempos apostólicos. Mas supõe-se, e á justo título, que deve datar do pontificado do papa Sergio, no ano 638.

— **Santo Adriano.** — Oficial de Diocleciano convertido pela paciência demonstrada pelos cristãos supliciados, a qual o levou a partilhar seu martírio (século IV).

— **Santa Ursula.** — Virgem, religiosa dominicana, morta em Valença, após uma vida consagrada á prática das mais edificantes virtudes.

— Nasce em Campos (E. do Rio) Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco (1743). — Nasce em S. João d'El-Rei (Minas) Manoel Jacinto Nogueira da Gama, marquês de Baependi, senador, ministro de Estado, marechal (1765). — Nasce José da Natividade Saldanha, poeta, em Pernambuco (1796). — Falece no Rio José Joaquim Carneiro de Campos, marquês de Caravelas, ministro de Estado, da Regência Provisória, após a abdicação (1836). — Nasce em Laranjeiras (Sergipe) Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro, ministro do S. Tribunal Federal (1851). — Falece no Rio Estevam Ribeiro de Rezende, marquês de Valença (1856). — Nasce na Bahia Antônio Augusto Cardoso de Castro, ministro do S. T. Federal (1860). — Falece na ilha de Paquetá (Rio) Alberto Faria, jornalista, folclorista, da Academia Brasileira (1925).

9 Santo Omer. — Seu verdadeiro nome é Audomar. Nasceu em 590, na Helvecia. Instruído na religião por S. Columbano, tornou-se, em 637, bispo de Théronasse e fundou uma abadia em torno da qual se edificou a cidade que tomou seu nome. Morreu cego, em 657.

— **Santa Osmã.** — Filha de um rei da Islandia, abandonou a corte do pai, para refugiar-se na Bretanha, onde viveu recolhida numa cela e consagrou a vida á oração (século VII).

— Nasce na Bahia Abilio Cesar Borges, barão de Marabás, médico, educador (1824). — Falece em Paris Guimarães Passos, poeta, jornalista, da Academia Brasileira (1909).

10 São Sálvio. — Magistrado a princípio, fez-se monge e tornou-se abade depois. Elevado ao episcopado de Albi, ostentou uma imensa caridade e um zelo ardente na defesa da fé. Quando morreu, em 584, seu amigo, S. Gregório de Tours, fez um grande elogio de sua Santidade.

— **Santa Pulquéria.** — Imperatriz do Oriente. Governou seu império com sábia prudência e protegeu grandemente a fé católica. Deram-lhe o título de «Guarda da fé» (399—453).

— Aparece a «Gazeta do Rio de Janeiro», primeiro periódico publicado no Brasil, (1808). — Morre na Bahia Francisco Gonçalves Martins, visconde de S. Lourenço, ministro do Império (1872). — Inaugura-se no Rio o Gabinete Português de Leitura (1887).

11 São Paciente. — Bispo de Lyon de 450 a 490, consagrou-se aos desgraçados reduzidos á fome após a invasão dos Visigodos de 474, e morreu em 490, sob o pesar unânime de suas ovelhas.

— **Santa Eugênia.** — Virgem romana, fundadora de um convento do qual se tornou superiora. Foi martirizada em 262.

— Desembarque dos franceses de Du Clerc no Rio

(1710). — Nasce na Bahia Cassiano Sperião de Melo Matos, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1797). — Falece em Londres Hipólito da Costa, jornalista e economista, patrono da cadeira 17 da Academia Brasileira (1823). — Falece no Rio Francisco Vilela Barbosa, marquês de Paranaguá, estadista e literato (1846).

12 São Guido. — Nascido em Laeken, perto de Bruxelas, de pais pobres, demonstrou a maior piedade. Desde a juventude, partilhava o pão com os mais pobres do que ele. Empreendeu uma viagem aos Logares Santos e não regressou á Belgica senão sete anos após, esgotado pelas fadigas. Não tardou a morrer entre os religiosos que o acolheram.

— **Bemaventurada Maria Tornari.** — Viuva de Genova, beneficiada por várias aparições da Virgem. Em memória desses prodígios, fundou a ordem das Anunciadas Celestes «para honrar Maria no mistério da Anunciação». Morreu em 1617.

— Falece em Lisboa D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Elvas, que fôra bispo de Pernambuco (1821). — Nasce em São Paulo Alvares de Azevedo, grande poeta, patrono da cadeira n. 2 da Academia Brasileira (1831).

Dna. Esther vai fazer compras...



● Salada, peixe, filé, batata frita e arroz...
E para a sobremesa? Bem; decidirei sobre isso no armazem.



● Ótimo seu Joaquim! Uma esplêndida idéia!
Vou fazer uma deliciosa sobremesa, combinando com esta saborosa marmelada!



● O resultado foi magnífico! Todos gostaram do esplêndido doce que fiz com recheio de Marmelada Marca Peixe! E o Zezinho sempre guloso, avançou na metade do pacote que tinha sobrado!

NÃO é de extranhar que a Marmelada Branca Marca Peixe desperte a gulodice dos adultos e das crianças. Esta deliciosa marmelada é diferente, porque é preparada por aperfeiçoados processos exclusivos, que lhe conservam o sabor do próprio fruto, bem como as suas reconhecidas propriedades alimentícias. Por isso a Marmelada Branca Marca Peixe é aconselhada para pessoas sob dieta ou convalescentes. Adquirar alguns pacotes de Marmelada Branca Marca Peixe. Tendo-a sempre em sua casa, a Sra. pôde, a qualquer momento, servi-la como ótima sobremesa. Peça hoje em seu armazem Marmelada Marca Peixe, agora em latas retangulares ou em pacotes. É pura e deliciosa como todos os doces Marca Peixe!

MARMELADA
Branca
MARCA
PEIXE
EM LATA OU PACOTE!



"SEJA BEM-VINDO, IRMÃO"

Talvez não haja outro país onde ideias novas sejam acolhidas com tamanha simpatia como nos Estados Unidos. Não nos interessam, aqui, os motivos psicológicos. Tomemos um caso concreto.

♦ ♦ ♦

Deixando New-York, pela velha Albany Road, encontramos, depois de umas 46 milhas bem andadas, um poste indicador com uma taboleta que nos diz: «GRAYMOOR, MOUNT OF ATONEMENT» — ou seja: **Graymoor, Morro da Penitência**.

Uma flexa aponta para uma colina próxima. Subimos. A encosta é íngreme. A meio caminho, a saibrosa estrada descreve um círculo. Eis uma parada. Deparamos com outro indicador: «**Albergue de São Cristóvão. Casa da Hora da Ave Maria que dramatiza a vida dos Santos. WMCA, WINS, todos os domingos, às 6 hs. da tarde.**» Ergue-se, á nossa frente, um vistoso prédio em estilo que aqui chamariamos colonial.

Um homem, parado na porta lateral, vestido de burel castanho, nos vê e avança. Um fradel de estatura mediana, um tanto nervoso ou acanhado, nos estende sua mão, num gesto de hospitalidade nada profissional: «Seja bem-vindo, Irmão!»

Apresenta-se, em seguida, como Irmão Jerônimo, e logo nos dirige duas perguntas: — Qual é sua graça? (Basta que se lhe diga o primeiro nome). E mais esta: — Qual o endereço de seus parentes próximos? — Pode-se-lhe indicar qualquer nome e endereço. Não há fiscalização. E quando se está a ponto de lhe contar a própria história ou o motivo da vinda, ele parece não querer escutar.

São precisamente cinco horas e está pronta a ceia. Seguindo o convite, entramos. A mesa encontramos bem mais de 70 companheiros, de todos os tamanhos e feitios estranhos, dos mais diversos recantos do país.

Enquanto trazem a comida, passamos rapidamente os olhos pelo regulamento que nos entregaram á entrada: N.º 1: «Roga-se a todos que tenham consideração com os sentimentos dos outros, a cada momento. Não se discuta nenhum assunto propenso a controvérsia». Outros pontos se referem á profanidade na linguagem, á proibição de fumar na cama e de beber álcool.

A comida é boa e abundante. Terminada a refeição, um dos mais velhos indica o programa dos serviços a fazer naquela tarde, acrescentando porém que são facultativos e de maneira nenhuma obrigatórios.

Mais tarde, tornamos a encontrar-nos com o Irmão Jerônimo, agora no salão de recreio. Há revistas, jornais, rádio. Joga-se bilhar e baralho. O Irmão nos diz onde encontrarmos nossas camas. Pouco depois das 10 horas tudo se acalma. Dormimos uma noite sossegada, sob as mais estranhas impressões. Graymoor...



Qual é sua graça? Qual o endereço dos seus parentes próximos? — Duas perguntas que o Irmão Jerônimo dirige a todos os recém-vindos.

edifícios do albergue, vemos a igreja de São Paulo, o edifício da Pequena Flor, o noviciado de São José, oito capelas e os inícios do que chegará a ser, mais tarde, o orgulho de todo o conjunto: o Santuário Nacional de Santo Antônio, no cimo do morro.

Todos aqueles que procuram abrigo no albergue são chamados indistintamente «Irmão Cristóvão». Além desses, há na comunidade propriamente dita de Graymoor duas categorias de indivíduos: os padres e os irmãos leigos, com votos de pobreza, castidade e obediência, sobrecarregados de trabalhos quase ininterruptos na comunidade e na sociedade. Todos usam burel castanho, distinguindo-se os irmãos dos padres por terem os primeiros seu mantêu arredondado sobre o peito, ao passo que o dos segundos termina em ponta. Além desses há ainda os irmãos terceiros, sendo o Irmão Jerônimo um deles. Esses fazem promessas em vez de votos e sempre estão livres para deixar a Ordem quando quiserem. Distinguem-se dos demais por não usarem mantêu ou capuz.

Quem vê o Graymoor de 1941 não faz certamente ideia do que foi há 40 anos atrás. É bastante singular a história daquele homem — um alto e magro ministro da Igreja Episcopal, chamado Lewis Thomas Wattson, de Kingston, New York — que lhe lançou os alicerces.

♦ ♦ ♦

Foi em 1893 que o rev. Mr. Wattson decidiu fundar, na Igreja Episcopal, seita protestante, uma Ordem baseada sobre os ideais franciscanos. Viçou longamente afim de descobrir um local apropriado e encontrou-o, em 1899, Hudson acima, nos territórios desertos da Putnam County perto de onde, instaladas num pequeno convento, algumas Irmãs Franciscanas haviam empreendido fornecer alimentos aos transeuntes. O rev. Mr. Wattson ouvira falar nesta obra e perguntou a um cocheiro da estação de Garrison se por acaso naquelas redondezas não existia alguma gruta capaz de abrigá-lo por algum tempo.

Gruta?... Não, por lá não havia grutas. Informou-o, porém, de que encontraria no mato um cevadouro velho e abandonado que talvez servisse a seus propósitos.

Wattson não teve dúvidas. Nele estabeleceu imediatamente uma ermida onde passaria o inverno.

Wattson não dispunha de rendimentos, o que propriamente não o preocupava. Viveria de qualquer maneira, e ficou por aí mesmo, sem contudo fixar residência definitiva. Deus lhe mostraria o caminho a seguir. De facto, em breve começou a ser visitado por toda categoria de desamparados e vagabundos cujo caminho casualmente levava por lá. Não hesitou em abrigar tais visitantes, contanto que o auxiliassem em construir mais abrigos. E foi deste que começou o singular programa de construções de Graymoor — programa que se tornou de importância social e cujo desenvolvimento prosseguiu ininterruptamente até aos presentes dias.

Amigos interessados na aventura do rev. Mr. Wattson apresentaram-no com 300 dólares, por ele invertidos logo na compra de 24 acres de terra, inclusive um alto morro

NO MORRO DA

que, mais tarde, conforme previa, dominaria toda a sua planejada colônia. Denominou-o «Morro da Penitência», e seu grupinho «Sociedade da Penitência». A primeira cruz de madeira, por ele plantada no cume do morro, ainda lá continua.

Transcorreram dez anos. Eram já numerosos os visitantes casuais, mas um só resolvera fixar residência com Mr. Wattson, seguindo-lhe as normas de vida. Ignoramos os milagres da graça divina que se devem ter realizado, sucessivamente, na alma do ministro protestante, animado das melhores e mais santas intenções. O certo é que, em Outubro de 1909, ele e seu único sequaz, assim como aqueles Irmãs Franciscanas, protestantes por sua vez, foram recebidos no seio da Igreja católica. O ministro da Igreja Episcopal, Lewis Thomas Wattson, passou a ser padre Paulo Jacó Francisco.

Antes de sua morte, em Fevereiro do ano passado, chegou a ver sua Sociedade da Penitência, o ramo mais novo duma das Ordens mais antigas do mundo, contando 170 frades, 230 irmãs e 2000 irmãos terceiros, espalhados para muito além de Graymoor, em missões, e outras partes dos Estados Unidos e no Canadá.

Qual um minúsculo grãosinho de mostarda, para usar a imagem bíblica, a sociedade crescera e se desenvolvera prodigiosamente.

Em Graymoor ainda acontecem milagres. Para construções daquele jaez precisa-se de especialistas neste ou naquele ramo de obras. Donde tirar especialistas quando Graymoor depende, quase que exclusivamente, de seus visitantes, na maior parte vagabundos? E todavia é facto que, sempre que a execução dum certo trabalho está no ponto de retardar toda a construção, aparece um viajante qualquer, seja vagabundo ou desempregado para lá se abrigar ocasionalmente, que está especializado precisamente naquele trabalho e dá conta do serviço. E a construção prossegue. São de tal maneira numerosos semelhantes factos que já se tornaram a lenda típica de Graymoor, contada em toda parte.

— Arquitetos e cozinheiros — declaram-nos um frade — são como cogumelos. Aparecem vez e outra. Mas como encontrar misturadores de concreto justamente quando precisamos de concreto misturado? E como dispor de ferreiros precisamente quando estamos em obras de ferro?

Sempre é certo que quase todo o Graymoor é obra desses itinerantes, vagabundos, desempregados e curiosos que por lá passam e muitas vezes só pouquíssimo tempo demoram. Todos contribuem de alguma maneira. A boa vontade e a gratidão fizeram de Graymoor o que hoje é. A construção do albergue, na sua totalidade, representa indubitavelmente um valor que vai além de 100.000 dólares. Exceto um mínimo para materiais, ela não custou quase nada. Lá está ela, vistosa e enorme, obedecendo a um plano bem delineado, naquele estilo que os americanos chamam arquitetura espanhola de missão e que aqui denominamos colonial.

♦ ♦ ♦

Não fosse Frei Anselmo, sacerdote jovem e ardoroso, que anteriormente dirigiu o albergue de São Cristóvão, a obra notável de Graymoor talvez ficasse na obscuridade.



Sem amigos, sem dinheiro, sem trabalho, Red segue pela velha Albany Road. Mais umas tantas milhas, e será acolhido em Graymoor.

PENITENCIA

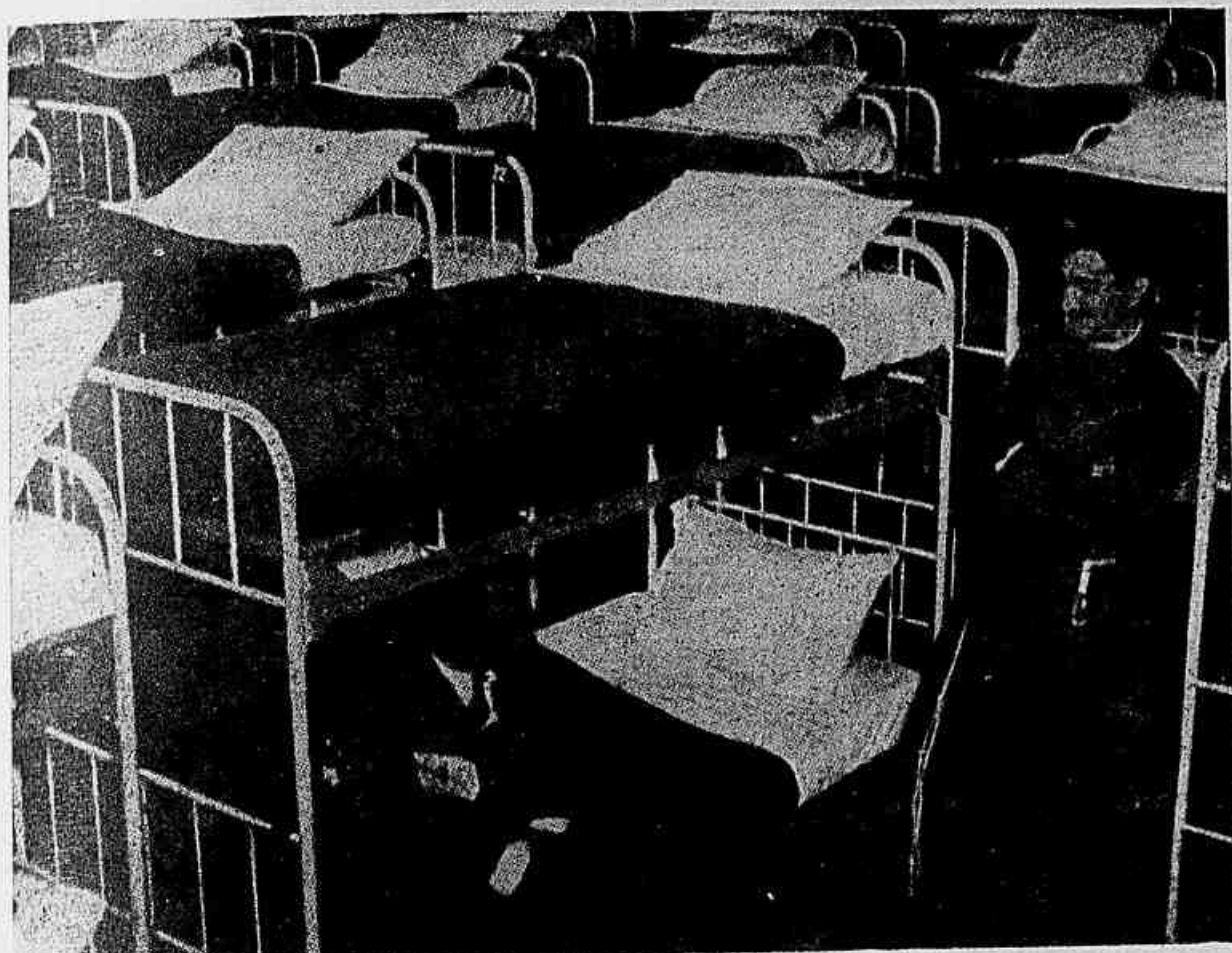
O americano não despreza a publicidade e conhece-lhe, mais que qualquer outro, os segredos e o alcance. Frei Anselmo, cinco anos atrás, inaugurou uma hora de rádio: o programa da Ave Maria é irradiado todos os domingos, às 6.30 da tarde, por estações através de New York, New England e para o sul até Virginia. Alguns atores profissionais dramatizam certos episódios da vida dos santos, terminando sempre o programa com alguma breve palestra do diretor de São Cristovão.

Correm de costa a costa estas meias horas, transmitidas por nada menos de 125 estações. É um dos maiores programas religiosos mantidos pelo rádio e é a única irradiação popular americana com a bênção oficial do papa. Dizem que os ouvintes passam de 10 milhões e que mais de 500 mil cartas de adeptos de toda espécie de religiões e seitas chegam anualmente sobre Graymoor. Enquanto umas pedem informações, outras solicitam as orações dos frades, mais outras encerram dinheiro, desde cédulas de 100 dólares até selos postais usados.

♦ ♦ ♦

Nada é jogado fóra.

Antes de sua morte, o Padre Paulo fundou a original sociedade «União para que nada se perca» (Union-That-Nothing-May-Be-Lost) que incita o público a vender pedaços de barbaque, papel, farrapos, ferro velho, etc. e enviar o dinheiro, por pouco que seja, à Sociedade. Não podendo absolutamente ser vendidos estes artigos, a União se encarrega de mandá-los para Graymoor afim de serem utilizados de qualquer maneira. Pedem-



No dormitório, o Irmão Jerônimo deseja boa noite.

se especialmente selos postais usados que Graymoor coleciona em grandes quantidades e valoriza por meio de intercâmbios internacionais.

Sem falar do que rendem estes selos, mais de 100.000 dólares acham anualmente seu caminho de Graymoor em resposta a apelos por intermédio do rádio e do correio. Graças a esta generosidade e compreensão do público, a Sociedade da Penitencia hoje se encontra espalhada desde New York até à California, e desde Texas até Smoky Lake, no Canadá.

Tanto pela publicidade como pela própria ideia que anima a obra, Graymoor atingiu a celebridade. Aos domingos, durante a primavera, verão e outono, organizam-se regulares peregrinações para a já afamada colina, vindas de New York, New England, New Jersey e Pennsylvania.

Graymoor!... Obra tipicamente americana. Ideias novas para tempos novos.

— Sociólogos em particular — diz o Padre Patrick — gostam de fazer de Graymoor seu campo de pesquisas. Quase não passa um dia que não nos visitem estudantes, ansiosos por averiguar a veracidade do que ouviram contar.

E acrescenta sorrindo: — Quando voltam para casa, depois de verificar que o que ouviram realmente corresponde à verdade, metem-se a elaborar teses sobre reabilitação social, e temas idênticos...

O Padre Patrick como os irmãos leigos e terceiros que ajudam no albergue não têm tempo para escrever teses. Sua tarefa consiste em trabalhar um material humano sempre precioso, por mais rudes que sejam, por vezes, as aparências. Claro está que não cabe em estatísticas tal saneamento humano, por eles praticado, dia e noite, por semanas, meses e anos a fio, mas lembremos apenas que Graymoor, em condições de abrigar 200 desses singulares hóspedes, dispensa 200.000 refeições e 75.000 hospedagens noturnas por ano. Está-se a construir outro albergue anexo com capacidade para 300 hóspedes.

♦ ♦ ♦

É difícil encontrar um irmão Cristovão (tornamos a lembrar que tal nome levam indistintamente todos esses itinerantes que por maior ou menor espaço de tempo se abrigam em Graymoor) que saiba quando precisamente pretende sair. Os frades, porém, não consideram o albergue como lugar onde esses irmãos Cristovãos possam fixar residência definitiva para o resto da vida. Acontece, depois de três ou quatro meses, quando consideram um Cristovão em condições de retomar sua vida lá fóra, pedir-lhe que ceda seu lugar a outrem, talvez mais necessitado.

Durante a sua estada no albergue, fora do regulamento da casa, os Cristovãos gozam da mais absoluta liberdade. Os padres não fazem propaganda religiosa de espécie nenhuma,



Domingo em Graymoor. Romeiros e curiosos, vindos de perto e de longe, em visita à celebre colina.

a não ser indireta. Há, toda noite, alguns minutos de oração, e toda manhã celebração da missa cuja assistência é, porém, plenamente facultativa. Referem-nos o caso dum homem que morreu em Graymoor, depois de permanência de 12 anos no albergue, sem que alguém descobrisse ou procurasse descobrir o credo por ele professado.

Há toda uma série de factos que valeria a pena registrar e que fazem a história de Graymoor. São casos individuais. Parcelas de vidas humanas. Não raras vezes emocionantes. Outras sensacionais. Há de tudo e de todos os matizes.

Jim, por exemplo, há vários anos ajuda o Padre John na chácara. Já foi professor numa conhecida universidade americana. Teria, lá fóra, belas oportunidades. E todavia prefere ficar. Periodicamente é visitado pelos seus filhos, vindos de New York em autos finíssimos. Convidam-no para voltar. Mas Jim não se comove. Prefere Graymoor.

♦ ♦ ♦

Despedimo-nos. Mais uma vez aparece o Irmão Jerônimo, no seu modesto burel castanho. Simpático tipo de frade, apenas um pouquinho nervoso, ou talvez acanhado. E dizemos-lhe adeus!

Graymoor... obra social, nascida das premências dos tempos modernos, e inspirada nos mais puros ideais cristãos e, digamo-lo ainda, tipicamente franciscanos.

De «The Saturday Evening Post»

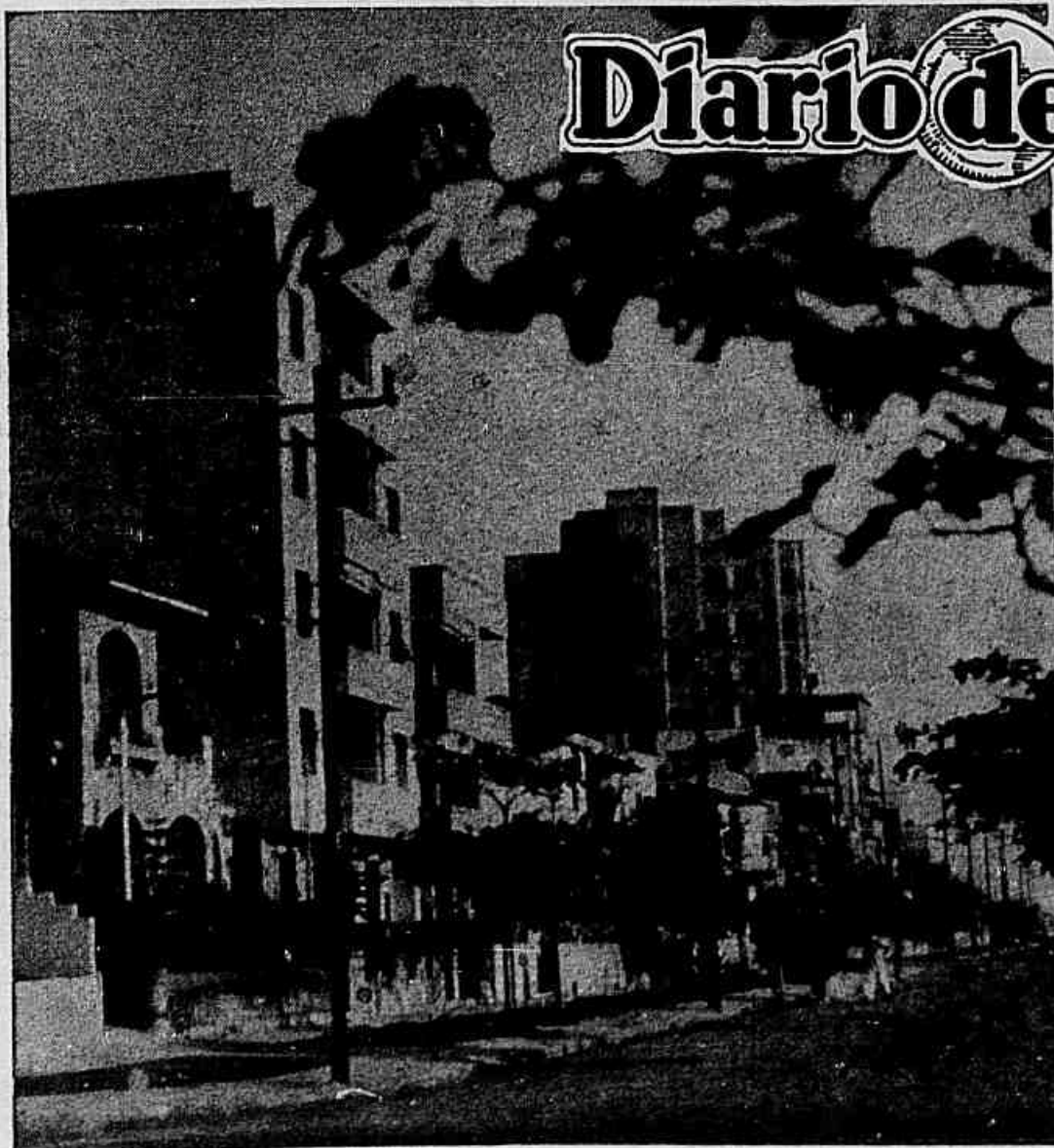
Resumo de OTTO SCHNEIDER

M. CAVALCANTI DE CARVALHO

ADVOGADO

EDIFICIO CANDELARIA — Rua São José, 83-85 — 2.º andar

Sala 208 — Fone 42-4859 — RIO



Diário de Notícias

O jornal
dos bairros
residenciais

Ninguém pode hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os fatos de cada dia, sobre os progressos econômicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça do

Diário de Notícias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000



Abeleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

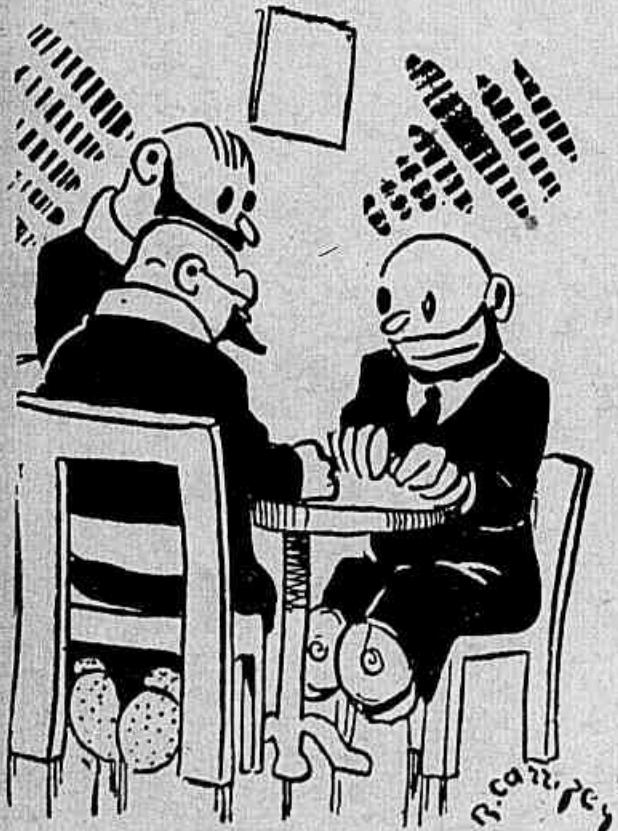
Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

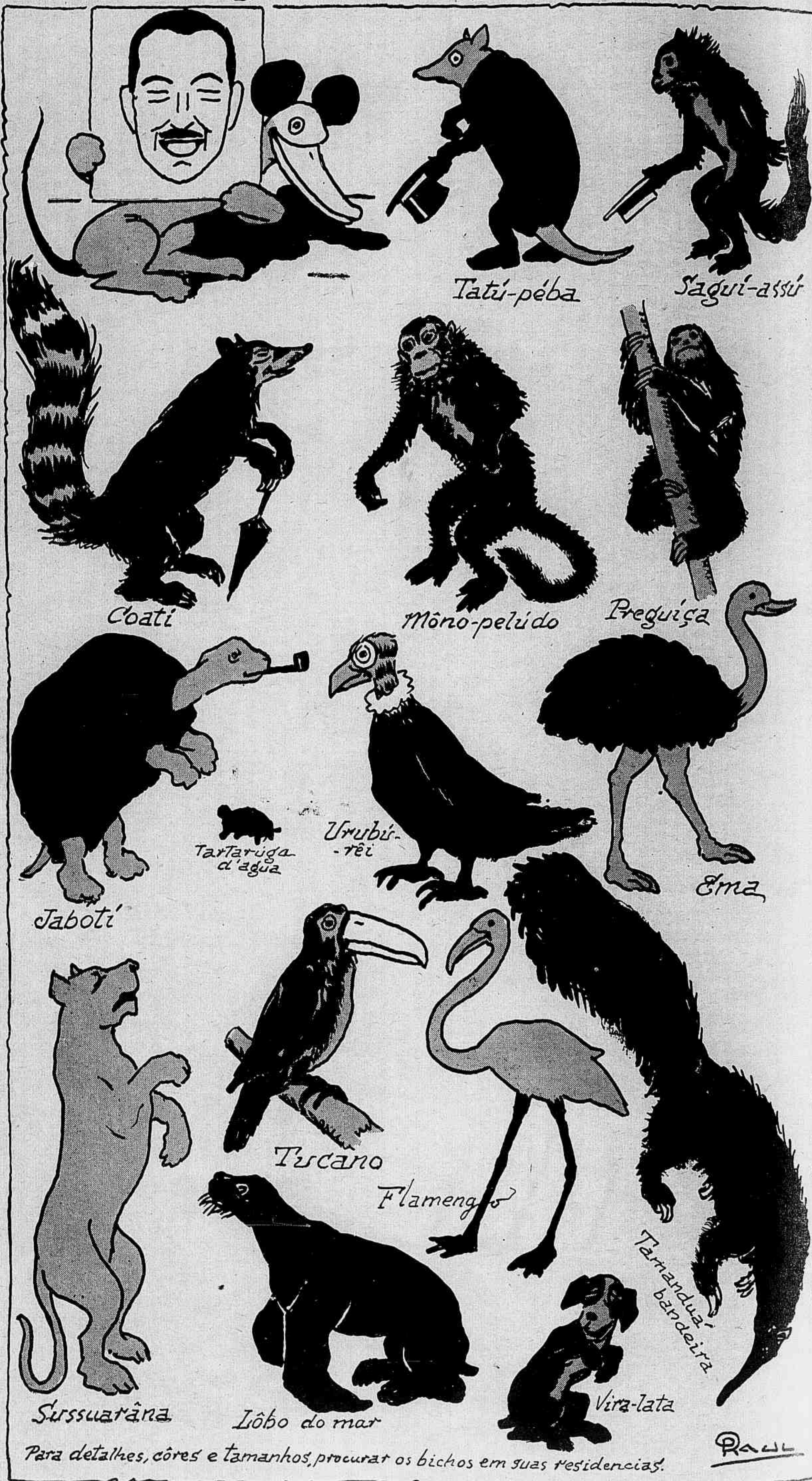
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sã volta a imperar com o uso do Creme de Alfazê "Brilhante".

Experimente-o.



Bichos de casa para films
de fora



Real

LIVROS NOVOS

PAPANGU', fatos e coisas do Nordeste Brasileiro, por Sotero Angelo — São Paulo, 1941.

Papangú é o sertanejo da terra natal do autor. O sr. Sotero Angelo dá-nos dele um retrato ou antes uma caricatura simbólica: «É um sujeito com máscara de pepelão grudada á cara. Barbichas de pai-de-chiqueiro (1) passadas com barbante por trás das orelhas. Uma porção de cascaveis (2) enfiadas pelas argolas de latão nas embiras de caruás (3) que se entrelaçam ao redor do pescoço. Camisa de ganga vermelha, pernas pintalgadas de açafão. Abano de catolé (4) atado nos pulsos; um binga (5) e o realejo são os instrumentos de sua exibição carnavalesca. O exotismo brutal da cena tivera por teatro quatro taperas desconjuntadas na povoação do Exú (6).



Desse tipo bem seu conhecido nos conta o sr. Sotero Angelo, com singular espontaneidade, a vida meio idílica meio bárbara; as suas lutas com a natureza e os homens poderosos; os seus folgedos tradicionais; as suas tristezas e angústias de sempre. O estilo é impetuoso e vigorosamente pitoresco. A cada momento surgem os termos regionais. Identificando-se com os seus personagens, o autor lhes adota a linguagem, não raro de surpreendente poder expressivo. Escreve como aquela gente fala; e deste modo fornece profusa contribuição para os dicionários de brasileiroismos.

Outras vezes, parece que a linguagem própria o atraiçoa e lhe fugiram da memória certas regras necessariamente aprendidas na escola... Disso, porém ele se justifica em nota final, declarando que não corrigiu «muitos erros» apenas «por carência de tempo» e que em próxima edição «serão expurgados tais senões». Esperemos, pois.

♦ ♦ ♦
O DRAMA DO AÇUCAR, por Gileno Dé Carli — Rio de Janeiro, 1941.

O sr. Gileno Dé Carli conta, com esta, seis obras sobre o açúcar. Tornou-se, na matéria, não apenas um especialista, mas um verdadeiro mestre. Nenhum aspeto da questão deixa hoje de lhe ser familiar. E logo as primeiras páginas deste livro considerável nos mostram a limpidez e segurança com que ele pode ventilar o assunto ou ensiná-lo.

Desta vez nos dá o sr. Dé Carli as observações e reflexões duma viagem por grande parte do «mundo açucareiro». Começa por nos explicar por que deu ao volume aquele título impressionante. Foi o que lhe pareceu mais exato e expressivo, depois de assistir em tantos lugares da tão vasta e variada América, ao esforço e á luta de que pode resultar o ouro, ora branco ora amarelo ou cinzento-escuro, tão necessário á economia do mundo. Esse labutar e, em tantos casos, esse sofrer também, ele os presenciou na Trinidad, em Porto Rico, em Cuba, no México, nos Estados. Esteve nos canaviais, nos engenhos, nos entrepostos, em todos os lugares que lhe pudessem oferecer uma idéia geral ou um pormenor característico. Desse modo, viu confirmadas as noções que já possuía e obteve talvez algum dado ou variante que ignorasse. Como quer que seja, sem duvida desta vez a sua autoridade se tornou completa.



♦ ♦ ♦
A MENSAGEM DE GRAÇA ARANHA, ensaio de Teixeira Soares — Rio de Janeiro, 1941.



Graça Aranha não caiu ainda no esquecimento do público e nem de certo cairá tão cedo. Um grupo de homens de letras chamou a si a missão de o lembrar de quando em quando, pela exaltação da sua individualidade e da sua obra. É a Fundação Graça Aranha. Nós a vemos surgir algumas vezes por ano, conferindo prêmios, formando romarias, organizando sessões literárias. Nada mais digno de consideração do que esse esforço de admiradores ao extremo, empenhados em transmitir, espalhar a sua convicção. A Fundação Graça

Aranha aspira a alguma coisa mais do que impôr aos profissionais das letras o culto daquele a quem considera não apenas um mestre, mas um inspirador, um revelador, um messias. Faz questão de que essa espécie de religião se generalize. Trata-se positivamente dum apostolado. E quem não adira integralmente á doutrina pelo menos a deve olhar com acatamento.

Entre os panegiristas de Graça Aranha, o sr. Teixeira Soares é dos que mais alta e nobremente assinalam a sua sinceridade. Não pertence ao numero dos que se aproximam do genio de Canaã, para brilhar á sua sombra. Não procura a exibição — mesmo porque dela não precisa. A sua obra, em que entram o romance, o conto, a critica, o estudo sociológico está mais que vitoriosa. E este ensaio não vem senão acrescê-la duma unidade, como tudo o mais que a compõe, de real valor. A **Mensagem de Graça Aranha** prima pela análise sizada, a apreciação independente, o comentário que, reforçando-se com citações eruditas, nem por isso deixa de afirmar a sua originalidade. A todo este trabalho preside uma exemplar compostura. E assim o Sr. Teixeira Soares presta a Graça Aranha a melhor homenagem: a que consiste em louvarmos a outrem, sem nos esquecermos do respeito que devemos a nós mesmos.

J. L.



A casa que mais barato vende em todo o Rio de Janeiro
UM CÉO ABERTO PARA AS MAMÃES

é a seção de
Vestidos e Roupinhas para creanças de
todas as idades da
NOTRE DAME

Verdadeiros mimos de beleza e graça que fazem realçar a graça e a beleza das creanças. Artigos modernos, elegantes e de perfeito acabamento que lhes garante a máxima durabilidade.

Visitem a
NOTRE DAME
Ouvidor, 182

- (1) — Bode que serve como reprodutor
(2) — Guisos de latão
(3) — Planta textil do sertão
(4) — Palmeira do Nordeste
(5) — Ponta de boi que se enche
(6) — Povoação de Pernambuco.

General Góis Monteiro

QUANDO em 1534 o fanático e mediocre D. João III fatiou o Brasil em capitânias hereditárias, o melhor quinhoeiro foi o velho fidalgo da sua casa real, Duarte Coelho Pereira, descendente também de reis, que doze anos antes desencantara a embocadura do rio São Francisco, medira forças com os mar-selheses que negociavam com os nativos, e estabelecera feitorias naquelas

regiões ricas de páu-de-tinta e de febres miasmáticas. Por galardão a serviços tão gordos á magra corôa portu-gueza, um majes-tático foral lhe doára sessenta le-guas de terras in-cultas, quase um reino! povoadas ruidosamente de fé-ras cruéis e selvi-colas insidiosos.

A desmedida Ca-pitania, que tomara o nome de **Nova Lusitania**, começa-va na barra do rio São Francisco e ia entestar com a de Iguarassú.

O território ala-goano, por conse-guinte, ficára per-tencendo a Per-nambuco no dura-douro período de 383 anos, quando o nefasto coman-dante das armas em Alagôas, Vitoriano Borges, por covar-dia, denunciou ao sanguinário Conde dos Arcos os belos heróis da revolução nacionalista de 1817 — razão ini-cial e feia do des-membramento dos dois territórios ir-mãos.

Duarte Coelho, seduzido e com a imaginação ferida pelo orgulho dos seus vastos domínios extorquidos, pela lei do trabu-co, aos legítimos donos — os **Caetés**, **Abacoatiáras**, **Tabajáras** e **Potiguáras** — foi afanosamente a Portugal e trouxe mulher, parentes e conhe-cidos para povoarem a nova Canaan.

E' na curva inteira desse acontecimento que surge, então, a consabida aventura novelesca de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do régulo português, com uma cunhá filha do morubixaba Arco-Verde, chefe da aldeia de Marim (atual Olinda), cujo cruzamento fez proliferar até hoje a considerável família Albuquerque, que se entrelaçou logo depois com os Cavalcantis — sobrenome este usado pela primeira vez no Brasil por Filipo Cavalcanti, fidalgo florentino, que fugindo á justiça de Cosmo de Médicis, primeiro grão-duque de Toscana, surgiu rocambolescamente no «povo» de Olinda, ligando-se, por casamento, a Catarina de Albuquerque, uma das caribócas do edenico romance do caráiba lusitano.

Semelhantemente a João Ramalho e Diogo Alvares, o **Caramurú** — os ascendentes dos mamelucos paulistas e baianos — Jeronimo de Albuquerque foi, em toda a dilatada Capitania pernambucana, o representante máximo de uma estirpe vigorosa que inaugurou e resolveu o problema do povoamento entre o índio e o branco.

Acontece, porém, que enquanto as figuras do **Bacharel de Cananéa** e do marido da índia **Paraguassú** proseguem nimbadas por segredos de lendas, pois não se sabe como aqui aportaram — si naufragos ou grumetes rebeldes — a família Albuquerque apre-senta uma árvore genealogica direita e verdejante, cujo tronco brotou nas casas muito principais de Portugal e os mais fortes ramos nas florestas do Norte, continuando ainda hoje a florescer e a farfalhar em todo o Brasil.

Pode-se assinalar a data da verdadeira conquista do território alagoano em 1560, seis anos depois da morte do primeiro donatário Coelho Pereira, quando seu filho Duarte Coelho de Albuquerque, que o substituiu, organizou duas **bandeiras** para explorar os domínios da sua herança e atacar o difícil problema do povoamento. Tomando a frente da primeira, em companhia do seu irmão Jorge, esse diligente Albuquerque rumou á costa sul, subiu o São Francisco e fundou, á margem esquerda desse rio, a atual cidade de Penêdo; a segunda **bandeira** guiou-a o fidalgo Cristovam Lins que, á maneira dos Ticienses nas terras latinas dos Lácios, varreu os **Potiguáras** da fôz do rio Camaragibe até ao Cabo de Santo Agostinho, apossando-se dessa imensa faixa de terra, a qual dividiu com os seus parentes e alguns colonos chamados, ao tempo, **homens de calidades**.

Com o êxito, pois, dessas duas bandeiras e o messacre anterior dos **Caetés**, dirigido por D. Brites de Albuquerque, viúva do primeiro donatário, iniciou-se a aristocracia rural em Alagôas.

Mas foi, contudo, depois do êxodo dos pernambucanos em 1635 para a Alagôa do Sul — consequência fatal da queda do Arraial do Bom Jesus e do cerco de Nazaré, pelos holandeses — que importantes ramos da família Albuquerque-Cavalcanti, desganhando-se, se enselvaram nos êrmos daquelas circunvizinhanças das primitivas sesmarias dos Lins e dos Barros Pimentel.

Alagôas, agora, é comarca, e o rio Una delimita de vez a fronteira litoranea, sepa-rando Porto Calvo de Olinda. E' o ensaio esperangoso da sua autonomia administrativa. São passados mais cem anos. Estamos em 1817. Desta vez a comarca quer a sua eman-cipação. A revolução nacionalista, fazendo martires, heróis e traidores, emancipou-a por fim.

Com fôros de Capitania, Alagôas entra agora num período de larga prosperidade. S6 Porto Calvo ostenta cem boeiros de engenhos. A industria açucareira é o pilar da sua economia; o açúcar, o ouro doce e facil de colher-se.



General Pedro Aurelio de Góis Monteiro.

Todas aquelas terras estão cobertas de verdejantes canaviais. Os carros de bois, cheios até aos fueiros, sulcam o massapé das estradas, conduzindo a cana ainda sangrando para as bôcas famintas das moendas. As rodas dagua e as manjarras trabalham de sol a sol. As bagaceiras quasi alcançam os telhados dos engenhos. As fornalhas continuam a devorar com sofreguidão os tóros de madeira verde, enquanto as linguas de fogo lambem infer-nalmente o fundo das grandes tachas que borbulham e escumam como monstros acuados. Sôbem as cifras dos pães de açúcar. As safras são sempre gôrdas e lucrativas. Da margem do rio Camaragibe á do Santo Antonio Grande, moem todo ano 14 engenhos: o **Cassanha Grande**, o **Roncador**, o **Cachoeira**, o **Quitunde**, o **Urussú**, o **Santa Helena**, o **Santa Maria**, o **Cabeça de Peirco**, o **Pacas**, o **Lagôa Vermelha**, o **Flamenguinha**, o **Sacramento**, o **Forquilha** e o **Guindaste**. Seus proprietários são homens de haveres e, por outro lado, descendentes diretos da an-tiga aristocracia rural pernambucana que ha muitos anos emi-grára para aquelas terras fecundas e dadasivas. Tudo aquilo é o feudo de famílias que se enastraram por casamento de interêsses de sangue e pecuniarios, como era vêzo no tem-po. São os Cavalcanti de Albuquerque, os Machado da Cunha, os Gusmão Lira.

Manoel Cavalcanti de Albuquerque, da tradicional família Arcoverde de Pernambuco, era, por esse tempo, proprietário do engenho «Castanha Grande», o mais im-portante de todos os daquelas redondezas. Havia se ca-sado cêdo na família dos Machado da Cunha, também se-nhores de engenho abastados e de bôa linhagem portu-guesa. Vira á menina Rosa da Cunha Machado numa das memoráveis festas de Nossa Senhora do O' do Mirim, que se faziam todos os anos em Piôca, o humilde povoadozi-nho onde, mais ou menos por essa época, nascia o grande Floriano Peixoto.

O pernambucano apaixonára-se, de repente, pelos olhos vivazes e esquivos da menina de engenho. Cursava êle, então, o ultimo ano do Seminário de Olinda, o mais importante educandário da vizinha Capitania, fundado em 1798 sob os auspícios de D. Maria I e com a direção geral do celebre bispo educador d. Azerêdo Coutinho. Rapaz ardente, com sangue azul nas veias, sacudido naturalmente pela tãra do romantismo da época, numa dessas exaltações inconcidentes da personalidade abandonára os estudos e casára-se.

Os filhos lhe vieram sucessivamente em numero de dez: três homens e sete mulheres: (1) Ambrosio, Manoel, (2) Joaquim, Maria Luisa, Maria Pastora, Luisa, Rosa, Clara, Ana Rosa e Constança.

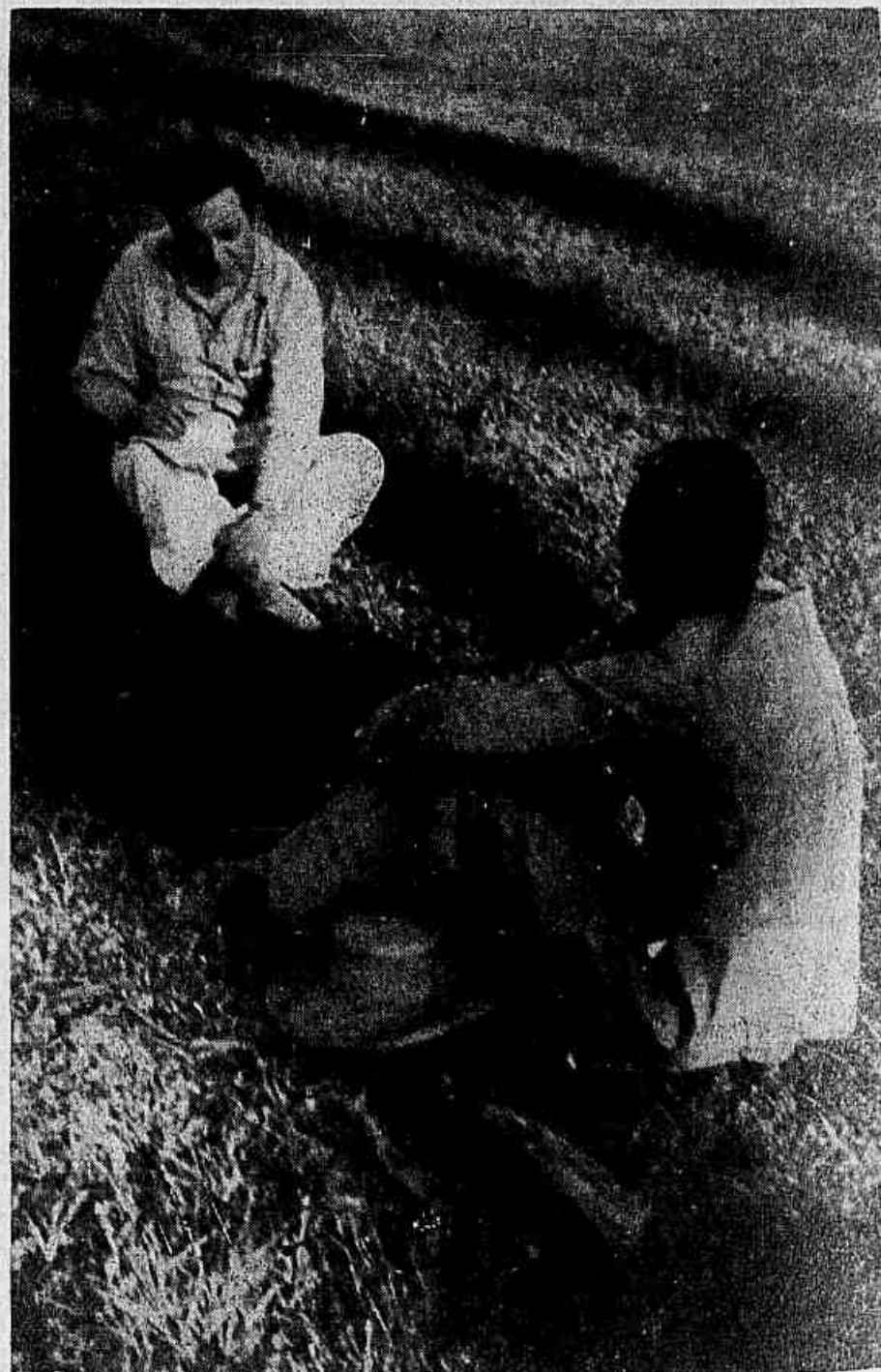
Cercado de considerações, já abastado e com um nome ilustre de família a zelar — a maior riqueza do patrimonio moral que reservava para os filhos — o coronel Manoel Cavalcanti tornou-se a figura mais importante e ouvida daquelas redondezas, aplicando sempre as suas atividades no aperfeiçoamento e na administração dos seus engenhos, ora mandando arregaçar a mataria que tapava as terras bôas e arroteá-las para intensificar o lavoura de algodão, do milho e da mandioca, ora dessangrando os pântanos para que se espraiasse mais ainda o mar verde dos seus canaviais. Homem sem ambigões, e com a maior de todas — que era a de guardar cuidadosamente o respeito, a paz e a educação do seu lar — teve a suprema alegria de colaborar, até ao escurecer da vida, na felicidade de cada filho. O enge-nho «Castanha Gran-de» era ao mesmo tempo altar e tálamo de cada filha que se casava. Tão auspicio-so acontecimento mar-cava então uma época na memoria da família e das povoações vi-zinhas.

Foi numa dessas fes-tas que, um dia, apa-receu no «Castanha Grande» um colega de Ambrosio Macha-do — o primeiro filho do generoso Albu-querque, que então estudava Direito em Recife. O convidado, além de um rapaz ele-gante e de bôas ma-neiras, era ainda filho do rico coronel Ro-sendo Cesar de Gois, senhor dos importan-tes engenhos «Retiro» e «Cana Brava», em São Miguel dos Cam-pos e por sua vez ca-sado com d. Ana Te-reza de Moura, tam-bem de progenitura nobre. O academico, ao tornar a Recife, estava apaixonado por Ana Rosa, a sexta fi-lha do coronel Manu-el Cavalcanti. Assim que recebeu o diplo-ma veio especialmente ao «Castanha Gran-de», pediu a eleita do seu coração em casamento e... casou-se. Como dote, a noiva recebeu vinte contos em dinheiro e o engenho «Cachoeira». O coronel Ma-noel Cavalcanti era assim: a cada filha que se casava dava vinte contos em dinheiro e um engenho de porteira fechada.

Os recém-casados, dr. Manoel Cezar Bezerra de Gois e D. Ana Rosa Cavalcanti



Exma. Sra. D. Constança Cavalcanti de Góis Monteiro, genitora do general Góis Monteiro.

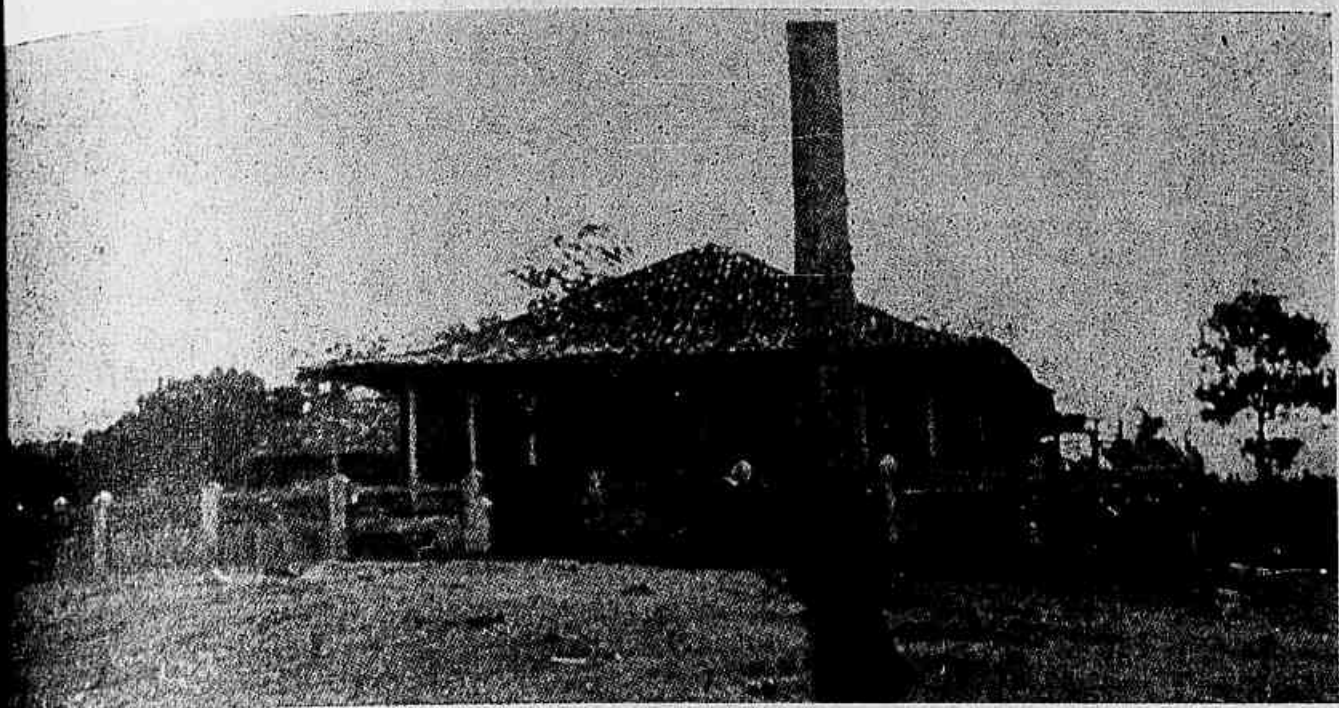


O escritor Romeu de Avelar no pátio do engenho "Guindaste", colhendo dados com o preto "Bolão" companheiro de infancia do general Góis Monteiro.

História de um berço ilustre

Romeu de Avelar

(De um livro a sair)



Casa-grande do engenho "Guindaste" onde nasceu o general Pedro Aurelio de Góis Monteiro.

de Gois foram então residir no engenho que lhes coubera como presente de noivado. Espírito culto, insinuante e bafejado pela família do sogro e do pai, o dr. Manuel Cezar Bezerra de Gois galgou rapidamente as mais altas posições na Província, sendo deputado em varias legislaturas juntamente com seu cunhado dr. Ambrosio da Cunha Machado Cavalcanti.

Foi nos primeiros tempos em que o jovem casal residiu no «Cachoeira» que lhe nasceram dois filhos: Rosa e Manoel, que morreu no segundo ano de Direito, de uma febre contrada mais tarde no engenho «Guindaste». Por essa época um parente da família do sogro — o capitão Tobias Coelho, filho do velho Luis Coelho de Gusmão, fundador do «Guindaste», e que foi vice-presidente da Província em 1853, e que, na guerra dos «Lisos e Cabeludos», pegou em armas contra os «Cabeludos» — propusera-lhe uma troca dos dois engenhos. O herdeiro de Luis Coelho dava o «Guindaste» pelo «Cachoeira», voltando o dr. Cesar quinze contos. Este conhecia as boas instalações do «Guindaste» e as ótimas terras que o tornejavam, cujas varzeas davam grossas canas planta, sóca, ressóca e até tatarassóca, sem falar no rio *Gitituba*, rico de peixes e que fertilizava todos aqueles campos. A permuta, de facto, era vantajosa. O coronel Manoel Cavalcanti soube do negocio, e nesse mesmo dia chamou o genro e disse-lhe: «Pegue, que o dinheiro eu dou».

Dias depois o dr. Manoel Cesar Bezerra de Gois era proprietário do engenho «Guindaste».

Sentindo-se em adiantado estado de gravidez, d. Ana Rosa desejou dar á luz na casa de seus pais, no engenho «Castanha Grande», onde então veiu ao mundo a menina Constança Cavalcanti, aquela que o destino reservára para ser a feliz progenitora de um dos mais insignes militares brasileiros — o general Pedro Aurelio de Góis Monteiro.

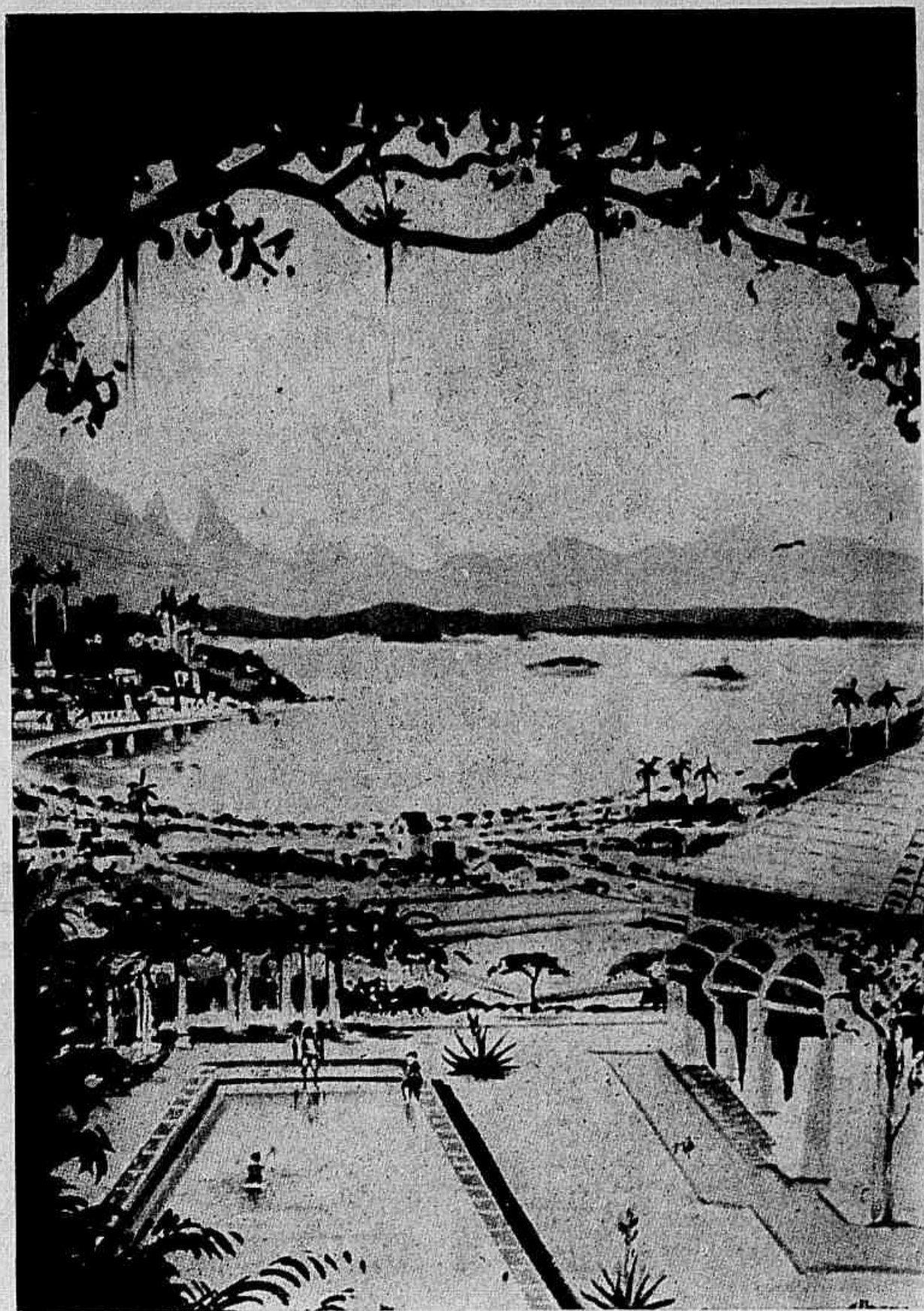
(1) — O primeiro filho de Manoel Cavalcanti de Albuquerque e de d. Rosa Machado da Cunha Cavalcanti, foi o dr. Ambrosio Machado da Cunha Cavalcanti, formado em Direito pela Academia de Recife em 1852 e em Ciências Políticas e Administrativas pela Universidade de Bruxelas em 1857. Casou-se em 1861 com d. Antonia da Silveira Lins, filha do visconde de Utinga. Foi um dos mais ilustres alagoanos do seu tempo. A sua carreira política honrou-o a si proprio e serviu como espelho de dignidade, de independencia e civismo aos seus contemporaneos. Juiz Municipal da comarca da antiga Imperatriz, em 1854, dois anos depois de formado, foi sucessivamente deputado provincial em três legislaturas, sendo ainda reeleito para a camara de 1868, quando então dissolvida, estando na presidencia o comendador Pereira de Alencastre, que governou Alagoas 10 meses e 11 dias. Um ano antes havia se mudado para o engenho Urussú, no municipio de Pernambuco. Profundamente democrata, depois de ter se afastado, por algum tempo, da vida politica, foi impellido a intervir nas eleições de Vitoria, onde impediu a oligarquia da familia Souza Leão, ficando gravemente ferido na hecatombe de 27 de Junho de 1880, em que perdeu o seu cunhado Barão da Escada. Nos ultimos tempos tornára-se republicano, e foi como chefe do partido republicano historico de Pernambuco que chegou a vice-governador com o dr. Barbosa Lima. Vitimou-o uma lesão cardíaca, fechando os olhos em 4 de Abril de 1897, cercado de parentes e amigos no seu engenho «Gaipó».

(2) — Joaquim Machado da Cunha Cavalcanti, o terceiro filho do coronel Manoel Cavalcanti de Albuquerque deixou o curso de Medicina em Bruxelas no 6.º ano. Foi poeta satírico aos 16 anos. Fundou a cidade de São Luis do Quitunde, em 1869. Assassinou-o, em 1885, o cidadão Joaquim Lacerda, por questunculadas de aldeia. Era pai do celebre panfletario alagoano João Francisco Coelho Cavalcanti (João Barafunda) e da mulher do dr. Manoel Pontes de Miranda, pai do ministro e grande jurista Pontes de Miranda.



O engenho "Guindaste".

Compre o seu terreno e Construa o seu lar no JARDIM CARIOCA (Ilha do Governador)



UMA VISÃO PANORAMICA DO JARDIM CARIOCA

Neste local maravilhoso estão á venda os melhores terrenos da Ilha do Governador, a longo praso, sem juros e ainda com direito a sorteios de quitação! mais de 3 mil lotes já foram vendidos! mais de 25 lotes já foram entregues em sorteios realizados!

Peçam prospectos e informações á

Av. Rio Branco - 108 - 6.º and.

Fones 42-3554 e 42-3812

(Legalizados sob n.º 1 no 7.º Of. de Imóveis, Lei, 58)

CAXAMBÚ — Um pouco de estatística Um pouco de história

ALVARUS DE OLIVEIRA

Graças à importância que ultimamente as nossas publicações veem dando às reportagens de viagens, graças em grande parte aos "shorts" obrigatórios que os cinemas exibem, o brasileiro vai tendo noção exata da grandeza do seu país, vai se acostumando a dar mais valor ao que lhe pertence e se vai mesmo interessando pelas coisas nossas.

Nós mesmos que ultimamente temos viajado continuamente em misteres comerciais, com grande prazer, com grande ansiedade e com enormes surpresas, não perdemos vasa em relatar para os nossos leitores o que vemos e o que sentimos através da nossa querida terra. Aliás foi sempre ideal que alimentamos desde criança... Era antes de tudo sermos útil ao nosso Estado, conhecê-lo de perto, sentir-lhe o coração. Hoje já o conhecemos quase todo. De 50 municípios talvez não conheçamos apenas 10, que ainda teremos o ensejo, si Deus quizer, de percorrer. Depois do Estado do Rio, o Brasil que vamos desvendando aos nossos olhos ávidos e à nossa alma mais ávida ainda... Não temos a preocupação de conhecer o estrangeiro antes de conhecermos o Brasil. Há aqui mesmo muito que ver, que sentir, que aprender...

Foi assim que rumámos mais uma vez a Caxambú, no sul de Minas, linda estância onde nós, que lutamos pela vida no Rio tumultuoso, repousamos o espírito, encantamos a alma e reconfortamos o corpo...

Caxambú não fôra visitada por nós a primeira vez. Já nos vamos acostumando a ela, e cremos mesmo, salvo erro ou omissão, que em nenhum ensejo deixaremos de retornar à "cidade miraculosa" para buscar novas energias, novas forças para o trabalho insano de 365 dias quase que completos! Tão eficiente quão eficaz achámos Caxambú.

Desta vez não foram apenas os encantos naturais que nos prenderam. Além da exuberância das suas matas lindas, das suas serras azuladas pela distância, fomos conhecer-lhes também a história...

Dizem que as terras atualmente caxambuenses, além, muito além dos nossos tempos, foram habitadas pelos índios "catagua", bravios e heróicos, que eram um espantinho para os nossos não menos heroicos bandeirantes. Há duas versões da origem do nome de Caxambú: — Cacha (Tambor) e Mumbú (música), de origem an-

golense, e conforme Pais Leme, Caa (mato), Xa (ver) e Umbú (riacho), isto é: — mato que vê riacho.

Em 1706, o mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira, obtendo do seu genro uma sesmaria localizada nas terras de Baependy que compreendia as atualmente de Caxambú, iniciou reformas consideráveis na administração das suas terras, incentivando plantações, impondo disciplina etc. Em 1806 estas mesmas terras pertenciam ao sargento-mór Joaquim Silveira de Castro Souza Medonho e já aí se falava nas virtudes das "águas santas de Baependy". Mas só em 1875 houve a concessão de explorar as mencionadas águas, o que não foi adiante. E a concessão foi passada ao dr. Saturnino de Sales Veiga, que a transmitiu ao dr. Lavadeira, que a passou à atual empresa.

Caxambú foi constituída prefeitura em 1905, tendo sido seu primeiro prefeito o dr. Americo de Macedo (por falar nisso, há tantas ruas novas em abertura em Caxambú e não nos recordamos de ter visto alguma com o nome do seu primeiro prefeito). Só a 18 de setembro de 1915, a vila foi elevada à categoria de cidade, continuando até agora como cabeça de comarca da cidade de Baependy...

Caxambú está situada entre montanhas. Olhando-se do alto do ponto máximo do município que é o morro de Caxambú — onde existe o Cruzeiro, que identifica a cidade à distância (990 metros) — só se vêem montanhas cercando outras montanhas. Está à altura de 900 metros acima do nível do mar. É uma cidade moderna, bem traçada, com ruas largas, extensas e bem calçadas, com lindas praças. Atualmente a cidade se desenvolve bastante pois apenas em um ano notamos grandes reformas, como ruas novas calçadas, muitos prédios construídos e em construção, o Grupo Escolar terminado, o novo prédio da Escola Normal, o novo cinema funcionando, bela e moderna casa de diversões, e em princípio duas novas praças e calçamento da estrada que vai para S. Lourenço (trecho). O jornal da terra, "O Caxambuense", está circulando. A cidade tem um bom serviço de luz (aliás fornece luz para Soledade e para S. Lourenço), comunica-se por trem, estradas de rodagem com vários pontos do Estado. Tem vida associativa, com o Clube Caxambuense, cujo patrimônio vai além de 120 contos. A instrução está bem adiantada, tendo um ótimo Ginásio, o Municipal, uma Escola Normal, um Colégio Evangélico, um Patronato, um belo Grupo Escolar e muitas escolas públicas municipais e estaduais. O serviço de saúde municipal é dos mais completos. Já tivemos oportunidade, aliás, de nos referirmos à organização com carteiras de saúde para quantos trabalham na cidade, não sendo possível aceitar ninguém para funções quaisquer sem o respectivo exame de saúde. Possui uma Casa de Caridade. Três associações de classe, três beneficentes, várias esportivas, três igrejas. Possui Banco instalado, Caixa Econômica Estadual junto à coletoria e correspondente dos maiores e mais importantes bancos nacionais. O comércio é importante e há algumas fábricas pequenas. Há cerca de 20 hotéis e pensões e quatro cassinos. Para se ter uma idéia do movimento dos cassinos podemos informar que um dos últimos, que estava fechado já em abril, encerrara com o lucro de quase 1.000 contos a temporada de 1941. Há 5 dentistas, 7 médicos, 4 engenheiros e um advogado.

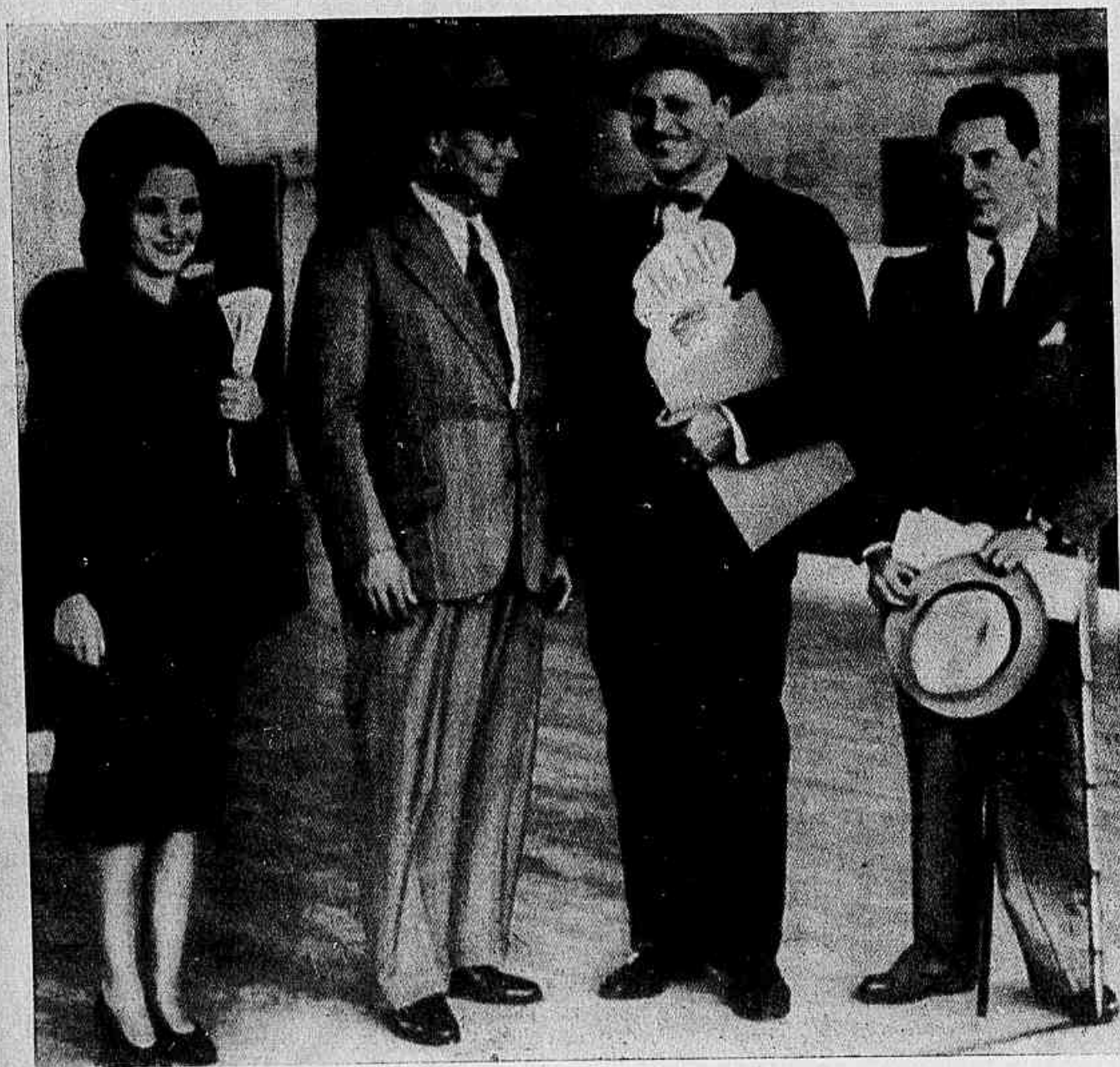
Atualmente se trabalha na instalação de estação de rádio local e será a única das estações daquelas redondezas, tendo um raio de ação bem grande. Será mais um passo para o progresso da cidade.

Só notámos a falta de uma boa biblioteca municipal. Há no município muitos estudantes e mesmo há pessoas que veem repousar e que teriam vontade de recrear o espírito lendo boas obras sem o dispêndio certamente. Faz falta uma biblioteca no município.

O parque das águas é o local mais pintoresco da cidade. Ali se passam as melhores horas do dia. Há conforto, há comodidade, há beleza e encanto. Tem balanços, tem rink de patinação, tem uma das melhores piscinas do país e única do mundo que é cheia de água mineral; tem campo de esportes com **volley-ball**, **tennis**; tem tiro ao alvo, pingue-pongue, aparelhos de ginástica e um balneário à altura da população aquática. Ao meio do parque corre o riacho Bengo que é cortado por várias pontes artísticas.

Caxambú é uma bela cidade, das cidades do interior que tem recursos de grandes cidades, conforto de cidades maiores, sem, porém, a inquietação, o movimento do turbilhão, do tumultuar das grandes metrópoles. Um clima adorável em uma água miraculosa.

Nós a bendizemos, Caxambú, pelo bem que nos tem feito à saúde do corpo e da alma!



PELO COMERCIO. — Conforme fôra amplamente noticiado pela imprensa, acha-se entre nós, procedente de Buenos Aires, pelo avião de carreira da Panair, o sr. Albert A. Abkarian, gerente da Divisão de Exportação da Carters Products Inc., New York, que está percorrendo os países da América do Sul com o objetivo de estudar a situação dos varios mercados desta parte do continente com referência aos produtos de sua organização, entre os quais se salientam as Pilulas Carters, para o fígado, e o Creme desodorante Arrid. O clichê fixa um aspecto da chegada de Mr. Albert Abkarian, no Aeroporto Santos Dumont, vendo-se também no grupo a senhorita Anita Murrieta, o sr. S. V. Mangual e o gerente da Eclética no Rio.

BELAS ARTES

Ariadne, artista de três anos

Lê-se no pequeno catálogo da exposição infantil de Ariadne Antares: "Aos três anos de idade, inspirada em contos de fadas e em cenas e aspectos da vida do Rio de Janeiro, teve as suas primeiras manifestações artísticas. O pintor Nigri, tendo casualmente observado e admirado os desenhos espontâneos executados pela menina, lembrou-se de apresentá-los ao público como um estímulo para a pequenina artista e homenagem ao seu talento precoce".

Na verdade, observando-se com um pouco mais de atenção as brincadeiras dessa menina de três anos, que, de qualquer forma, sabe aproveitar os lápis de cores que lhe chegam às mãos. Facilmente se conclue que existe naqueles bonecos ainda mal delineados o indício de uma bem acentuada intuição artística.

Não pelos bonecos em si, é claro, mas pelo espírito das suas composições que revelam, realmente, um certo senso de observação, o que em uma criança de 3 anos é assombroso.

"Menina resfriada", por exemplo, é um pequenino drama infantil.

A menina resfriada aparece lá em cima, na janela do sobrado, invejosa da coleguinha que está na rua, passeando. A pequenina prisioneira da gripe agita os bracinhos, por trás da vidraça descida, num desespero de avesinha engaiolada.

"Lavadeira", "Procissão saindo da igreja", "A patrão chegando em casa" são outros tantos flagrantes da vida de todos os dias que Ariadne viu e reproduziu nos seus desenhos coloridos, e não deixam de ser interessantes pelas linhas de composição que cada qual revela.

Dá, porém, a ser "pequenina artista", a diferença é tanto ou quanto sensível, exagerada mesmo.

Não devo negar que, com essa idade, é a primeira vez que vejo uma criança rabiscar, sem ela saber como, os seus bonecos e fazer com que a gente grande lhes advinhe um pouco da alma.

Há crianças que comumente colaboram em revistas infantís, mas não saem dos elefantes, dos barquinhos a vela, dos artistas de cinema. Nas exposições das escolas primárias aparecem também revelações, mas aos seis ou sete anos.

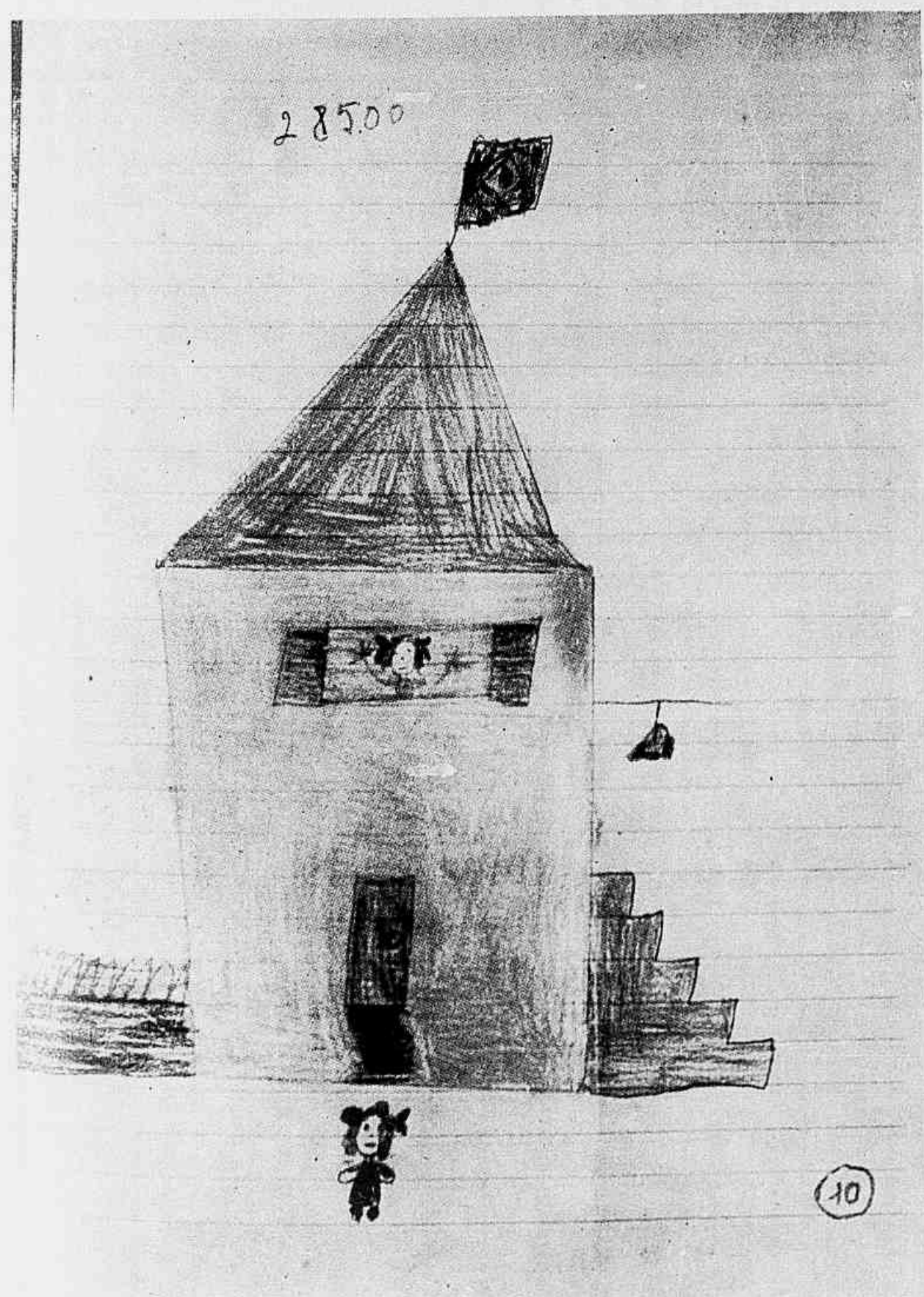
Com a idade de Ariadne, não conheço criança alguma que rabisque uma procissão ou um quadro de composição, cousa, aliás, que até os nossos artistas medalhados têm evitado.

Não a chamemos, porém, de pequenina artista, quando somente uma intuição artística os seus trabalhos revelam. Incentivemos somente essa intuição, mas colocando a menina no plano em que ela deve ficar até o que seu espírito atinja a formação necessária para a devida consolidação dos seus dotes artísticos.

Digamos, por exemplo, que as professoras das escolas primárias devem levar os seus alunos até o térreo da Associação Brasileira de Imprensa para que vejam a exposição de Ariadne, não como se vissem a exposição de um artista, mas a revelação de uma tendência.

Do contrário, surgirá uma legião de "pequeninas artistas" e, com essa legião, teríamos todos que admitir uma nova corrente artística de consequências imprevisíveis.

E depois, no momento em que os nossos modernistas pretendem haver criado o espírito novo em nossas artes plásticas, a infantilidade da técnica de Ariadne, não chega a constituir uma expressão de genialidade, mesmo precoce...



"Menina resfriada".



O Pequeno Pescador.

EXPOSIÇÃO SANTA ROSA

Dentre os nomes mais expressivos de nossa chamada arte moderna, o de Santa Rosa se impõe como um dos batalhadores mais tenazes.

Talvez tivesse sido ele um dos pioneiros da nova corrente, antes mesmo de, Cândido Portinari ter esquecido as regras acadêmicas que lhe foram ensinadas na Escola de Belas Artes e que lhe outorgaram, com aquele retrato de Olegário Mariano, o ambicionado prêmio de Viagem à Europa.

Santa Rosa, portanto, é sincero na sua religião estética, religião que ele defende com a coragem e a persistência de um apóstolo e por isso não cabe a mim, nem a ninguém, destruir essa convicção e tentar desviá-lo do caminho que a si mesmo traçou.

Assim, pois, o racional é que se julgue os seus trabalhos dentro de uma justa compreensão do seu valor de modernista, sem pôr as linhas dos seus bonecos, mas procurando sentir o que neles existe de sentimento e expressão.

Como todos os seus colegas de credo, ele despreza a pureza da forma, para expressar somente o sub-consciente dos seus modelos. E é através do nosso sub-consciente que devemos julgá-lo.

Ao vêr a série dos seus trabalhos, agora expostos na Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace-Hotel, não recuo do meu ponto de vista quanto ao verdadeiro mérito da Arte Moderna, que, para mim, foge a beleza da forma para se entrançar na casamata da imaginação.

Há em quasi todos os seus quadros, assuntos que seriam emotivos se o desenho não lhes desse um quê de caricatura, um espírito de sátira que parece caracterizar a obra do pintor, como naquele quadro em que o pescador se apresenta com dois peixinhos minúsculos. A sua máscara traduz a tortura do homem que deveria ter despendido um esforço enorme para obter tão fraco resultado. A forma caricatural da figura, entretanto, destrói o sentimento que poderia despertar a sua expressão inquietante.

Já nos aspectos dos morros, com os seus sambistas, em que Santa Rosa nos aparece como um grande ilustrador, a sua pintura é mais real, mais viva, mais pitoresca.

"Serenata" é dos trabalhos expostos o melhor. Tem sobretudo uma ambiência apreciável, como cor e como composição.

A exposição de Santa Rosa merece, pois, ser vista.

No seu gênero ele é, sem dúvida, um dos primeiros.

LEONARDO SILVA



BAILE DOS ARTISTAS

De fóra, apreciando a festa dos artistas
as jovens cariocas inspiram os que para
lá se dirigem...

O comendador Roque de Carvalho, dono
da festa e amigo dos nossos artistas,
tem a sua agradável palestra disputada.
Vemo-lo aqui com as sras. Adelia Oli-
veira, Helena Amaro e Argentina Reis.

Pintores e escultores entregam-se á coreografia: Geraldo
Lima e Lea Ram; Maurício Neumann, pintor austríaco,
e Argentina Reis no primeiro plano.



Senhoras que estiveram presentes á festa: Georgina de Albuquerque, Yvonne Visconti Cavalleiro,
Sofia Madruga e Haydée Santiago.



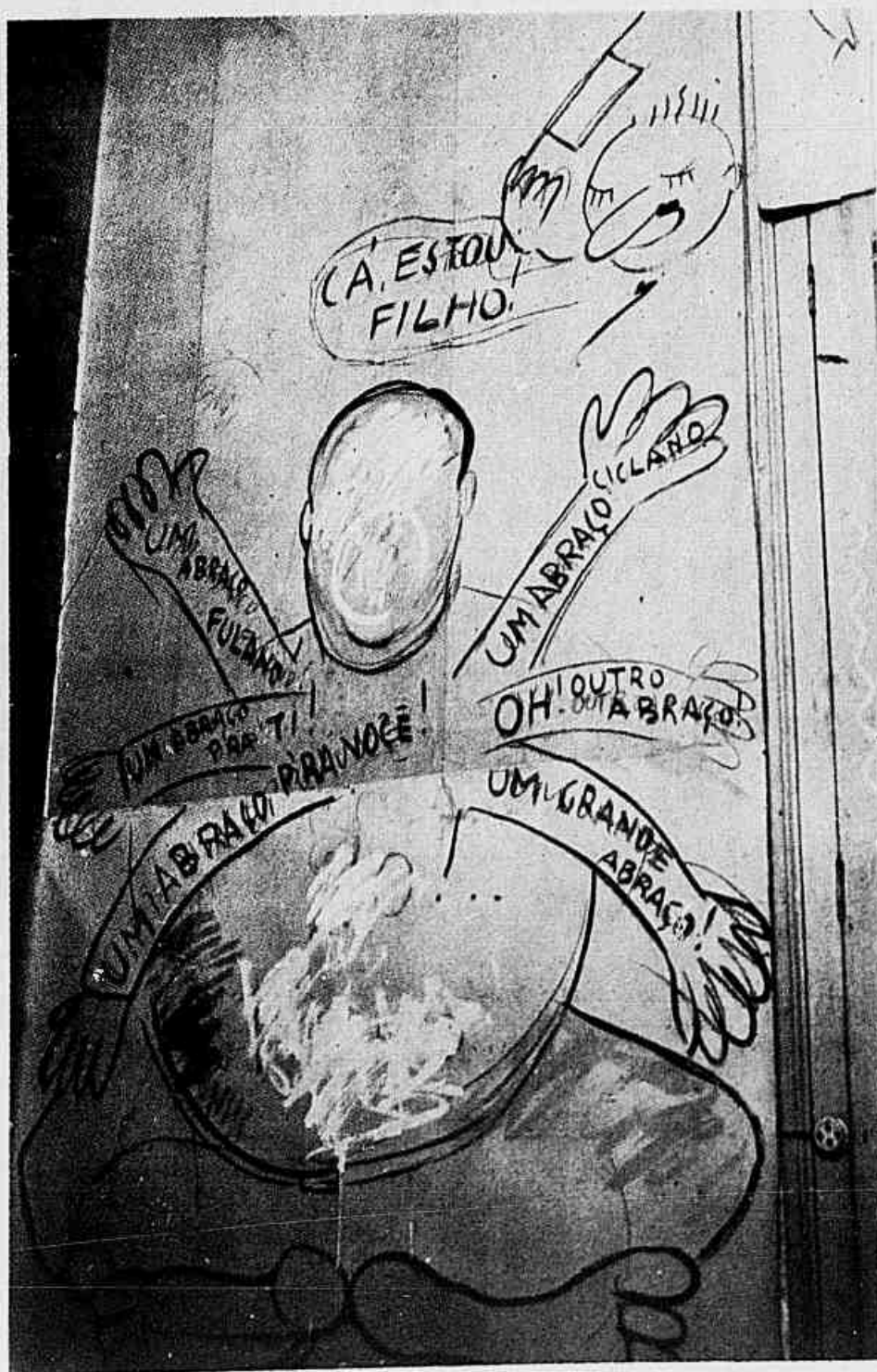
Uma palestra improvisada que o reporter surpreende: srs. Castro Filho, Alexandre de Almeida e Luis
de Almeida; sras. Vera Wiltgen, Alice Wiltgen, Haydée de Almeida, Violeta Costa e Maria Mariante.



[Artistas que estiveram presentes ao baile.



O jornalista Jarbas de Carvalho, em palestra com as sras. Argentina Reis e Helena Amaro.



Os artistas do Salão de 41 fizeram preceder a abertura da Grande Exposição de uma originalíssima festa dançante, que teve lugar na residência do comendador Roque de Carvalho. As salas do tradicional amigo dos nossos artistas foram decoradas especialmente para a festa com ilustrações e charges alusivas a personalidades do mundo artístico e intelectual brasileiro. A imprensa carioca mereceu uma homenagem

entre as muitas referências humorísticas às atividades dos homens de letras do Brasil.

A comissão organizadora dessa magnífica festa de solidariedade, à qual felicitamos, incluiu os srs.: A. Bracet, Oswaldo Teixeira, Castro Filho, Peregrino Junior, M. Madegali, Navarro da Costa, Quirino Campofiorito, Armando Viana e Hélio Seelinger, e os jornalistas Frederico Barata, Garcia Junior, Tapajós Gomes, Jarbas de Carvalho, Carlos Rubens, Mario Magalhães, Carlos Maul, Caribé Rocha e poeta Olegário Mariano.

Ultima Carta

Amiga Olga:

Estranhará você, sem dúvida, esta minha carta; entre nós, se estendem o tempo e o espaço. Mas justamente por isto lhe escrevo. O tempo e a distância, completados pelo silêncio, fizeram o que fatalmente teria de ser feito: acalmaram o coração, confundiram as imagens e destruíram o amor. Ainda mais estranho lhe parecerá que eu empregue a palavra "amor"; nunca a havia você ouvido de meus lábios. Mas quando conhecer a rara história de amor que se passou a seu lado sem que você o suspeitasse, apesar de ser protagonista, já nada a surpreenderá neste mundo.

Amiga Olga... Sim, você era minha amiga! Amiga como quicá outrem não fôra neste mundo. Mas por pouco tempo; a sorte não me favoreceu. A história que vou contar-lhe agora tudo dissipou. E a culpa foi minha. Eu não pude ser seu amigo, apesar de querê-lo ardentemente. Interpôs-se o coração... O coração! quanto dano faz a quem consegue dominar!

Foi assim:

Seus pais, seus irmãos, todos os seus guardavam-na e protegiam como a uma pedra preciosa. E quantos eram! Jamais consegui falar com você a sós, ou pelo menos em voz baixa, com a segurança de não ser imediatamente interrompido. No entanto, sua amizade franca manifestou-se em tudo, mau grado o receio dos seus. E a atenção que você punha quando lhe contava algum conto, e o interesse que demonstrava por aquelas histórias em série que lhe ia relatando à medida que se sucediam, quanto fizeram murmurar a família! recorda-se? Eu a tinha ao corrente de meus sucessos, e você por sua vez me inteirava de suas preocupações; nosso gosto pelas mesmas coisas aproximava-nos irresistivelmente; livros, música, plantas; e sempre tínhamos algo a comentar. Finalmente, você era mais amiga minha que de ninguém.

Eu, por outro lado, vi em você, minha amiga, a mulher que necessitava. A esposa deve ser primeiro, e acima de tudo, amiga; depois, mulher. O amor pode ser efêmero; e se não há amizade, nada restará então. O amor é frágil ao tempo; em compensação o tempo reforça a amizade e esta cria uma compreensão que pode durar toda a vida.

Mas a possível oposição da família detinha-me. O ambiente vedava-nos falar em voz baixa e assim me era difícil acercar-me de você. Uma tentativa frustrada deixava-me em delicadíssima situação. Resolvi então lhe escrever. Dis-

farcei a letra da sobre-carta e escrevi-lhe às costas o nome e o endereço de nossa amiga Júlia Fader.

Essa carta foi assim:

"Querida amiga:

Permite-me escrever-lhe? Só dêste modo lhe posso falar com liberdade. A amizade mais pura precisa às vezes estreitar-se em uma comunicação íntima; e a mais sábia intimidade já não admite público; tal pudor é, quicá, muito convencional, mas existe.

Em sua casa não se compreende que você possa ser tão amiga minha quanto é; e isto aflige-me. No entanto sou feliz. Jamais tivera uma grande amiga, e creio que agora a tenho em você. E a amizade vale mais que qualquer outro sentimento, porque dura muito, fica para sempre.

Ah! como me sinto feliz de lhe poder dizer um pouco do que sinto. Enquanto lhe escrevo, tenho a meu lado, acompanhando-me com seu pensamento e mesmo com sua presença; fitando-me com esses olhos meio oblíquos encimados de finos arcos, e dizendo-me serenamente — que toda minha amarga filosofia dissolve-se contra a beleza de uma alma excelsa.

Já vê que grande amiga tenho, não o sabia você?

Até sempre...

A carta não obteve resposta. Mas eu li-a em seus olhos quando fui à sua casa. Olharam-me com uma cordialidade quase fria, ao mesmo tempo que seus lábios frescos sorriam mais abertos que nunca.

Dias depois voltei a escrever-lhe. Já então minha amizade se avolumara e ameaçava transbordar. E isto exprimia a minha carta. Mas seus olhos, cheios de luz e de sã alegria, refletiam um acôrdio tácito. Você não se assustava de minha ousadia e se constituía testemunha aquiescente de minhas expansões.

Comecei a enamorar-me de veras de você. E decidi escrever-lhe, ainda que não obtivesse resposta; interpretei o seu silêncio como timidez, como uma atitude que condizia com sua posição na alta aristocracia. Em minha terceira carta declarei:

...Na amizade entre o homem e a mulher há sempre um pouco de amor, e o amor cresce ou se apaga, mas não para sempre. Só a amizade pode permanecer imutável e é, ao fim, o que fica quando o amor se vai. Por isto não tenho medo de querê-la cada dia um tanto mais...

Logo após esta carta, sentí os seus olhos orientais a me perguntarem: "Até onde é certo o que me disse?" E suas sobrancelhas incisivas lhe punham no rosto um exotismo que me fascinava.

Continuei escrevendo-lhe. Minhas cartas eram o reflexo do que ocorria dentro de mim. E os seus olhos me falavam de um futuro maravilhoso. Que belos dias aqueles! Que valor possuía então para mim a vida! A imagem do futuro era um sedativo para o meu pensamento intranquilo e a sua imagem era uma carícia sobre meu coração cansado.

Como me encantava que me olhassem os seus olhos, que seus ouvidos me ouvissem, que todos os seus sentidos me sentissem! E falando de minhas leituras, fazia-a pensar no que eu havia pensado. Lembra-se? Levava-lhe livros, artigos, pensamentos. Você lia-os e compreendia-os, e logo os comentávamos com um interesse que não sabíamos pôr em outras cousas. Você era para mim um mundo aparte, mas todo um mundo, cheio de cores, de emoções e de sutilezas; e o que nós sugeríamos era muito mais do que ousávamos dizer. Dêste modo, tacitamente, creio que nos olhávamos na alma. Recordar-se de "O Jarro Partido" de Sully Prudhomme?... "Assim, às vezes, a mão mais querida — fere-nos sutilmente o coração"... Quando li estes versos, pareceu-me que eram de você para mim e busquei, em vão, entre meus atos a causa de sua

ferida. E quando lhe escrevi, então? "Disparate!", dirá você. Claro, sempre se cometem disparates quando muito se quer.

E o meu sentimento se foi convertendo em franco amor, que cresceu até à violência. Escrevi-lhe atropeladamente:

Olga: quero-a demasiadamente, com toda a alma. Você nasceu para mim. Se não a consigo, chegarei a cometer uma barbaridade...

Suas sobrancelhas pareceram-me mais estranhas, ainda; e seus olhos concederam-me o perdão.

Oh! a imaginação! Mas seus lábios não se abriram e, ao fim, eu necessitava da rubrica inequívoca de sua palavra. Certo você não podia falar, mas por que não escrevia? Desesperado, insistí:

Querida Olga: escreva-me uma palavra, por favor; é impossível que não compreenda que essa situação é terrível para mim. E para você também deve sê-lo, si me quer. Mas eu adoro-a, e já não posso suportar este silêncio e um tal estado de cousas. Espero apenas uma palavra sua para pôr tudo em claro e resolver definitivamente nosso problema...

Dois dias depois seus pais levaram-na para o campo, de férias. Apenas pude vê-la no adro da estação. Mas seus olhos falavam, como sempre, e desta vez me diziam que logo receberia as palavras que desejava. Minha despedida foi um "até logo" cheio de esperanças. E você se foi com os lábios sorridentes e eu me fiquei com o seu sorriso na alma.

Depois a espera sem termo apagou essa luz que me deixara. Sua carta não chegava, e eu já não via os seus olhos exóticos, que tudo me sabiam explicar. Amiga Olga! Jamais alguém a esperará com tanta dôr como eu a esperei! Finalmente cheguei a não compreender nada de nada; e a vida ao meu redor já se estava escurecendo, quando...

Recordar-se de minha amiga Júlia Fader? a falsa "remente" de minhas cartas? Escreveu-me isto:

Recebi, uma a uma, todas as suas cartas dirigidas à Olga: o correio não encontrava a destinatária, porque você punha, quicá, o endereço equivocado, e me as devolveia, a mim, porque você escrevia meu nome como remetente. Depois da primeira abri as outras por irresistível curiosidade; reconheço minha indiscreção.

Segui passo a passo e com interesse crescente o processo do seu coração através dessas cartas e acostumei-me à idéia de que tais cartas deviam ter sido escritas para mim. Fizera-me sonhar e sentir fundamente e mais de uma vez, de volta à realidade, achei-me quase a chorar. Não conhecia o endereço certo dela nem o seu e guardei as cartas. Venha buscá-las...

Nessa ocasião não soube se rir ou chorar; melhor: chorei às gargalhadas e quase cheguei à loucura. Você não soubera de nada! ignorava-me completamente! Quanto amor atirado ao vazio, perdido para sempre! Quanto é possível construir sobre o erro! Quanto sentimento dispersado em vão! Deslocou-se-me a alma e não mais recuperei as forças, era impossível recomeçar. Meu espírito esgotado abandonou-me à dúvida.

Seus olhos orientais com suas sobrancelhas parabólicas continuaram mirando-me de um vazio, como o fazem os mortos. Mas Júlia Fader estendeu-me sua mão amiga e carinhosa, e foi apagando daquelas minhas cartas, pouco a pouco e de uma, a uma o seu nome para pôr o dela. Aquela Olga, que tanto eu quis, apagou-se paulatinamente e desapareceu. Agora quero a Júlia.

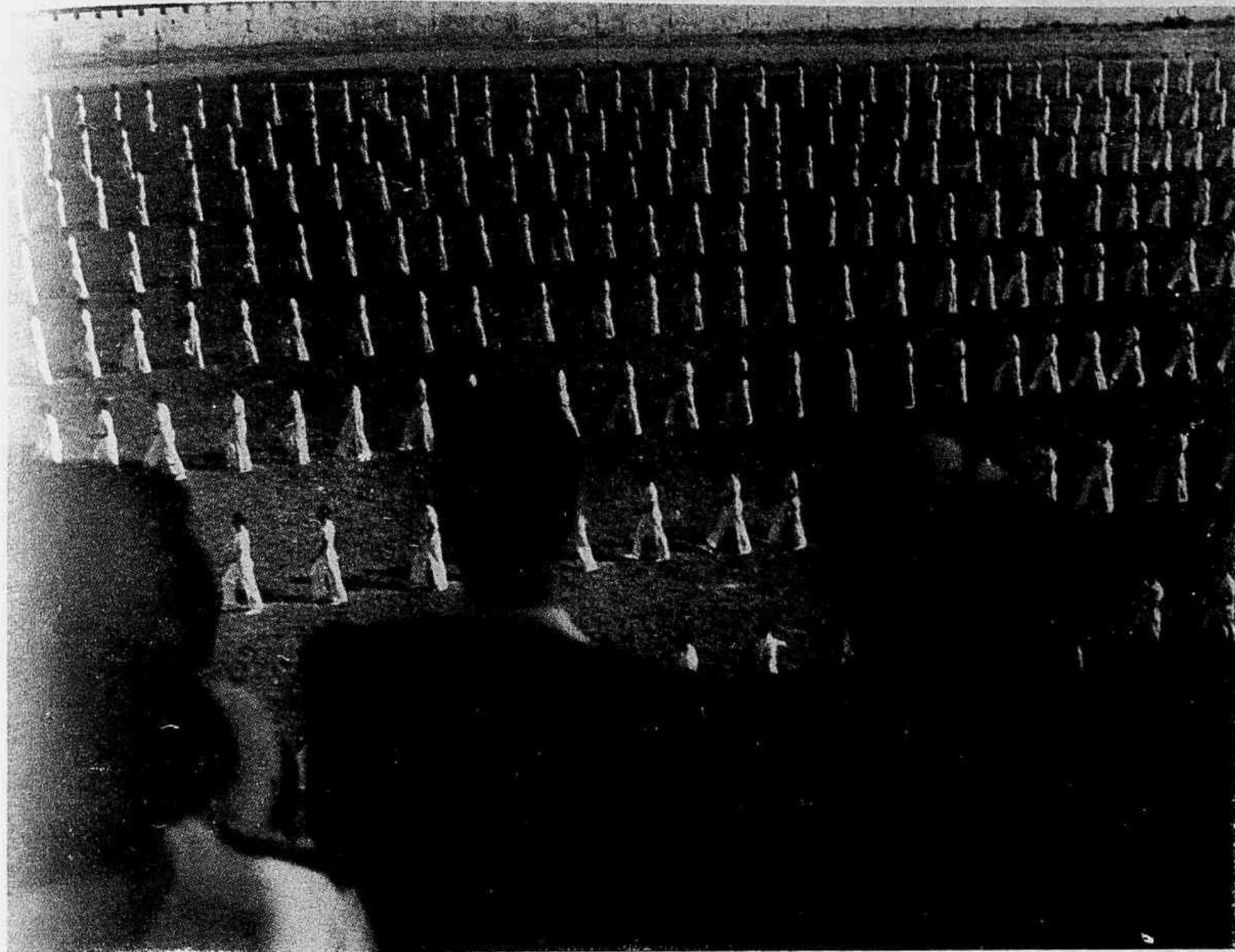
Já vê, minha amiga, com que violência gritou meu coração, tão perto de você, e hoje... Recorde-se de "O Jarro Partido" de Sully Prudhomme.

Não sei onde você está, mas esta última carta lhe chegará às mãos.

German D.



Encerramento da "Semana de Caxias"

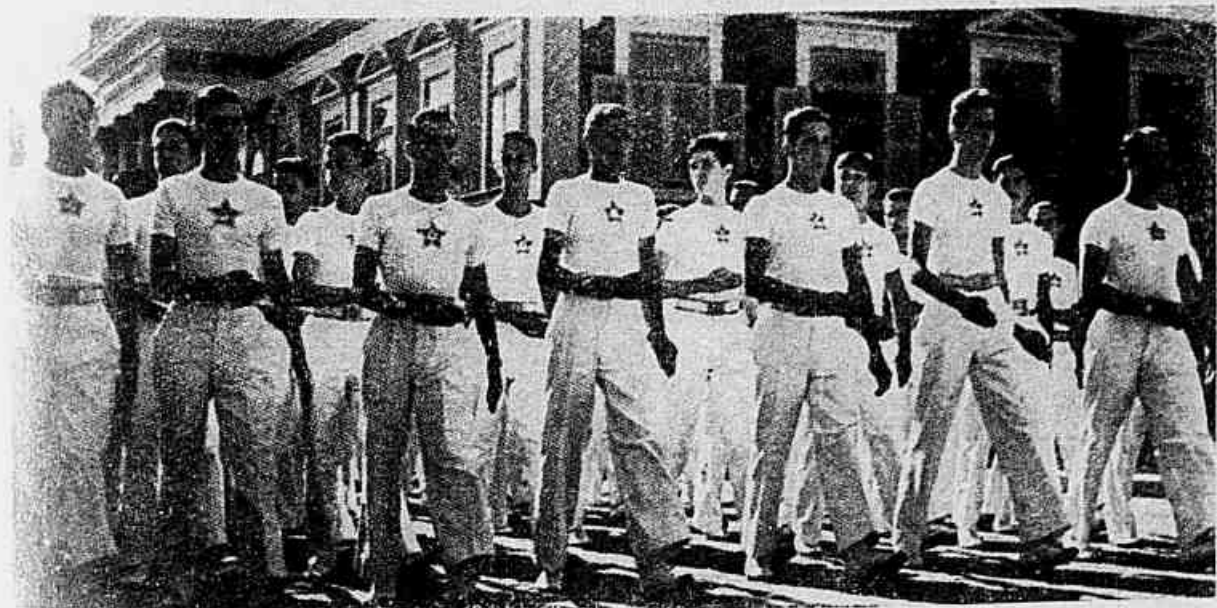


As brilhantes festividades com que este ano foi lembrado pelas classes armadas o nome de Caxias mereceram a solidariedade de numerosos centros sociais e de cultura cívica. A "Semana do Soldado" — como veem sendo denominadas as comemorações da memória do grande militar que com o seu prestígio de soldado e de herói chegou a ser um símbolo da Pátria Unida — de ano a ano mobiliza maiores forças da nação, constituindo-se em brilhante série de homenagens prestadas aos nossos soldados. Nos institutos de ensino militar as comemorações do Duque de Caxias assinalam-se entre os grandes momentos de vibração cívica com que os jovens demonstram a sua fé na grandeza moral do papel de defensores da Pátria que lhes reserva o futuro.

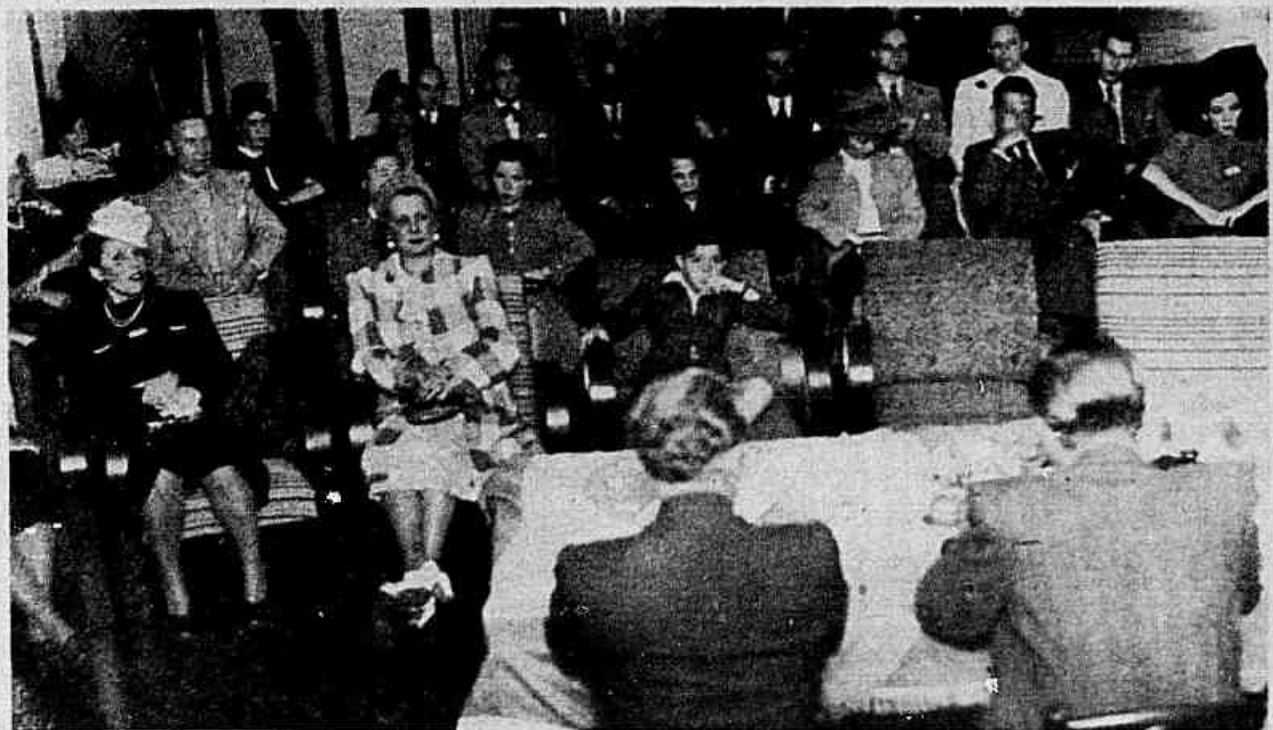
Ao lado — Alunos do Colégio Militar, em demonstração de educação física, no pátio do Colégio, à rua São Francisco Xavier.



O corpo discente do Colégio Militar, em desfile, na "Semana de Caxias".



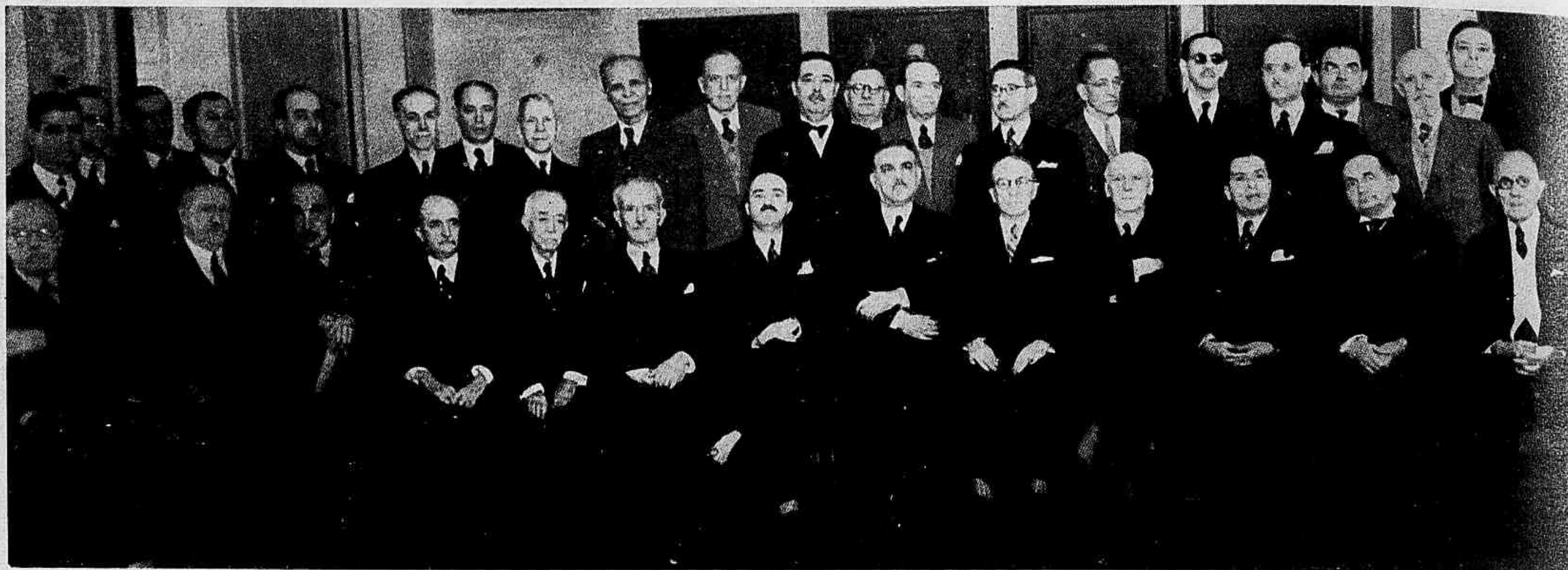
Jovens que tomaram parte na demonstração de educação cívica.



O Centro Excursionista Brasileiro, colaborando na "Semana do Soldado", fez realizar uma palestra sob o título "A influência de Caxias na vida carioca". O dr. Ademar de Assunção teve a palavra.

Ao lado — Mesa que presidiu às comemorações de Caxias no Clube Ginástico Português, promovidas pela Escola de Educação Física do Exército. Vêem-se o comandante da Escola, major Antonio Carlos Bittencourt, e o presidente do Clube, sr. Manuel Fernandes.

FIGURAS & FACTOS



SANTA CASA DA MISERICORDIA Cerimónia da posse da Mesa, Administrações, Mordomias e Definitório, realizada a 24 de agosto, os quais terão de servir duante o triénio compromisso de 1941-1944.



Inaugurou-se a 1.º do corrente a **CASA FROU-FROU**, á rua Gonçalves Dias 53, (Tel. 42-7991) cujos proprietários, srs. Ghosn & Abichain, levando em consideração o desejo de seus distintos clientes, resolveram apresentar criações exclusivas de novidades em sêdas para este verão.



SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO DO EXÉRCITO O Serviço de Identificação do Exército dirigido atualmente pelo tenente coronel Fausto Griga de Menezes, comemorou há dias o 25.º aniversário da sua fundação com uma homenagem aos ex-directores srs. Belmiro Blêtis e major Ejalma Alan. A grava fixa um flagrante da festa, durante a qual falou o dr. Corêa de Azevedo, ajudante da chefia e ex-director interino do Serviço.



Numa das dependências do suntuoso Edifício Martinelli, á Avenida Rio Branco 108-C, inaugurou-se a 1.º do corrente a **CASA SUEZ**, que se destina ao comércio de café, refresco, lanchada etc. É proprietário do novo estabelecimento, que dispõe de excelentes instalações, a firma **TAVARES PEREIRA & SOUZA LTDA.**

DIREITO SINDICAL CORPORATIVO, pelo dr. M. Cavalcanti de Carvalho.

O autor é jurista. A crítica e os doutos já o conhecem de outros trabalhos divulgados. Seu **Direito, Justiça e Processo do Trabalho** teve a melhor aceitação. Neste livro de agora, que é, em resumo, a sistematização doutrinária de um direito sindical, a legislação comparada, a teoria e prática do sindicalismo, o imposto sindical e a disciplina do enquadramento, o dr. M. Cavalcanti de Carvalho expõe o que até ao momento o país criou em matéria de direito sindical, evidenciando o avanço dado no sentido de se amparar o operário brasileiro, seja nas cidades, seja nos campos.

É um livro de técnico. Mas está escrito com louvável clareza e, por circunstâncias todas dignas de registo, seus capítulos e notas estão ao alcance de qualquer leigo que tenha vontade de saber. Quer dizer que é livro de utilidade, maximé numa época de graves transformações na ordem jurídica do mundo, com os sindicatos de empregados ou empregadores a se constituírem por toda parte, estabelecendo a capacidade legal das associações reconhecidas em juízo ou fóra dele.

(Do «Correio da Manhã», do Rio)



BRASIL-ESTADOS UNIDOS Aspectos da recepção dada pelo Instituto Brasil-Estados Unidos ao sr. Louis Rabaut, chefe da Missão de Congressistas Norte-Americanos, ora em visita aos países da América Latina. A' esquerda vê-se o ilustre visitante despedindo-se do presidente do Instituto, sr. Eugenio Gudín.

O 50.º ANIVERSÁRIO DA FACULDADE DE DIREITO

Transcrevemos a seguir o discurso do professor Raul Pederneras, nosso ilustre colaborador:

"Celebra a instituição dez lustros ilustrados pelo escol de mentalidades patrióticas. O Destino, "caprichoso e vário", aponta-me como último abenceramento do período inicial desta casa de ensino. O coração pulsa crepitante, embora seja decrepitante o título de decano ou, melhor, a honrosa promoção por antiguidade, á falta de merecimento. A contagem do tempo, penso eu, não me confere o atestado de decrepitude precoce; nestes quarenta e um anos de tirocinio, sempre me considerei estudante, sem pretensões alcandoradas de *magister quod dixit*.

Nesta casa matriculei-me depois de cursar os sete anos de pastor, no velho Colégio Pedro II, para a conquista da Raquel do bacharelado em ciências e letras. A seguir, aqui alisei, durante cinco anos, os bancos acadêmicos e acompanhei, dedicado, as lições de eminentes mestres, que me favoreceram apenas com uma "plenamente", enchendo as outras matérias com a nota de distinção. Minha estréia em primeira prova oral de Filosofia do Direito e Direito Público Constitucional teve a duração de uma hora e sessenta minutos, sinal evidente de que a vertigem da celeridade ainda não tinha em conta o fator tempo. Da numerosa turma, a que perteneci, apenas alcançaram a conclusão do curso treze companheiros, dos quais somente quatro resistem ao ultraje irreparável do calendário.

A bondosa homenagem da juventude



Os estudantes de Direito da Universidade do Brasil festejaram o 50.º aniversário da Faculdade realizando, no dia 27 do mês passado, no salão nobre da casa, uma sessão em que foram evocadas as figuras dos fundadores — Afonso Celso, Sílvio Romero, Coelho Rodrigues, Martins Júnior e Antonio Ribas. Foi prestada homenagem especial a Clovis Bevilacqua e ao decano professor Raul Pederneras. Na mesa, da esquerda para a direita: Dionísio Silveira, representante do Procurador da República, Raul Pederneras, Helio Gomes — professor, Augusto Baena — presidente do Centro Acadêmico, e Luiza Gulk — presidente do Departamento Feminino do Direito Acadêmico.

estudiosa, á minha magra pessoa, vai-se refletir na memória, que cultivamos e conservamos, de todos os que ajudaram a vencer a jornada ingrata do Direito; esse Direito que se divide atualmente em três grupos: o teórico, o prático e o hipotético; o último especialmente adotado ou adaptado na cátedra a meu cargo, infelicidade pelas labaredas das paixões num campo de dúvidas e incertezas. Esse direito, a sofrer hiatos frequentes de violência, não se esmorece nem se entibia; mas, no momento agitado que passa, hesita-se em afirmar o que é: somente é possível narrar aos jovens estudantes o que era isto d'antes.

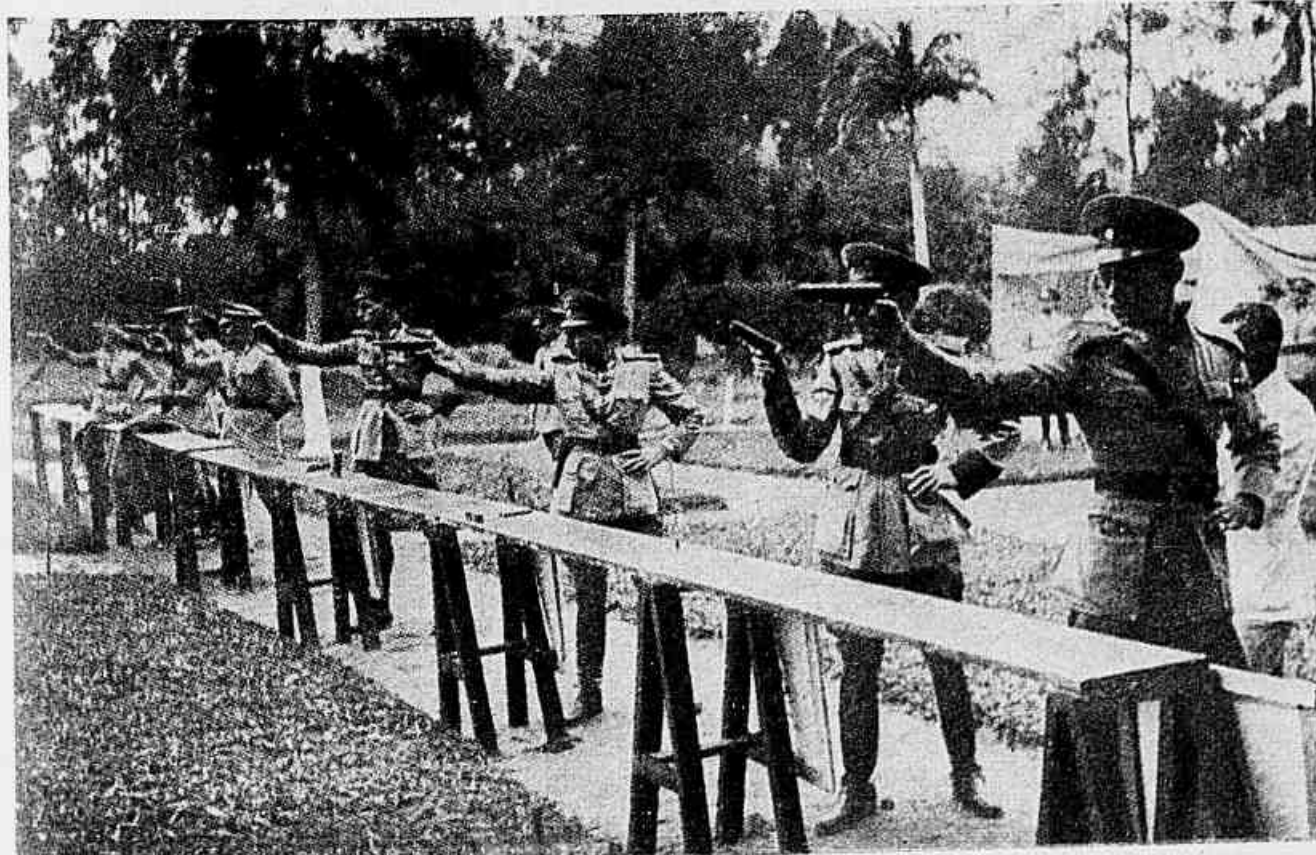
— Não mais existem os mestres que me orientaram, mas vivem todos na saudade minha e vossa. Não a saudade lacrimosa e lamurienta, a "lançar para trás o olhar plangente", a lembrar a estrofe de um meu inimigo íntimo:

— Quem lembra o tempo de ontem,
(com saudade,
E ataca o tempo de hoje, áspero e
(bruto,
— Coitado! Está de luto
Por sua mocidade.

Não! A saudade pungente nada aviventa, nada produz, lança o olhar para o passado, na ânsia de uma passagem de volta. A saudade mais forte é a saudade que revigora, que retempera, que encoraja, inspirada no precioso acervo cultural dos mestres que beneficiaram gerações. As lições do passado aperfeiçoam-se no presente em prol de radio-so futuro.

Jovens professores, jovens estudantes, continuai a nobre cruzada e eu que sempre vos contemple e sempre vos admire!

Muito obrigado!"



CONCURSO DE TIRO EM GERIÇINÓ

Realizou-se em 19 de Agosto passado no Campo de Instrução de Geriçinó, na Vila Militar, um concurso de tiro ao alvo, de fuzil e pistola, por ocasião da inauguração de uma linha de tiro de 150 metros, mandada construir pelo tenente coronel Bernardo José Teixeira Ruas, atual diretor do Campo. Ao concurso compareceram os generais Isaura Regueira, Silva Junior, Heitor Borges e Salvador Cezar Obino, os quais ficaram muito bem impressionados. Foram distribuídos valiosos prêmios a oficiais e praças, classificados nos tres primeiros lugares. A comissão fiscalizadora do concurso funcionou sob a chefia do major Luiz Baga Murry, do Campo de Instrução de Geriçinó, integrada pelo capitão Ivo de Macedo, do Batalhão Escola, e 1.º tenente Adelio Ramos de Souza, do C. I. G. A' esquerda, a primeira turma dos oficiais concorrentes ao tiro de pistola, á direita o general Heitor Borges, comandante da Infantaria Divisionaria, dando o tiro de inauguração.

SENADORES DAS REGENCIAS

EM receio de erro pôde-se afirmar que a 7 de Abril de 1831, D. Pedro I passou noite em claro. Abdicaria de madrugada na pessoa de filho menor fadado a reinado dos maiores.

A 7 de Abril de 1831 mesmo, dous homens despertados senadores deitarem-se iam regentes do Imperio, o marquez de Caravellas e Vergueiro, aos quaes por eleição legislativa se ajuntara o brigadeiro Lima e Silva.

Formaram triumvirato de emergencia a bem da não acefalia do Brasil. Tal regencia, trina e de caracter provisorio, governou de Abril a Junho de 1831, dela participes dous senadores tirados dentre os sessenta e sete escolhidos por D. Pedro I no correr do seu reinado, aquele principe senhor de duas corôas, a brasileira e a portuguesa, tendo recusado a espanhola e a grega, para morrer simples duque de Bragança.

Escolhendo senadores, de 1826 a 1829, principalmente no momento da formação do Senado, obedecia D. Pedro I a preceito constitucional. A Regencia Provisoria Trina não o exerceu em seu curto espaço de governo verdadeiramente provisorio, de tomar e largar.

Sucedeu-lhe, em Junho de 1831, novo triumvirato, ainda por eleição legislativa, a Regencia Permanente Trina, afinal permanente de direito, não de facto. Compuzeram-a o brigadeiro Lima e Silva, o unico permanente, Costa Carvalho, que se retirou para S. Paulo, e João Bráulio Muniz, que se foi de vida, até autopsiação.

Na vigencia do triumvirato permanente a seu modo ocorreram vagas no Senado, de Abril de 1832 a Agosto de 1835.

Sahindo do Brasil, após a abdicación de 7 de Abril, sem licença do Senado e sem dar satisfações a ninguém, o marquez de Aracaty abriu vaga na representação vitalicia do Ceará. Lucrou com ela o padre José Martiniano de Alencar, que havia de ser contra Regencia, por um dos campeões da Maioridade, desejada para depois ser censurada por alguns que a haviam promovido. Contradições humanas. Quem as estranha? Ninguém.

Morrendo o marquez de Santo Amaro, em 1832, a provincia do Rio de Janeiro elegeu e a Regencia escolheu Feijó, regente porvindouro.

Em 1833 seria vez de S. Paulo perder representante vitalicio, o bispo do Rio de Janeiro d. José Caetano da Silva Coutinho. A sua qualidade de português não o impediu de ser senador brasileiro, nem tão pouco de presidir a Constituinte de 1823. Ao bispo sucedeu conselheiro de Estado, Francisco de Paula Souza e Mello, brasileiro e tanto, titulo muito ambicionavel se nem sempre conferivel.

Em 1834 a Regencia Permanente teria de escolher, fazendo vezes de imperador, um senador pela Parahyba do Norte na vaga de militar do exercito, Estevão José Carneiro da Cunha. A Regencia, em nome do imperador menor, elegeu Paes de Andrade, o implicado na Confederação do Equador separatista e a escolha não deixa de ser curiosa, visto como o regente Lima e Silva combatiera a Confederação nortista equatorial.

Em 1834 ocorreu outra vaga senatorial, a do dr. J. Cintho Furtado de Mendonça, senador por Minas. Deu-lhe a Regencia por sucessor um padre, José Bento Leite Ferreira de Mello, como os sacerdotes do tempo muito inclinado á politica na qual a mansuetude evangelica não é de rigor e ha muitas ocasiões de não ser oferecida segunda face ao golpe de mão sofrido pela primeira.

Na proclamação da Maioridade, José Bento maiorista a ferro e fogo, discursára ao povo em sermão politico de uma das janellas do Senado, edificio que se não soube conservar a bem de Brasil historico. Menos de quatro anos após a Maioridade, e após amarguras partidarias, o padre Mello café assassinado em Pouso Alegre mineiro.

Novamente em 1834 se deu vaga no Senado, a do visconde de Alcantara, senador pelo Maranhão desde 1826. Ao visconde de Alcantara sucedeu outro maranhense e de Alcantara, Antonio Pedro da Costa Ferreira, barão de Pindaré, e intimo de Vergueiro.

E' figura não estudada de nossa historia politica e da qual na hora do seu desaparecer terreno poude dizer Octaviano: «E' raro que, tendo atravessado um periodo de cerca de quarenta annos de vida publica, desça ao tumulo com a mesma fé, com os mesmos principios que abraçou no começo de sua carreira.» Coherencia e homem andam ás leguas uma do outro.

Costa Ferreira faleceu em 1860, e em 1882, na cadeira senatorial n. 1 que lhe pertencera, se sentou seu neto Felipe Franco de Sá.

Em 1835 desapareceu da vida o dr. Gomide, senador por Minas, medico formado escoccesmente em Edimburgo. Ao medico a Regencia Permanente deu por substituto um padre, José Custodio Dias, medicos e padres de frequentes encontros, á beira de agonisantes, em horas de contas a Deus, e contas muito feias se lhe vão do mundo tenebroso.

A ultima vaga senatorial preenchida pela Regencia Permanente, ou melhor por Lima e Silva dela superstite, coube á Bahia, coube á pessoa do desembargador Vellasques e em 1835. O velho magistrado teria por sucessor, em 1864, um comprovinciano, cujo nome basta para designar o illustre: Zacarias.

O Acto Adicional em 1836, na data fatidica de 7 de Abril, levaria a regente uno o padre Feijó, sacerdote unico a ser ministro no Imperio. Senador, Feijó durante a sua regencia escolheria pares, preenchendo vagas successivamente deixadas por Cayrú, Ferreira da Camara, Barbuda, Santos Pinto, este padre, Ferreira de Aguiar, este conego, marquez de Caravellas e Albuquerque Maranhão.

Para substitutos desses mandaterios da Bahia, Minas, Goiás, Espirito Santo e Rio Grande do Norte, Feijó mandaria ao Senado Mello Mattos, Mello e Souza, Rodrigues Jardim, Nabuco de Araujo, Alves Branco, Lucio de Gouvêa e o padre Brito Guerra.

Na regencia Feijó o Senado recebia duas cadeiras novas, por aumento do numero dos deputados da Bahia e do Rio de Janeiro, e cadeiras dadas a Souza Paraiso e ao ex-regente Lima e Silva, Feijó escolhendo quem o fizera senador. As novas cadeiras receberam primeiros ocupantes acs quaes a morte não abria vantagem, cada um tomando o seu sem prejuizo alheio por certidão de obito.

A 19 de Setembro de 1837, Feijó renunciava regencia transmitindo-a a Araujo Lima e dando á nação que lhe confiára o cargo as razões que o levavam a desistir do mandato sancionado pelas urnas do paiz inteiro.



A princesa Isabel, por tres vês regente do Imperio, na ultima regencia sancionando a Lei Aurea.

A principio regente interino, para que uma eleição de Brasil todo o confirmasse a efetividade do posto, Araujo Lima escolheria senadores, d'elles primeiro o visconde de Albuquerque na vaga de Joaquim José de Carvalho.

Estreando com a nomeação senatorial visconde de Albuquerque, Araujo Lima, por falecimento do visconde de Ceará em 1838, encontrou-se em presença de lista sextupla a ele apresentada pelo eleitorado de Minas.

O regente escolheu Bernardo de Vasconcellos, seu futuro ministro na crise das Nove Horas e o magistrado Antonio Augusto Monteiro de Barros. Particularidade curiosa, os não escolhidos na lista sextupla de 29 de Novembro de 1838—Araujo Vianna, Miranda Ribeiro e Fernandes Torres—seriam todos senadores.

Em 1839, escolhidos por Araujo Lima, por procuração constitucional de S. M. o Imperador, receberiam senatoria Lopes Gama, visconde de Maranguape, e Costa Carvalho, marquez de Monte Alegre, este antigo regente já conhecendo, pois, os percalços do cargo no momento ás mãos de Araujo Lima.

Maranguape substituiu Lucio Soares Teixeira de Gouvêa escolhido por Feijó como Costa Carvalho, ex-regente, representaria Sergipe, região proxima da sua provincia natal, a Bahia. Costa Carvalho era entretanto muito de S. Paulo pela residencia, por constituição de lar, por diretor do Curso Juridico, por presidencia da provincia e por manejo de penna politica no **Correio Paulistano**.

Em 1840 a idéa de antecipação da Maioridade trabalhava profundamente o Rio de Janeiro. A 20 de Julho de 1840, em derradeiras horas de regencia, Araujo Lima escolhia ultimo senador, pelo Ceará, na vaga de Costa Barros, official do exercito e antigo presidente da provincia que o senatorisara.

Para substitui-lo Araujo Lima escolheu Calmon, desde a Constituinte de 1823 em plena politica, e nela se envolveria até morrer em 1865, quando nos empenhávamos á viva força na guerra do Paraguai, a qual para muitos não foi provocada por Solano Lopez.

Tres dias depois da escolha senatorial de Calmon, Araujo Lima, ex-regente, recolhia-se ao Senado, já imperador D. Pedro II, de juventude cortada por magnas responsabilidades de soberano exercendo varias atribuições, as exclusivas do Poder Moderador e as repartidas do Executivo.

Usando pela primeira vez do direito a escolher senadores, direito desta vez confiado a um independente, D. Pedro II escolheu seu primeiro senador, eleito pelo Ceará, na vaga de Rodrigues Carvalho. Foi aquele senador Manoel do Nascimento Castro e Silva.

Em 1867 ainda figuravam no Senado tres senadores nomeados pelo regente Feijó: o padre Cunha Vasconcellos, ao qual se refere Machado de Assis em o **Velho Senado**, senador pela Parahyba (vaga do marquez de Queluz); Olinda, senador por Pernambuco (vaga de Barroso Pereira) e Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque, senador por Pernambuco (vaga do marquez de Inhambupe).

Os seguintes senadores representavam em 1867 escolhas regenciaes de Araujo Lima: Araujo Vianna, senador por Minas (vaga de Tinoco da Silva); o visconde de Suassuna, senador por Pernambuco (vaga de José Ignacio Borges).

Dos senadores das regencias da minoridade, um teria longa vida senatorial, o visconde de Suassuna, pois escolhido em 1839 faleceria em 1880, logo em Janeiro.

De 1840 a 1871 reinou D. Pedro II por sua conta e mormente risco. De viagem para a Europa em 1871 assumio a quinta regencia do Imperio a princesa D. Isabel, pela lei do Ventre Livre preparada para Isabel a Redentora.

Regente de 25 de Maio de 1871 a 30 de Março de 1872, D. Isabel no exercicio do alto cargo, saberia mortos os senadores Silva Mafra e Itaborahy representando Santa Catarina e Rio de Janeiro, A princesa não teve ensejo de escolher-lhes sucessores, o que coube a D. Pedro II.

Partindo o imperador para os Estados Unidos via Europa, a filha imperial assumio regencia do Imperio, pela segunda vez, e a exerceria de 26 de Março de 1876 a 25 de Setembro de 1877.

A 4 de Janeiro de 1877, a Princesa Imperial Regente, então por essa qualidade e pela de conselheiro de Estado, a unica senhora no desempenho de funções publicas, escolhia João Alfredo e Diogo Velho senadores por Pernambuco e pelo Rio Grande do Norte. O primeiro substituiu seu iniciador na politica, o visconde de Camaragibe, o segundo era successor de Timandro-Inhomirim cuja escolha senatorial em 1868 puzera o partido liberal em decenio de ostracismo.

A 31 de Janeiro de 1877, D. Isabel escolhia senador pelo Pará o conselheiro Fausto de Aguiar, do tempo em que o titulo tinha legitimidade, Fausto substituindo Souza Franca. Nova escolha senatorial da Princesa, a 14 de Fevereiro de 1877, tornava o conselheiro Manoel Francisco Correia, senador pelo Paraná, substituindo o barão de Antonina, o grande **self made man**, bandeirante fóra de época.

Enfermo D. Pedro II e de partida para a Europa, em 1887, pela terceira vez D. Isabel se vio regente, de 30 de Junho de 1887 a 21 de Agosto de 1888, e teve de escolher senadores pela Bahia e pelo Rio de Janeiro os conselheiros Pereira Franco e Pereira da Silva. O primeiro servira junto á Regente, como ministro da Marinha no ultimo ministerio Caxias. Escolhidos Pereira da Silva substituto de Chichorro, a 9 de Janeiro de 1888, e Pereira Franco, substituto de Junqueira, a 18 de Abril do mesmo ano, ambos participariam pouco tempo do Senado extinto com a proclamação da Republica.

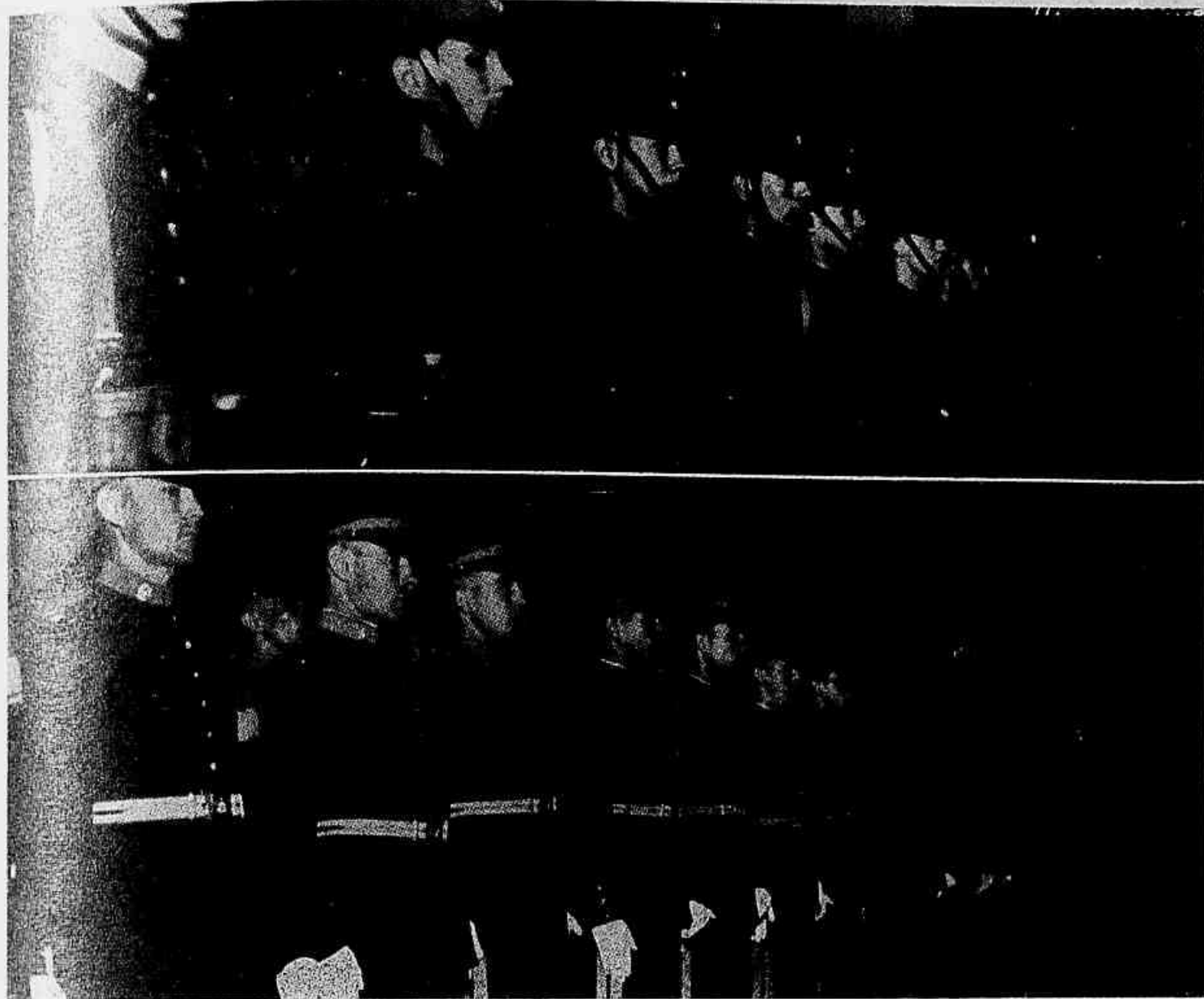
E' possivel que no meio de tanta cronologia nos tenha escapado algum erro ou alguma omissão. Para indulgencia nos serviremos da desculpa outr'ora tão de uso em livros franceses: *excusez les fautes de l'auteur*.



O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira e Andrade, ministro por ocasião da Lei do Ventre Livre. Senador escolhido pela Princesa Imperial Regente e presidente do conselho quando da Lei Aurea. Retrato de 1861; João Alfredo então deputado.

Escregnolle Doria

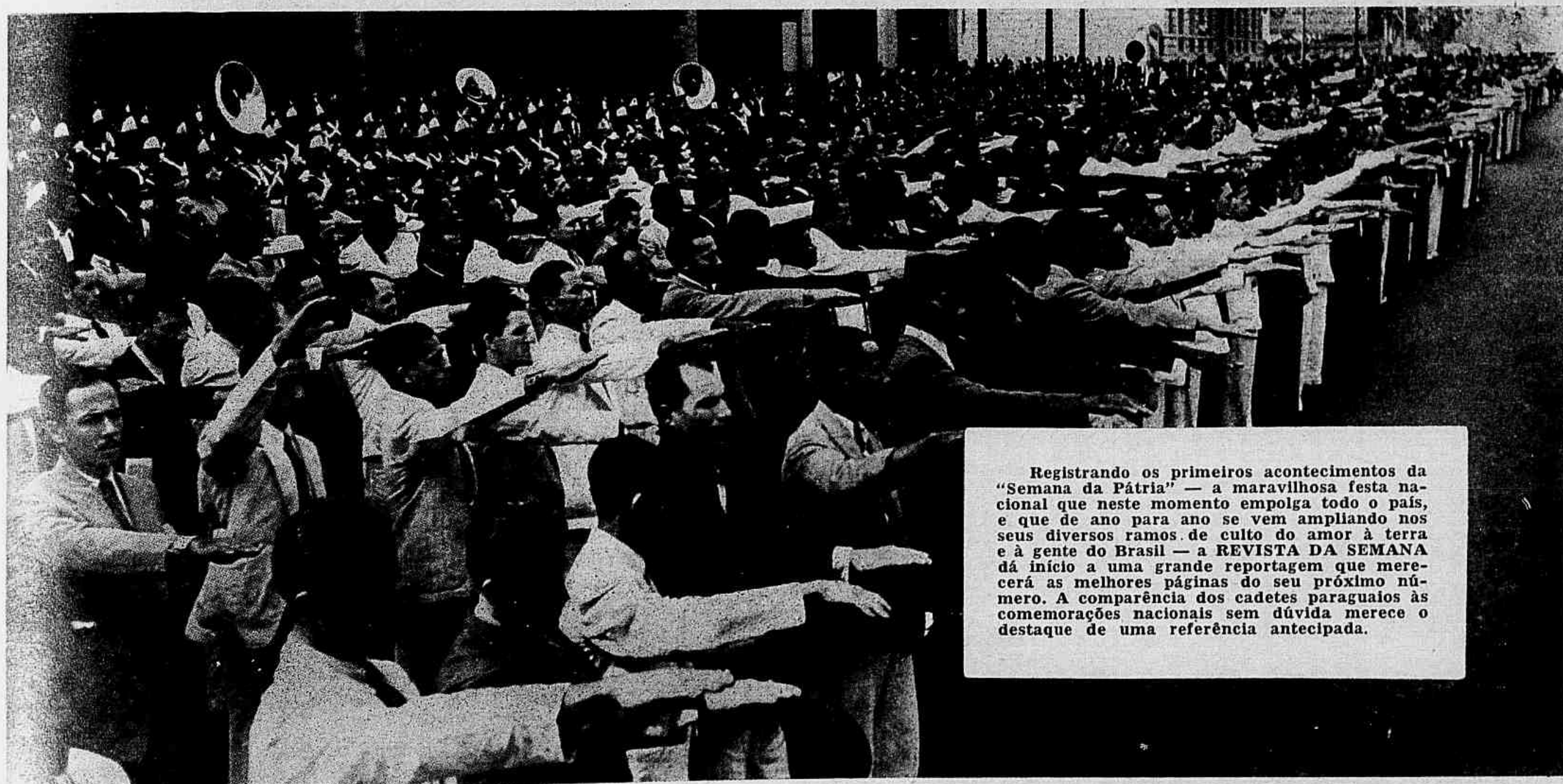
O início da "Semana da Pátria"



Ao alto: — Cadetes paraguaios. Em baixo: — Cadetes brasileiros:



Passando em revista os cadetes paraguaios e brasileiros: coronel Andrés Aguilera, chefe da delegação visitante; general Benício da Silva e o chefe do Estado-Maior Brasileiro, general Góis Monteiro; ao lado do oficial paraguaio, o diretor da Escola Militar do Brasil, coronel Alcio Souto.



Registrando os primeiros acontecimentos da "Semana da Pátria" — a maravilhosa festa nacional que neste momento empolga todo o país, e que de ano para ano se vem ampliando nos seus diversos ramos de culto do amor à terra e à gente do Brasil — a REVISTA DA SEMANA dá início a uma grande reportagem que merecerá as melhores páginas do seu próximo número. A comparencia dos cadetes paraguaios às comemorações nacionais sem dúvida merece o destaque de uma referência antecipada.

Aspecto de conjunto da cerimônia realizada à Esplanada do Castelo, que deu início às comemorações da "Semana da Pátria". Reservistas de terceira categoria juram à Bandeira.



Participantes da cerimônia de início à "Semana da Pátria": Guardas-marinhas perfilados; entrega de certificados aos novos soldados da Reserva por alunas de cursos secundários nesta capital; a mesa que presidiu às solenidades no salão da A. B. I.



Reproduzimos aqui alguns flagrantes de uma das últimas recepções havidas no Palácio Guanabara. A presença de personalidades de alto destaque nos meios administrativo e cultural brasileiros e de visitantes ilustres do nosso país — que com a originalidade de sua palestra irradiam encanto e dão brilhantismo ao ambiente — vem caracterizando essas distintas recepções de iniciativa da sra. Darcy Vargas.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSÁRIOS

12 General Colatino Marques, Drs. José Pires Rabelo e Alfredo Maia Junior.

6 Sra. Maria Alice Coimbra, drs. Julio Cesar de Melo e Mário de Freitas Rangel; sr. Vasco Lima, nosso colega de imprensa.

7 Sras. Maria Luiza Barcelos e Maria Coelho Teixeira, Drs. Jaime Guedes, Otávio Tarquino de Souza e Léo de Afonseca; academico Magalhães de Azevedo.

8 Dr. Sampaio Corrêa; capitães de mar e guerra Alberto Lemos Bastos e Benedito Ferreira Goulart.

9 Vice-almirante Francisco Barros Barreto, Drs. Severino de Lucena Neiva e Jeronimo Noqueira Penido.

10 Sra. Luiza Costa, Drs. Samuel Hardmann, Crissuma Filho, Prado Kelly, J. L. Souza Lima, Ildines Pena Marinho, Fidelis Conceição, Rubem Gill.

11 Srtas. Nice Silva e Manoelita Machado Paim.. Sra. Carmelinda Hora Schettino. Srs. prof. Henrique Castrioto, Hugo Mosca, Oswaldo Fernandes do Vale, des. Auto Fortes.



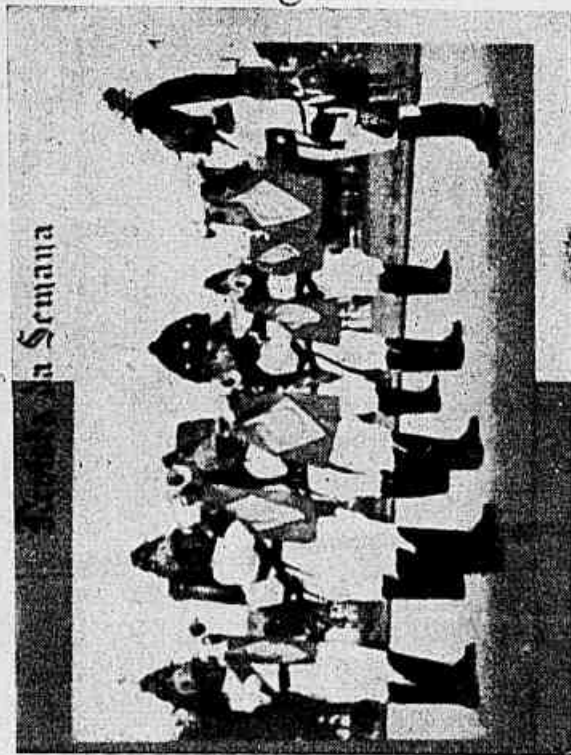
Senhora Cecilia Cintra Borgerth, musicista e elemento de nossa sociedade.



Senhorita Beatriz do Prado Sampaio, poetisa pernambucana, atualmente entre nós, que breve nos dará o seu livro de estréia. E' filha do falecido escritor Mavriel do Prado Sampaio.



Senhorita Nilce Gripp Tardin, destacado elemento de uma das melhores emissoras cariocas.



NOSSA CAPA

Ilustra a capa deste número da REVISTA DA SEMANA um flagrante da solenidade de inauguração do monumento que o povo brasileiro dedicou ao proclamador da república no Brasil — marechal Deodoro da Fonseca. Os Dragões da Independência, 1.º Regimento de Cavalaria Divisionário, rendem continência ao nosso primeiro Presidente.



FESTA A GUAIRACÁ Realizou-se na Associação Brasileira de Imprensa, presidida pelo general Damasceno Vieira, a Festa de Guairacá com um programa artístico em que tomaram parte figuras de destaque no nosso mundo social. O sr. Paulo Tacla, secretário geral do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, fez a entrega de diplomas de honra às senhoras Rosalva Côelho Lisboa, Rachel Prado e Henriqueta Galeno.



Jockey Club mun- dano



Um dos acontecimentos de maior relevo na semana que passou foi o banquete oferecido pelo JOCKEY CLUB ao Exército Brasileiro, ali dignamente representado pelo Exmo. Snr. Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, e outras altas patentes do nosso Exército. Estampamos nesta página um flagrante tirado após o banquete, vendo-se os ministros Salgado Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, e Eurico Dutra, entre os gen. Srs. Firmo Freire e Lucio Esteves.

Outro acontecimento importante da semana passada, foi a visita de Walt Disney ao Hipódromo da Gávea. Vêmo-lo na foto em baixo, á direita.

NOVO TEATRO DA GUERRA



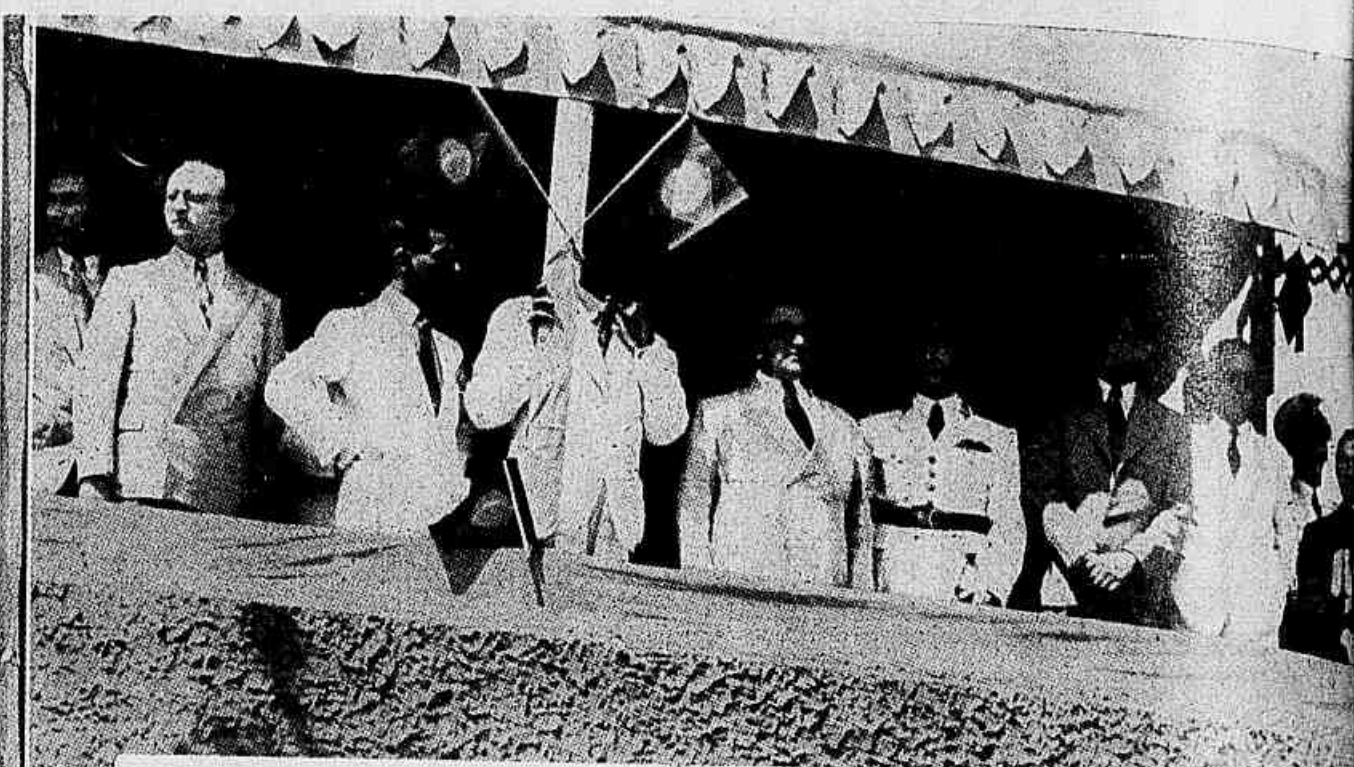
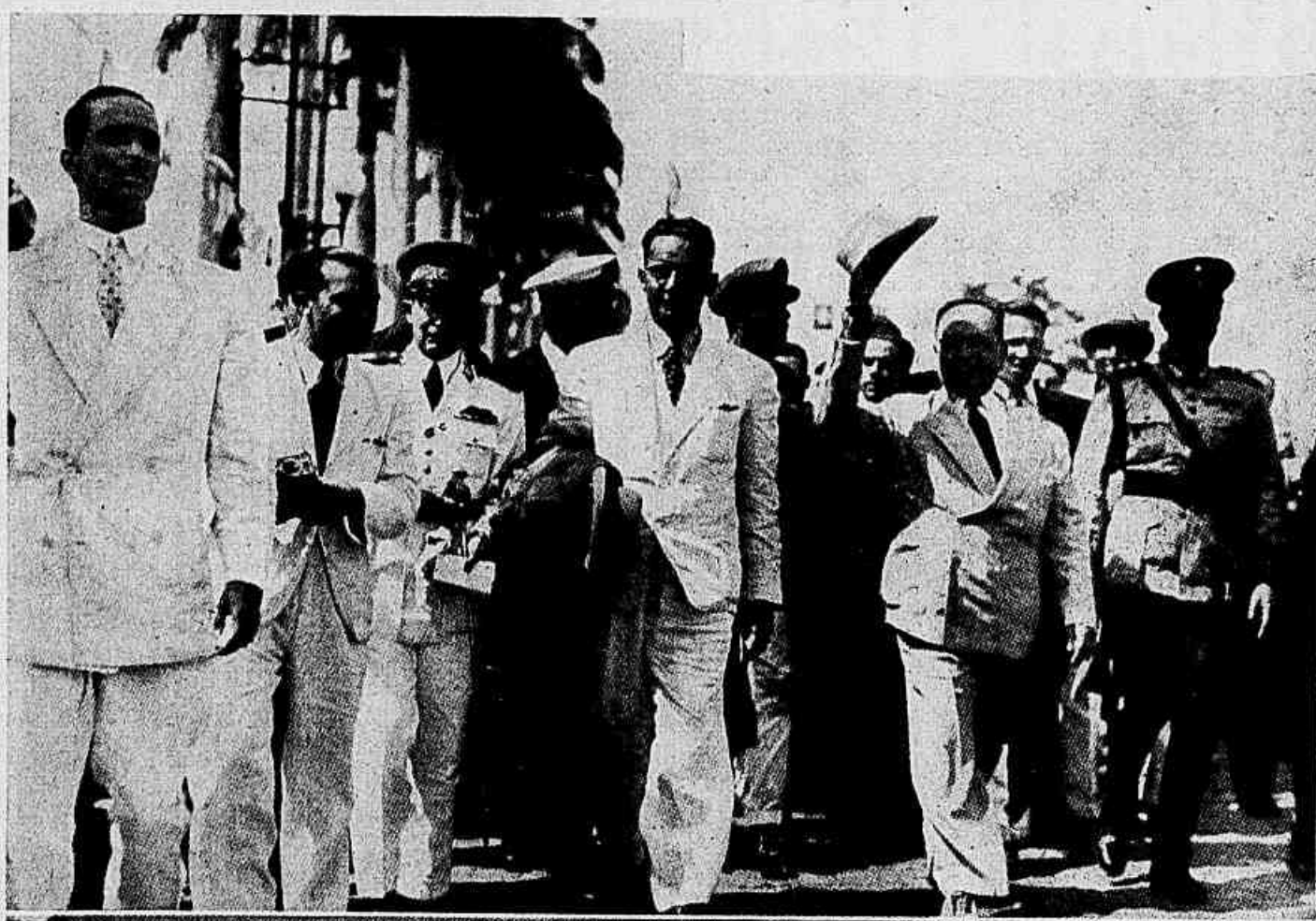
Uma visão do Velho Mundo ao encerrar-se o segundo ano da conflagração que teve início a 1.º de setembro de 1939, faz acreditar que uma força magnética atrai para o Oriente o centro de gravidade da guerra com uma flagrante e irresistível decisão.

Os homens de gabinete, que dentro os seus livros e papeis, procuram perceber-se do verdadeiro sentido das coisas destes mundos, não se tem cansado de oferecer explicações dessa atual inclinação de Marte para as terras do sol nascente. Dizem eles que a guerra não começou naquele primeiro de setembro trágico que tantos corações fez vibrar. Têm-nos em conta os sangrentos episódios da Manchúria, em 1931; da Abissínia, em 35; da China, em 36; da Espanha, em 37, e compreendem que a Polónia e a França não passaram de mais um entre-ato do imenso drama que nos bastidores se vinha arquitetando com a experiência acumulada em milênios e a inconsciência que da máquina herdou o homem de hoje. Dizem ainda esses curiosos das contradições dos seus semelhantes, que apenas dois povos anteviram o inevitável e apareceram em cena com os seus papéis bem ensaiados: Alemanha e Rússia. Não é de admirar, portanto, que os seus meios de destruição se assemelhem e que a guerra em que estão empenhados se revista de uma intensidade que não conheceram outras campanhas. Tem-se afirmado, por um lado, que, se a Alemanha enterrou uma incalculável fortuna na construção de uma linha fortificada na fronteira com a França, é que esperava lutar contra a Rússia em primeiro lugar e depois conseguir a paz no ocidente com os trunfos que houvesse conquistado. Por outro lado, declara-se que a deficiência naval dos germânicos é apenas um reflexo da intenção dos seus dirigentes de armar a nação para uma guerra no Oriente, guerra essa que, fazendo a independência econômica da Alemanha, convenceria os ocidentais da inu-

tilidade de um duelo entre as potências do Atlântico. São afirmações... O que há de palpável, porém, é essa série de campanhas que vem transferindo o centro de gravidade da guerra para o Oriente. Tivemos a luta italiana contra a Grécia, a ação diplomática alemã para subjugar a România, o avanço sobre a Bulgária, a campanha da Jugoslávia. Eram os primórdios do drama, que teria início a 22 de junho de 41, com a grande investida em direção aos confins orientais da Europa.

O mapa que hoje oferecemos aos nossos leitores é uma imagem do atual teatro de operações, que se estende pela periferia da velha Ásia. A oeste temos a ofensiva alemã, que se desenvolve numa frente de 2.400 quilômetros, ou seja, do mar Negro ao oceano glacial Ártico (comparativamente: a distância que separa o Rio de Janeiro do Amazonas). Ao sul assinalamos: o Iraã, região conflagrada; a Índia, arsenal no Oriente do Império Britânico (da parte oriental da Índia, Burma, parte a célebre estrada que vem suprimindo Chiang-Kai-shek na sua luta cinco vezes anual contra o Japão); a Indochina, posto avançado japonês na sua expansão para o sul. Na parte oriental: o Japão e a Manchúria defrontam-se com a Rússia Asiática. Assinalamos os principais elementos da economia russa e a via férrea estratégica transiberiana, que é a maior do mundo e se estende de Leningrado, no mar Báltico, até Vladivostok, no Pacífico. Sendo a maior base russa no Oriente, Vladivostok está a poucas centenas de milhas dos centros industriais japoneses e vem sendo citado como um dos portos onde será desembarcado material bélico norte-americano destinado ao exército russo. Este imenso bloco econômico, que vai dos Carpatos ao Pacífico, numa extensão duas vezes maior que a do Brasil, é, não há dúvida, a força misteriosa que atrai os povos europeus sedentos de riquezas.

A excursão presidencial

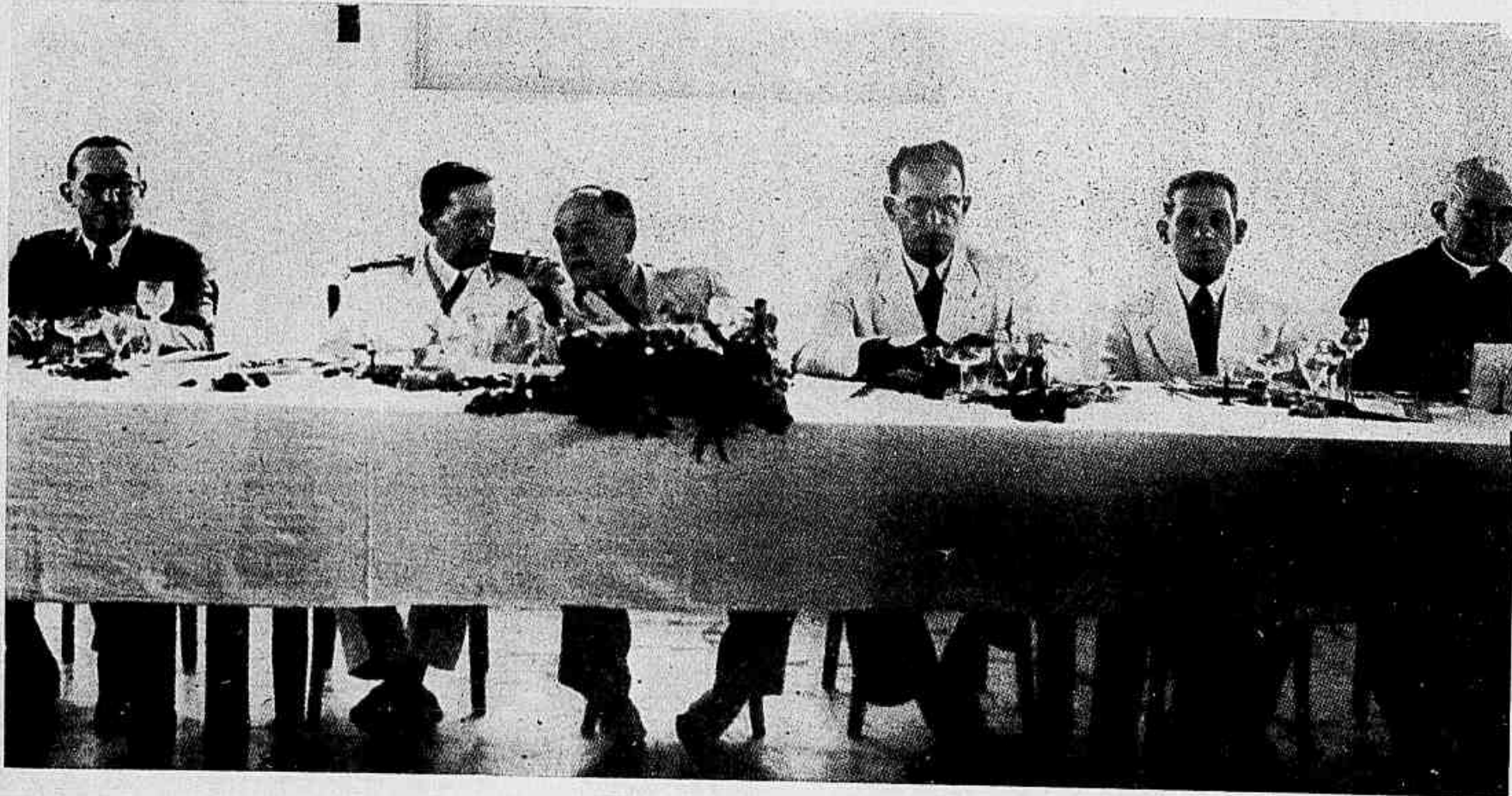


Ainda repercute na alma matogrossense o eco das suas próprias aclamações ao primeiro Chefe de Estado que, depois de mais de dois séculos de organização política, Mato Grosso viu percorrer os seus imensos territórios, visitar as suas cidades, procurando conhecer-lhe as aspirações, estudando os seus problemas, auscultando as suas necessidades, ouvindo os seus justos reclamos. E as emoções dessa visita, que por certo perduram no coração desse povo de rija tempera, forjada na luta desigual contra a natureza opulenta mas agressiva, o sr. Getúlio Vargas bem as deve ter sentido em Cuiabá, onde o tradicional sentimento de patriotismo do cuiabano ofereceu a S. Excia. um espetáculo de rara beleza e entusiasmo cívico. Ficou ao matogrossense, desse íntimo contacto com o Chefe do Governo, a confortadora esperança de dias melhores, como o maior estímulo ao seu trabalho cheio de sacrifícios e renúncias, guiado pelo seu arraigado amor à terra, para a grandeza da Pátria comum.

A. M.



Por ocasião da sua chegada o presidente Getúlio Vargas assistiu ao desfile das tropas federais e estaduais e dos colegiais, de uma tribuna armada em frente à residência dos governadores.



Após a inauguração do novo Quartel do 16.º B. C. foi oferecido ao Presidente Vargas, pelo General comandante da 9.ª Região Militar, em nome do Ministro da Guerra, um almoço do qual registamos o aspecto acima, vendo-se na mesa principal, da esquerda para a direita, o desembargador Amarílio Novis, presidente do Tribunal; o general Pinto Guedes, comandante da 9.ª Região Militar; o sr. Getúlio Vargas, presidente da República; o sr. Julio Muller, interventor federal; o sr. João Ponce de Arruda, secretário geral do Estado; e d. Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá.



As fotografias à direita mostram duas fases da visita que o Chefe da Nação fez à Secretaria Geral. Na maior, percorrendo uma das secções, e na menor, no gabinete da Secretaria Geral, ouvindo uma exposição do sr. J. Ponce de Arruda, tendo à sua esquerda o sr. Julio Muller.



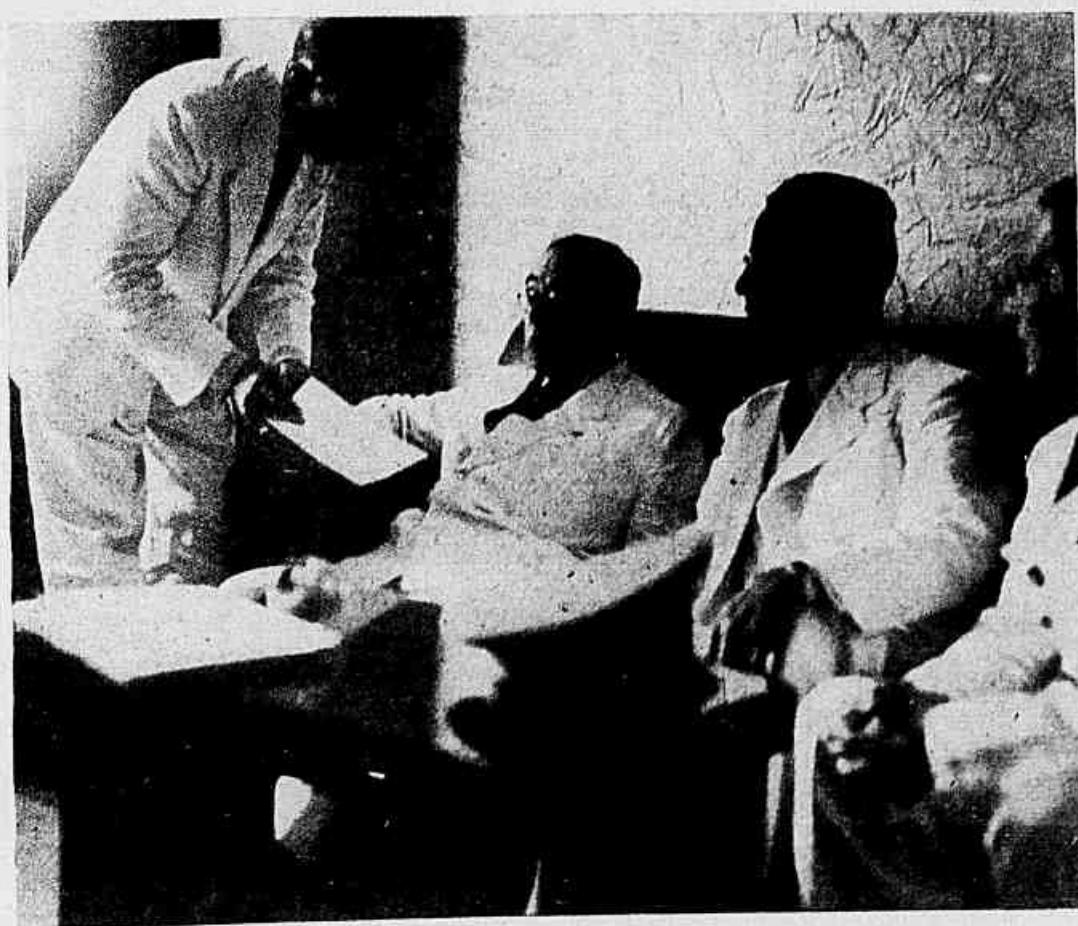
Mato Grosso - CUIABÁ



Mato Grosso registou, em 1940, 30.000 crianças matriculadas nas escolas de ensino pré-primário, fundamental comum, supletivo e complementar. Cuiabá conta com 5.000 alunos nas escolas primárias e 1.200 nos cursos ginasiais.



Em Cuiabá formaram 5.000 escolares em continência ao Presidente da República. Ao alto vê-se um flagrante da chegada do chefe do Governo ao centro da cidade, correspondendo às aclamações populares, e já no palanque oficial. As demais fotos representam aspectos do desfile.



Na Secretaria Geral do Estado

Em palestra com o interventor Júlio Muller e secretário geral do Estado dr. J. Ponce de Arruda, S. Excia. foi informado da situação econômico-financeira de Mato Grosso. Em 1940 a receita do Estado foi orçada em 17.470 contos, enquanto que a arrecadação atingiu a soma de 18.667:686\$800, isto é 1.197:686\$800 a mais.

Na administração Júlio Muller observou-se no Estado os seguintes "superávits" financeiros:

1937	—	1.997:797\$400
1938	—	1.932:642\$600
1939	—	2.778:271\$900
1940	—	3.575:494\$800

Em 1941, a receita foi orçada em 20.064:000\$000 e, já no 1.º semestre, a arrecadação alcançou 10.826:000\$000. A receita de Mato Grosso por km.2 equivale a 12\$875 e "per capita" a 47\$143. O Estado mantém em dia os pagamentos do funcionalismo e de suas obrigações, apresentando, ao encerrar o ano de 1940, apenas 23.926:873\$400 de dívida pública.

O belo edifício da Secretaria Geral do Estado, construído na administração Júlio Muller, abriga, além do gabinete do Secretário, o Tesouro do Estado, a Diretoria de Terras e Obras e o Departamento Estadual de Estatística. A construção desse edifício ficou em 940:563\$700

O programa de estada do presidente Getúlio Vargas em Cuiabá não se limitou apenas às solenidades fixadas nas fotografias destas quatro páginas. S. Excia. visitou a Imprensa Oficial e O Estado de Mato Grosso, moderno e bem aparelhado órgão de Imprensa, ambos entregues à competente direção do nosso brilhante colega Archimedes Lima; visitou também o velho quartel do 16.º B. C. e a Delegacia do Serviço Nacional de Recenseamento. Assistiu ao solene Te Deum na Catedral, em sua honra, oficiado pelo arcebispo d. Aquino Corrêa, que proferiu belíssima saudação ao chefe do Governo. E à noite desse dia realizou-se a grande e imponente parada trabalhista em homenagem a S. Excia. que foi saudado em magnífico discurso pelo dr. José A. de Lima Avelino, presidente da Justiça do Trabalho em Mato Grosso. Foi um desfile de cerca de 15.000 manifestantes que constituiu um deslumbrante episódio da visita presidencial a Cuiabá.

O governo do Estado de Mato Grosso ofereceu ao presidente Getúlio Vargas no Palácio Alencastro, um banquete de 150 talheres, que constituiu uma das notas mais distintas da visita do chefe do governo a Cuiabá. Vemos nesta página dois aspectos do ágape, bem como flagrantes das orações de S. Excia. e do interventor Julio Muller.



"MATOGROSSENSES: TENDES A FRENTE DO GOVERNO UM ADMINISTRADOR JOVEM E ATIVO, DESEJOSO DE EMPREENDER E REALIZAR, PERFEITAMENTE COMPENETRADO DAS RESPONSABILIDADES ASSUMIDAS PERANTE SEUS CONCIDADÃOS E O GOVERNO NACIONAL; COLABORAI COM ELE, AJUDAI-O DE BÓIA VONTADE E PROMOVEREIS, ASSIM, O SURTO DO VOSSO PROGRESSO." (Do discurso do presidente Getúlio Vargas).



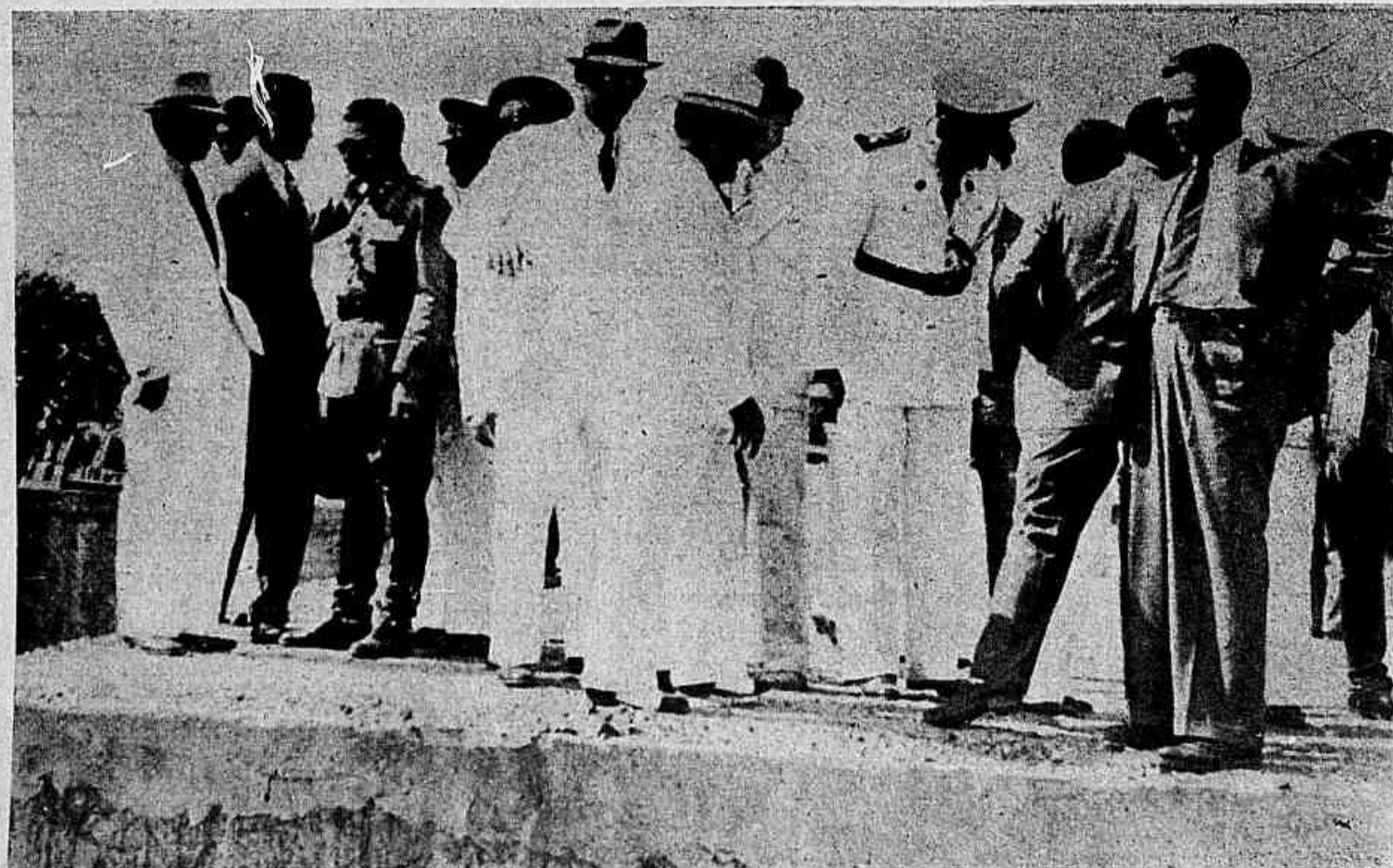
"O GOVERNO E O POVO MATOGROSSENSES MAIS DO QUE NUNCA SE SENTEM HOJE UNIDOS E, A UMA VÔZ, PROCLAMAM BEM ALTO O QUANTO DEVEM AO BENE-MÉRITO GOVERNO DE VOSSA EXCELENCIA. PODE VOSSA EXCELENCIA ESTAR CERTO DE QUE SERÃO ELES DIGNOS DE SUA MISSÃO E DA CONFIANÇA QUE VOSSA EXCELENCIA NELES DEPOSITA. VOLTADOS PARA A OBRA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL, EM BÓIA HORA INICIADA POR VOSSA EXCELENCIA, E PARA OS MAIS ALTOS INTERESSES DA PÁTRIA, O QUE MAIS OS PREOCUPA É O BRASIL E O QUE MAIS ALMEJAM É A GRANDEZA DO BRASIL." (Do discurso do interventor Júlio Müller).



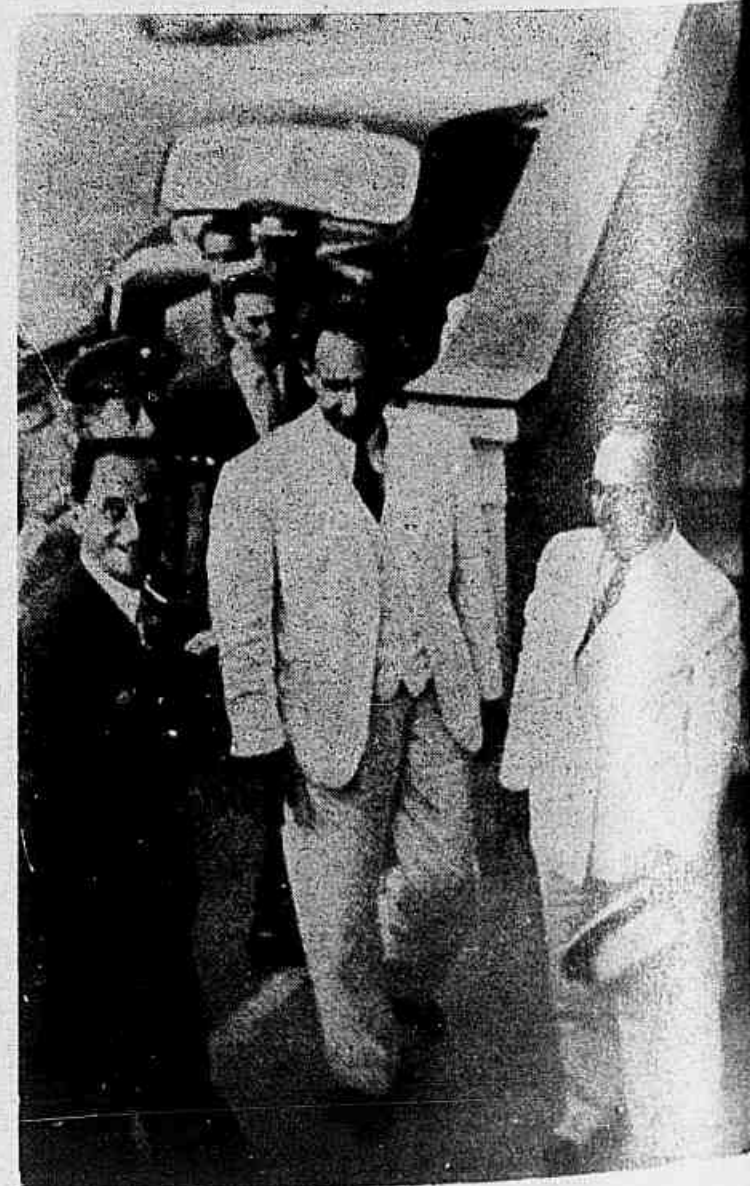
"VISITANDO MATO GROSSO, SR. PRESIDENTE, VOSSA EXCELENCIA TEM TIDO OPORTUNIDADE DE AUSCULTAR NOSSAS NECESSIDADES E DE CAPACITAR-SE DA ESTIMA QUE ESTE POVO, "LABORIOSO E TENAZ QUE, COM O SEU ESFORÇO CONTÍNUO, CONTRIBUE PARA O PROGRESSO MAIOR DA NOSSA PÁTRIA", NUTRE POR AQUELE QUE DEU AO BRASIL NOVOS PRINCÍPIOS E ORIENTAÇÃO, GRAÇAS AOS QUAIS PUDEMOS INAUGURAR TODA ESSA ORDEM NOVA DE PAZ, DE TRABALHO, DE PROSPERIDADE E DE JUSTIÇA, DE QUE HOJE DESFRUTAMOS." (Do discurso do interventor Júlio Müller).



O Governo Júlio Muller construiu em Cuiabá uma estação de tratamento da água a ser distribuída à população da Capital e um grande reservatório de 5 milhões de litros. Na visita feita a essa obra, o Presidente foi minuciosamente informado da sua construção e do seu funcionamento. Dotada de aparelhagem moderna para tratamento da água pelo cloro e sulfato de alumínio, a grandiosa obra custou mil e quinhentos contos de réis.



O Presidente chega ao Palácio da Justiça para proceder à inauguração do mesmo, em companhia do interventor Júlio Muller. O Palácio da Justiça, uma das grandes realizações do Governo Júlio Muller, comportará o Tribunal de Apelação e os seus cartórios, o Juizado de Direito e os cartórios da primeira instância, abrigando no mesmo edifício toda a aparelhagem judiciária. A execução da obra montou em 907:528\$100

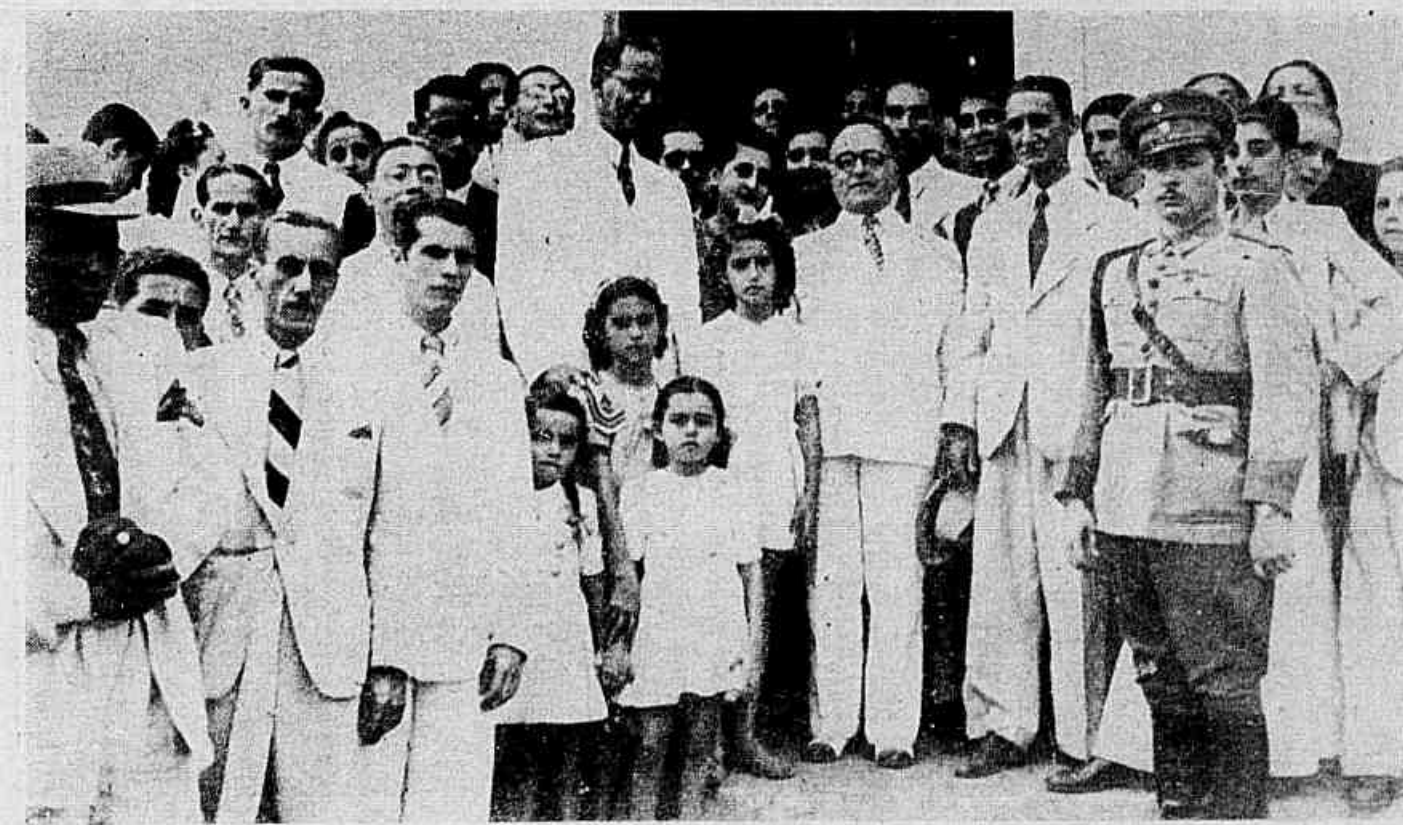




Foi uma encantadora festa o churrasco oferecido ao Presidente da República em Cuiabá, no aprazível local que é a chácara do sr. Mário Esteves. Na fotografia à direita vê-se o sr. Getúlio Vargas ladeado pelo casal Mário Esteves, cujos dotes de fidalguia e distinção proporcionaram a todos os convidados os mais agradáveis momentos de prazer.

♦ ♦ ♦

Em baixo: A' esquerda, flagrante obtido no Palacio Alencastro, durante o baile oferecido ao sr. Getúlio Vargas pela sociedade de Cuiabá, onde carinhosa manifestação foi presenciada a S. Excia. pe'a mulher cuiabana, cuja graça e dotes de espírito deram á linda festa raio brilho e encantamento. A' direita, já no aeroporto, o sr. Getúlio Vargas dirige-se ao avião que o conduzirá de volta ao Rio.



Mato Grosso é um dos grandes Estados criadores de gado. A sua população bovina é avaliada em 5 milhões de cabeças. Anualmente são exportados para S. Paulo 300.000 bois. A produção de xarque atinge a cerca de 4 milhões de kilos anuais e a exportação de couros vai a 3 milhões de kilos. O gado vacum é a maior riqueza de Mato Grosso, seguido da herva mate e da borracha, cujas exportações vão, respectivamente, a 13 e meio milhões e um milhão de kilos por ano. A excelencia da carne do seu gado foi apreciada pelo Presidente, em um churrasco na chácara do sr. Mário Esteves, membro do Departamento Administrativo do Estado, nas cercanias de Cuiabá, do qual as fotos em volta mostram varios aspectos.

Como consultar uma discoteca



Si alguns amigos o acompanham, o bom ouvinte de musica tem uma sala devidamente aparelhada para audições coletivas.

A inauguração de uma discoteca destinada ao público, no Distrito Federal, constituiu objeto de múltiplos comentários, e prendeu a atenção do carioca de maneira invulgar. Na verdade estamos deante de um acontecimento que poderá repercutir profundamente no desenvolvimento de nossas preferências artísticas, por um lado, e que certamente nos facultará conhecer as verdadeiras predileções, no terreno da arte musical, do habitante desta cidade. A discoteca que vem de ser entregue ao público, em sua coleção de nove mil unidades, apresenta tudo: desde a musica erudita, inclusive obras de clássicos, românticos e modernos — até a música popular brasileira, folclórica com suas derivações.

Os dois primeiros dias de funcionamento da nova instituição foram assinalados pela presença de 56 ouvintes, que escolheram gravações de Beethoven, J. Sebastião Bach, Cezar Franck, Debussy, Chopin, Villa Lobos, Carlos Gomes, J. Strauss, além de algumas de compositores populares brasileiros.

Não deduziremos daqui, é certo, que o carioca é apreciador da música erudita, antes que de outra qualquer. Seria um julgamento precipitado, uma vez que se tenha em conta serem os frequentadores (o que era inevitável) pessoas de cultura musical, consequentemente ligadas à música européia. Facto porém ressaltável é a ausência de compositores modernistas (exceção: V. Lobos), o que vem ratificar a opinião dos que afirmam não possuir a música dos modernistas "lugar ao sol" entre o público ouvinte do Rio. Si mau ou bom sintoma, não nos cabe julgar. E' possível mesmo que dados futuros imponham uma conclusão contrária.

A discoteca pública do Distrito Federal, tendo-se em vista o bom gosto que se desprende de sua magnífica coleção de gravações, e a organização que apresenta, reveladora que é da intenção de aproveitar a experiência de instituições congêneres — pode ser classificada entre as obras destinadas a futuro brilhante e sempre fadadas a melhoras. E' um campo de pesquisas para os estudiosos e um ambiente ideal para os que verdadeiramente apreciam a arte musical. O seu actual horário de consultas compreende-se entre 11 e 23 horas. Foi adotada a técnica do fichário na escolha, por parte do público, das gravações.



O interessado dirige-se ao fichário e, entre 9 discos, escolhe aquele que a sua sensibilidade está exigindo.



E ao lado de muitos outros, isola-se dentro desse mundo magnífico que é a arte musical.



Si está sozinho o ouvinte põe o disco sobre um aparelho de uso individual.

MILIZA KORJUS VISITARÁ A AMERICA DO SUL

Nos fins deste mês estará entre nós a estrela do filme "A Grande Valsa"



Um telegrama de Hollywood conta-nos que Miliza Korjus está ultimando os seus preparativos para empreender uma viagem ás capitais sul-americanas, realizando assim uma tournée artística nas principais metrópoles desta parte do continente. Artista de grande projeção na capital do cinema e conhecida estrela cinematográfica ela possui ainda uma voz privilegiada que tantas emoções proporcionou aos «fans» da sétima arte. Miliza Korjus aportará no Rio de Janeiro em fins deste mês.



A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

O HEROI SUPREMO

Caxias, nume do Exército, encarnando todas as tradições e glórias de nossa classe militar, encheu a semana que passou, pelo culto cívico a que deu motivo, chegando este ano ao seu apogeu, pois desde as mais altas camadas oficiais às de nosso povo as homenagens assumiram um caráter empolgante, valendo como um preito de toda a nacionalidade.

O Condestável do Império, cuja espada firmou a unidade brasileira, arquetipifica todo valor e virtudes de nosso soldado, sendo, por sua vez, uma nobre e culminante expressão de nossa raça.



Na paz e na guerra, Caxias avulta e se impõe, quer pelo prestígio de sua personalidade de escóla, quer pela sua ação meritória, em que o guerreiro, o estadista, o patriota se define e sobreleva.

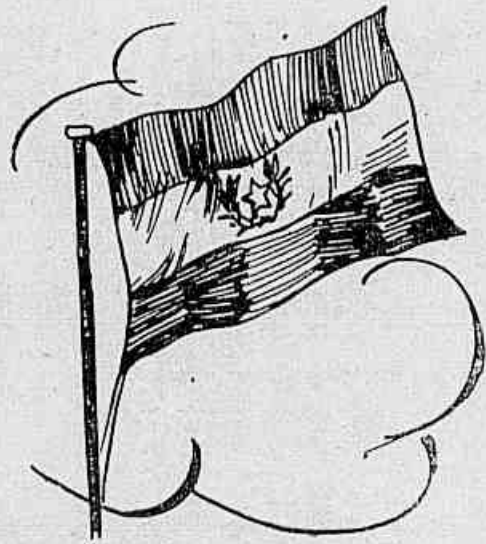
Teve, na sua predestinação gloriosa, o dom de ser um chefe inigualável, devotado à sua classe e à Pátria, disciplinado e disciplinador, tendo por norma segura, invariável e inflexível a consagração de toda a sua grande vida ao serviço de Deus e do Brasil.

Bem haja esse nome, que representa toda força imortal de um símbolo, porque, personificando uma grande classe, é o seu herói supremo.

OS CADETES PARAGUAIOS

O Brasil tem como seus hóspedes de honra os briosos cadetes paraguaios, que vieram tomar parte na nossa magna festa nacional da Independência.

Esses gaiardos moços, que tão bem representam e encarnam um povo irmão e vizinho, são alvo de nosso especial carinho e entusiasmo, despertando de nossa parte a mais comovida expressão de sincero reconhecimento, porque somos sensíveis a esses gestos de extremada cordialidade continental, dada a nossa profunda expansão afetiva.



Si, no século passado, uma guerra separou o Brasil e o Paraguai, neste século a paz e uma

mútua compreensão de inter-americanidade unem, cada vez mais, o Paraguai e o Brasil, cujos povos, tanto ontem como hoje, nunca se odiaram, porque aquela luta não foi senão um triste e sangrento episódio gerado pela política, sem que deixasse, qualquer barreira entre os corações dos brasileiros e paraguaios.

A recente visita do presidente Getúlio Vargas a Assunção veio dar mais relevo a esses sentimentos fraternais e, agora, a presença dos cadetes paraguaios ainda mais os acentua e consolida.

Bemvindos sejam!

O N.º 1 DE UMA CLASSE

No Dia do Soldado recebeu, solenemente, a medalha da Ordem do Mérito Militar, com a qual fôra condecorado pelo Governo do Brasil, o sr. Antonio Luiz de Freitas Pereira, chefe do Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra.

Foi um merecido prêmio a quem conta mais de meio século de bons e leais serviços à Nação, sendo 32 anos só no Exército.

Trata-se do primeiro e único funcionário público condecorado pela República.

Tal primazia ainda torna mais notável esse ato de justiça e vale pelo estímulo a toda uma classe, da qual é o n.º 1 por esse galardão cívico.



O MOMENTO INTERNACIONAL

A ocupação do Iran por forças anglo-russas, num movimento que teve efeito de golpe incisivo e rápido, foi o acontecimento mais importante nos quadros da luta no Oriente Próximo, enquanto na frente, que vai do Báltico ao Mar Negro, a investida germânica em torno de Leningrado, Kiew e Odessa, si bem que intensa e vigorosa, não se reveste agora do ímpeto de guerra-relâmpago, como a princípio se julgou, dada a resistência en-

contrada e que tem surpreendido o mundo. Mas o caso político sensacional e deplorável foi o atentado de Versalhes, no qual a sua maior vítima foi o sr. Pierre Laval, ocorrido a 27 de agosto.

O ato criminoso de Paul Colette é um índice da grave agitação por que passa a grande França vencida, que, pela maioria de seu povo, não se conforma com a derrota.

Não queremos nem devemos comentar esse trágico gesto. Mas isso não impede de deixarmos de reconhecer a nobreza de Laval, que, ferido, teve a generosa impulsão cavalheiresca de pedir que não consentissem em que o povo linchasse o desatinado, poupando a sorte de quem o não poupava.

Esse seu gesto o redime de seus erros políticos e espelha a alma de uma nacionalidade.



O SALÃO DE 1941

Está aberto o Salão deste ano, com a XVII Exposição Geral de Belas-Artes.

Na tarde de sábado, durante o vernissage, e na de segunda, com a solenidade oficial de sua inauguração, foi o grande assunto nos meios artísticos e sociais da cidade.

Clássicos e modernos, velhos e novos, cada qual no seu senso estético, uns primando pelo equilíbrio, por vezes exageradamente acadêmico, outros excedendo-se na sua ânsia deformadora ou desbordante, oferecem, aqui e ali, obras dignas de ser vistas e, não raro, algumas vezes chegam a forçar um momento de enlevo e de êxtase.

O Salão de 1941 tem um aspecto promissor, que denota um progresso alcançado sobre outros: o seu cunho nacional, sem força de expressão. Muitos artistas dos Estados, desde o Norte ao Sul, compareceram. E compareceram com trabalhos de vulto. Basta dizer que o grande pintor Presciliano Silva, da Bahia, está muito bem representado, e que o adorável Bernardino Pereira, de S. Paulo, que não expunha no certame oficial, também expõe. Só esses dois, além de outros bem expressivos, valem pela comprovação daquele assomo oportuno de brasilidade patente.



"BALIPODO"... POR "FOOT-BALL"

Foi proposto à comissão designada pelo ministro da Educação, para estudar e organizar um plano de nacionalização e uniformização das expressões usadas nos esportes, o neologismo "balipodo" para substituir o termo "foot-ball", sendo outros formados para nacionalizar as demais denominações exóticas.

Não cremos que vinque a inovação, mesmo porque "balipodo" é um neologismo pesadão e sem eufonia.

Nessas cousas os gramáticos e eruditos perdem o seu tempo, ficando off-side, porque os "torcedores" do Fla x Flu dão mais autoridade ao Leônidas que à fécula de Aristarco.

Esse assunto não se resolve... de pé para mão. E o povo vai marcar o goal do desempate.



O SOLAR DA NACIONALIDADE

Fez-se a inauguração do palácio do Ministério da Guerra, monumento que, pela sua precípua finalidade e imponência das linhas arquitetônicas, se converte no Solar da Nacionalidade, não só como por ser e merecer o título de Casa do Exército, como por valer também por sede de nosso instinto de defesa e de nosso espírito de brasilidade, já sagrado pela luz de mais de quatro séculos.

Esse tão auspicioso acontecimento, que vem concretizar a aspiração de uma classe e servir de síntese do Brasil forte e feliz de hoje, despertou em mim, brasileiro obscuro, a iluminação de um grande sonho, que é, de certo modo, um voo lírico do meu patriotismo.

Não resisto à tentação de o confessar de público e vou divulgá-lo aqui, pelo desejo veemente de o ver executado.

Segreda-me a esperança, sereia das cousas impossíveis, que ainda poderei, um belo dia, ser testemunha ocular de sua realização, porque, em nosso tempo, se tornam normais e exequíveis os maiores prodígios.

Ao impulso de um idealismo incorrigível, que me localiza no cérebro um Q. G. de utopias, já estou "vendo" o que ainda não passa de um sonho, tomando forma a parada militar dos símbolos, que ao meu alvitre são convocados, para se tornarem marcos do nosso passado, pois que estes permanecerão como numes do bloco monumental, que se encontra no mesmo lugar histórico, por onde se desenrolou, em grande parte, a parábola do nosso destino.

Depois, o vasto pátio quadrilátero, pela sua disposição topográfica, os seus efeitos mais íntimos e sugestivos, por lhe dar uma recatada grandeza, que o espaço aberto ainda mais dilata e favorece.

Ao centro, dominando, ergue-se-á, em bronze, da base de granito, na nudez dos símbolos eternos, numa estatura de gigante sereno e firme, a figura do Soldado Brasileiro, segurando com a dextra possante, como Guarda e Defensor da nossa Bandeira, o mastro em cujo topo drapejam, à carícia do vento, as cores sagradas do pendão nacional, que é a Pátria na espiritualização de uma asa enorme, a cuja sombra nasceu e vive o Brasil, para a eternidade de sua glória.

Na sua base, em baixos-relevos, se gravarão nas quatro faces, que se voltam à direção dos quadrantes, os vultos étnicos da nossa formação, em sua ação de heroica defesa e expansão do Brasil: o bandeirante paulista; o sertanejo do Nordeste; o ribeirinho da Amazônia e o cavaleiro gaúcho.

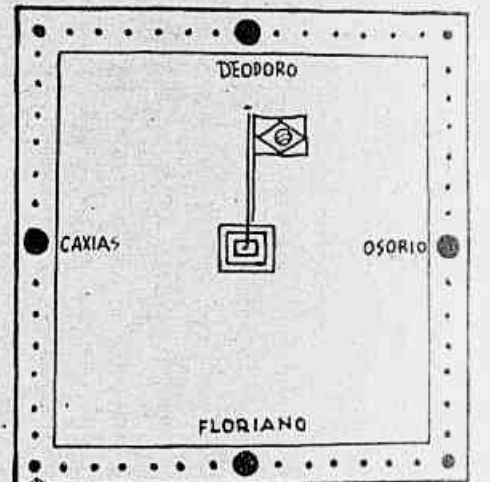
Nas quatro alas cobertas, que formam as galerias térreas, em equidistância observada a rigor, pelos vãos, em série, dos amplos espaços laterais, se acharão, perfilados, do mesmo tamanho, os vultos mais valorosos e representativos da classe militar, os heróis e expoentes do Exército, desde a Colônia ao Império, desde a República ao Estado Novo.

No meio de cada ala, correspondendo às quatro direções, surgirão as estátuas de Caxias, Osório, Deodoro e Floriano. E, guardando o sentido hierárquico e a sua culminância, os bustos de Benjamin, Andrade Neves, Carneiro, Cabrita, Tibúrcio, Labatut, Pelotas, Mallet, Siqueira Campos, enfim os de todos quantos, pela ação, heroísmo e relevância, foram escolhidos para constituir essa homenagem suprema e justa, com a qual a gratidão brasileira lhes perpetuará a memória, além de revelar, nessa parada cívica, o grau de nossa cultura e civilização, porque serão todas essas obras escolhidas em concurso rigoroso, para movimentar os nossos melhores artistas escultores.

Diante dessa ronda heroica, em continência à Bandeira, nos dias magnos da nossa história, os nossos soldados desfilarão, de modo que esses brasileiros vivos serão comandados por aqueles grandes brasileiros mortos, que estarão ali sempre presentes, como sentinelas do nosso destino e símbolos mobilizados da nossa Pátria.

Ao canglor dos clarins e das fanfarras, no tremor alvoroço dos pendões marciais, ao brilho das armas aos ombros, marcharão, ora nas formaturas solenes, ora ao toque da alvorada, os moços brasileiros que estejam servindo nas fileiras, para cumprir o seu maior dever de cidadãos, tendo como exemplo e estímulo aquele quadrado de figuras que os espertam, os encorajam, os confortam e revigoram, porque serão na eloquência de seu silêncio e no prestígio de sua glória, uma parada militar de símbolos, no âmago do Solar da Nacionalidade.

Lamiré.



Série de outros bustos

JORNAL DAS FAMÍLIAS



1 — Vestido de crepe branco e azul marinho, grande chapéu de palha azul marinho, assim como as luvas e sapatos. 2 — Vestido de crepe branco com desenhos vermelhos, guarnecido com franzidos na blusa e na saia. Chapéu, luvas e sapatos pretos. 3 — Vestido de crepe verde acinzentado com xadrez branco. Turbante branco e sapatos pretos.

Crônica da Moda

Graciosos e jovens são os novos modelos, perfeitamente em harmonia com a estação. Alguns ainda para o inverno e outros já primaveris. Esses modelos encantadores agradam sobretudo pelos seus detalhes muito bem estudados. As nervuras são muito empregadas — desenhando palas, formam altos cintos, dão vida, na frente ou atrás nas saias. Babadinhos guarnecem também de maneira encantadora muitos vestidos.

Os pespontos executados com linha

grossa e pontos largos, de correeiro como são chamados, guarnecem muitos casacos, rodeando frentes e gola, bem como os bolsos. Cabochons ou bordados imitam ordens de colares na pala das blusas.

Muitos são os vestidos executados em tecidos de fantasia guarnecidos com tecido de um só tom, assim como de tecido de um só tom enfeitado com tecido de fantasia. Costumes em lã, crepe preto ou

azul marinho são muitas vezes acompanhados por blusa-colete de tafetá branco com flôres de tons alegres. Muitos vestidos leves são guarnecidos com delicados trabalhos de agulha. Pontos abertos e os franzidos em ninho de abelha são os mais apreciados; muitos vestidos têm as palas e os bolsos guarnecidos com bordados de tons vivos. Nos vestidos para a noite muitos bordados feitos com fio de

ouro ou de prata, assim como com perolas e vidrilhos.

Quanto aos chapéus, são os guarnecidos com flôres os mais apreciados, sejam eles com aba, toques ou turbantes agradam igualmente. Os véus também estão em moda, mas não mais o véu pequeno apenas cobrindo o rosto, — são grandes, caindo até aos ombros, ou então deixando o rosto descoberto, enrolam-se no pescoço e vão amarrar-se em grandes laços sobre os chapéus.

Marinette.

Chapéus

de

Nova York



Apresentamos às nos-
sas leitoras os últimos
modelos de chapéu
aparecidos em Nova
York antes dos lança-
mentos propriamente
de inverno. São suges-
tões bastante variadas,
algumas denunciando
a sua origem: aqui um
acento militar, ali um
traço oriental, também
um pouco de baiana
brasileira...

*A sapataria mais querida
da cidade, onde a arte
imperou e o bom gosto domina.*

48-RUA DA CARIOCA-48

Insinuante

*Compre se lhe convier
mas não deixe de ver
as novas exposições.*



A elegante carioca, com seu espírito crítico e senso da própria originalidade separará destas apresentações nova-iorquinas o que de fato possuir real valor. Não nos culpe si esse valor não for alto...

O Supremo padrão da plastica feminina, outrora representado pela *Venus de Milo* é hoje criação da *Cinta Moderna*

Cintas Modeladores Soutiens

OUTRORA VENUS DE MILO	HOJE CINTA MODERNA
160 ALTURA	157
36 PESCOÇO	31
28 BRAÇO	24
88 BUSTO	80
72 CINTURA	60
95 CADEIRA	87
50 COXA	45
34 JOELHO	30
22 TORNOZELO	18½

A CINTA MODERNA

PEÇAM CATALOGO

RIO DE JANEIRO
Fábrica e escritório — R. CONS-
TITUIÇÃO, 36 — Fone 42-2849.
Loja: — RUA URUGUAI-
ANA, 47 — Fone 22-4053.

FILIAIS: Rua São Bento, 78 - Fone
2-7880 — São Paulo. Praça da
República, 31 - Fone 46674 - São
Paulo. Avenida Afonso Pena, 932
— Fone 1097 — Belo Horizonte.

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

LOCÃO
Nº 1120
Nº 1121
Nº 1122

EXTRACTO
Nº 1110 C/GK
Nº 1117 C/GK

PO
Nº 1150

BRILHANTINA
Nº 1112

EXTRACTO
Nº 1111 E/GK
Nº 1111 C/GK
Nº 1111 - M

SABONETE
Nº 1180

Nº 1100 - F
Nº 1101 - F
Nº 1102 - F

Nº 1113

Nº 1100
Nº 1101

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

Sua sombra

Eram tres horas da tarde. Checksohn XXXVII descia magistralmente a grande escada de Bolsa de Paris, correspondendo aos cumprimentos dos confrades com que cruzava. Parece inquieto, muito preocupado. Seu casaco está hermeticamente abotoado por todos os botões e ainda tem a mão apoiada sobre o coração (leiam carteira).

A um dos genros de Rothschild, que ironicamente indaga sobre sua atitude, responde êle com voz assustada:

— Ganhei e... receio perder de uma

outra maneira... A multidão que nos rodeia é tão mal composta, os gatunos são tão numerosos...

— Que poltrão! murmura alguém que acabava de ouvi-lo. Tem receio da sua sombra!

PESTANAS TENTADORAS PARA OLHOS ADORÁVEIS



Eis a maneira facil de tornar os olhos mais lindos e fascinantes:

- 1) Frize as pestanas com KURLASH — o aparelho americano que revira os cílios em um minuto.
- 2) KURLASH não necessita de aquecimento ou cosméticos e o seu manejo é simples.
- 3) Após o manejo de KURLASH veja no espelho o resultado obtido em um minuto.
- 4) As pestanas tornam-se mais longas e belas e o olhar fascinante.



KURLASH

Distrib. S. V. Mangual & Cia. Ltda.
Rua Paulino Fernandes, 55 — Rio
PREÇO PELO CORREIO 22\$000



Vestido de renda marron, abotoado nas costas.



1 — Manteau para a tarde, de crepe marocain de lã preta, suarecido com nervuras, pala e gola de pele. 2 — Vestido de crepe Georgette de lã azul pastel. Faixa azul escuro.



Vestido de crepe azul marinho com desenhos brancos. Tiras aplicadas de crepe azul marinho simulam um bolero.

BICODE
DE /SENHORA/ E VERRUGA/
ELIMINAÇÃO GARANTIDA
TRATAMENTO / DA CUTI/
PELA /CIENCIA MODERNA
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

O AMIGO Nº1 DAS SENHORAS

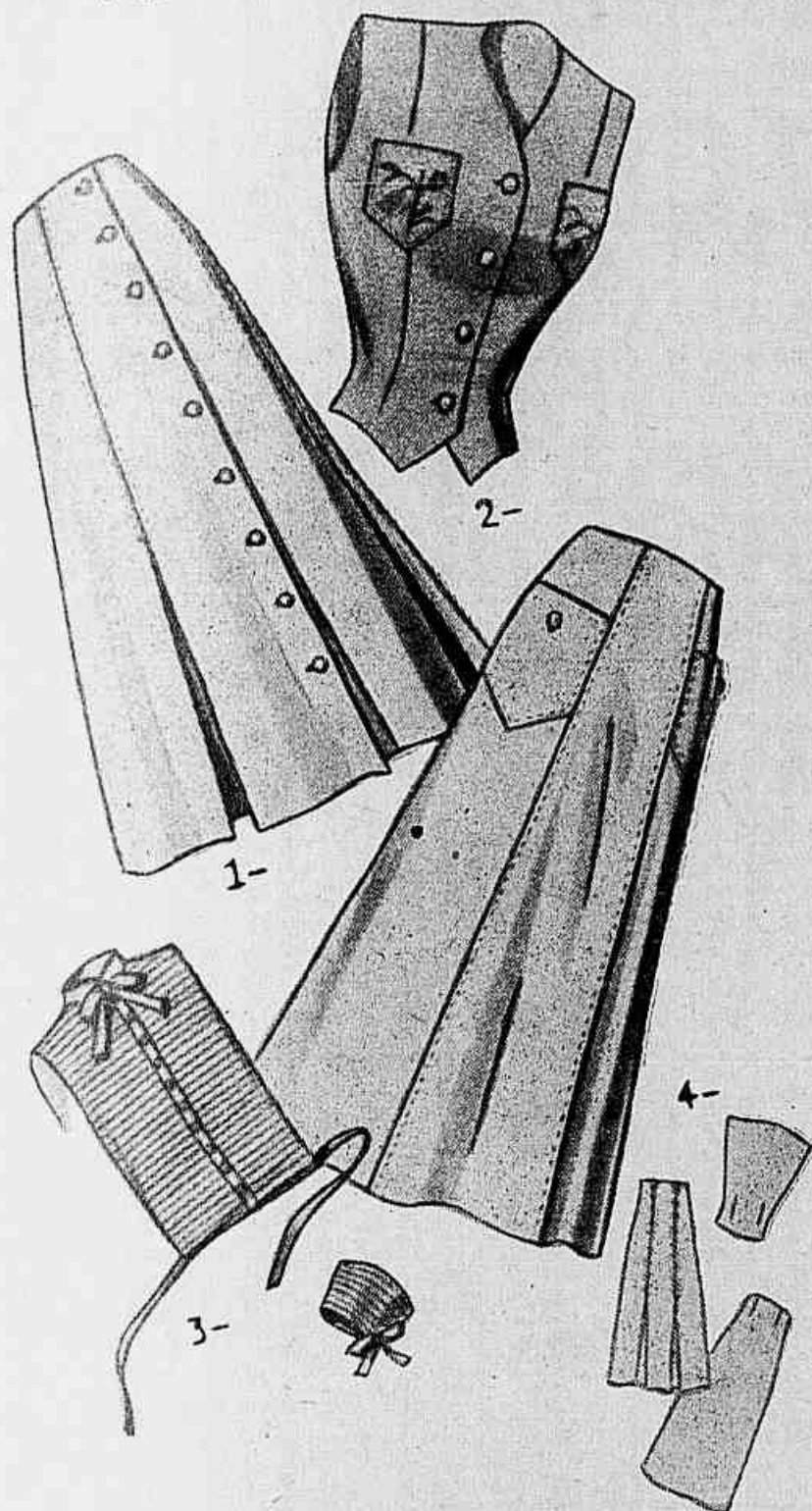
ASTREA

PODEROSO ANTISEPTICO, SUAVEMENTE PERFUMADO, DE RAPIDA ACÇÃO BATERICIDA.

O MAIOR PROTETOR DE TODOS OS ENCANTAMENTOS FEMININOS. PROPORCIONA AGRADÁVEL BEM-ESTAR.

PARA A HIGIENE ÍNTIMA DAS SENHORAS

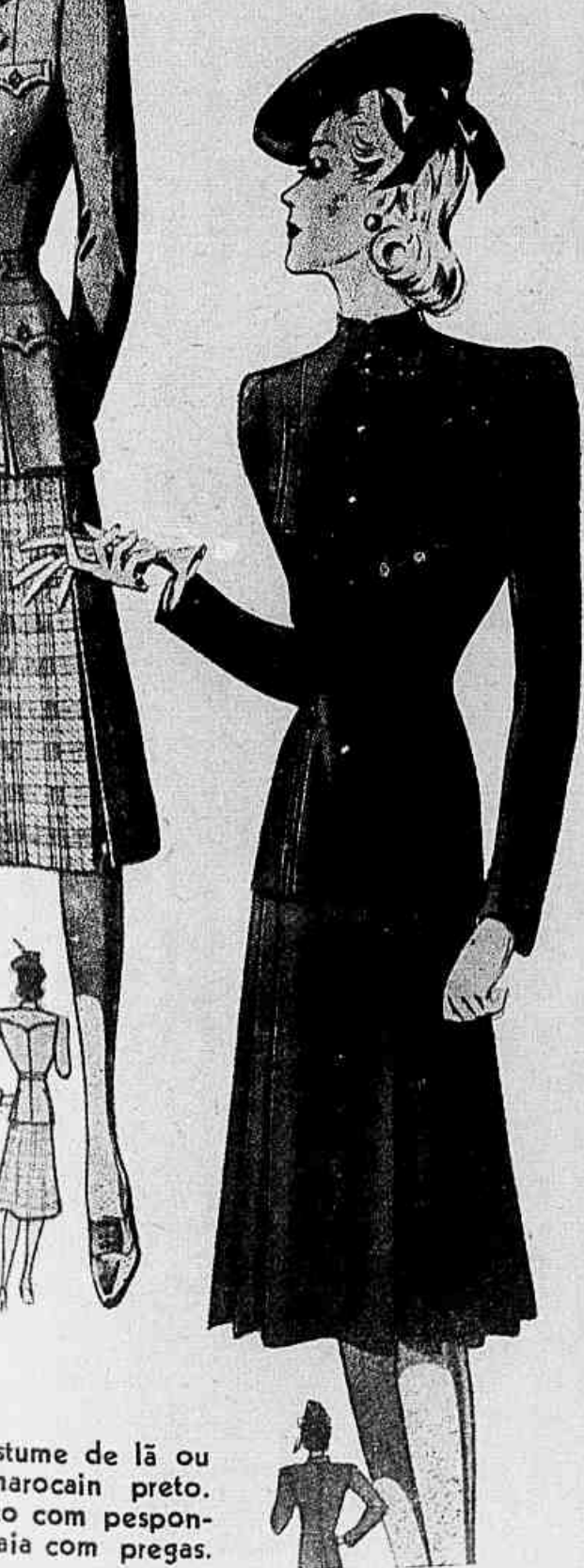
INDISPENSÁVEL A HIGIENE ÍNTIMA DAS SENHORAS



1 — Saia de linho ou fustão branco abotoada na frente e com pregas pespontadas. 2 — Colete de crepe azul, tendo bolsos bordados com flores vermelhas, brancas e azues. 3 — Frente e punhos de crepe com nervuras. 4 — Saia de fustão ou linho branco, bolsos aplicados e pespontos.



1 — Costume composto de um casaco de lã côr de barro, a saia de lã bege claro com xadrez côr de barro.



2 — Costume de lã ou crepe marocain preto. O casaco com pespontos e a saia com pregas.

Tratamentos

NO SALÃO DE ELIZABETH ARDEN

As mãos que aqui aparecem, muito expressivas e raramente photographadas, são as mãos de Elizabeth



Arden, um par de mãos que se tornou famoso em nosso mundo e em nossa geração.

Sómente ao olhá-las temos a impressão de sua firmeza e quasi sentimos a intensa pressão e os efeitos resultantes dessas mãos que aqui vemos executando um de seus tratamentos de face — tratamentos que constituem hoje um meio incontestavel para obter-se uma apparencia que nunca artificial, se destaca pelo seu distincto e captivante aspecto.

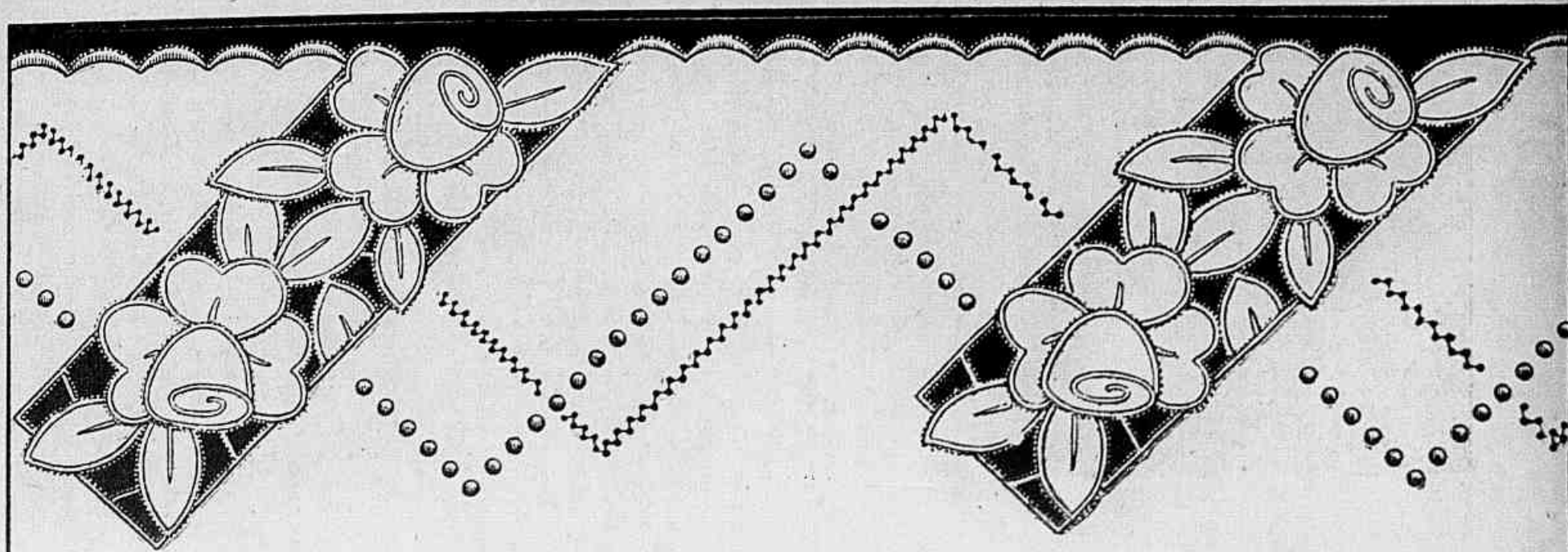
As mãos de Elizabeth Arden, porém, não são as unicas capazes desses significativos

movimentos. Em seus salões, onde são realizados seus tratamentos de beleza, suas assistentes são tão minuciosamente instruidas, que seus gestos ao tratar a cutis revelam fielmente o methodo de sua precursora.

Elizabeth Arden

AVENIDA RIO BRANCO, 257 — Rio de Janeiro
CASA ANGLO-BRASILEIRA — São Paulo

Guarnição bordada para camisa de dormir ou combinação



Festonados, bordado Richelieu e ponto turco são empregados nesta guarnição.

O choro das crianças



Adolfo Dumans, filho da sra. Dulce Guimarães Dumans e sr. Adolfo Dumans, secretário do Museu Histórico — que comemorou este mês o seu sexto aniversário.

O choro do bebê é, provavelmente, um dos problemas mais aborrecidos e mais atordoantes para a mamãe. O que querará ele dizer com aquele choro repentino, o que significarão os seus gemidos, o que estará sentindo?

Há alguns factos relativos ao choro do bebê que nunca devem ser esquecidos. Um choro nem sempre significa dor, como muitas mães temem. Pode o mesmo simplesmente significar um pedido de atenção para ser carregado ou para alguém brincar com ele. Pode significar apenas um ligeiro desconforto devido a uma fralda molhada ou suja, ou a um excesso de calor ou de frio no quarto. Pode apenas ser um meio de dar aviso que está na hora da mamadeira.

Os bebês não são todos iguais nesta questão de choro. Do mesmo modo que os adultos diferem nos seus modos de reagir às sensações, sendo alguns mais sensíveis que outros, também os bebês variam consideravelmente. O que pode causar uma verdadeira tempestade de choro num garoto pode não causar a menor alteração em outro. Os pais já aceitam a afirmativa de que os adultos diferem em temperamentos, mas não compreendem que a mesma coisa aconteça com os bebês. Duas criancinhas saudáveis, vivendo sob o mesmo ambiente, dentro das mesmas condições, podem reagir de modo inteiramente diferente ao mesmo estímulo. Joásinho pode gritar e esparanhar apenas porque sua fralda está molhada, enquanto que Maria dorme calmamente ou sorri

satisfeita mesmo estando com as fraldas molhadas. Anette pode causar a sua mãe uma série de aborrecimentos, apenas porque uma das partes do seu chocalho está amassada, enquanto o Aloisiosinho brinca satisfeito com os seus brinquedos, não tomando conhecimento dos defeitos, como fez Anette. É claro que os pais precisam observar os traços de personalidade e temperamento dos filhos, e reconhecer que nada há de alarmante no comportamento de Joásinho ou Anette.

Na criança recém-nascida uma quantidade moderada de choro é normal e até útil para expansão dos pulmões. Mesmo as crianças saudáveis choram, na média, meia hora por dia.

A maioria das crianças normais choram quando a sua liberdade de movimentos está tolhida ou quando estão sendo vestidas ou banhadas. As causas mais comuns do choro são o hábito e a fome. É curioso notar como os bebês adquirem cedo e rapidamente os hábitos. Basta embalar um bebê ou carregá-lo muitas vezes durante alguns dias, ou balançar seu berçinho, ou lhe dar um consolador (chupeta) uma ou duas vezes, e veremos que tempestade de choro advirá quando for privado de qualquer destas coisas. Se fizermos a vontade o choro passará logo. Certamente deduziremos que não se trata de fome, nem de dor, mas apenas de

manha. O tratamento é evidente. Eliminar a prática a que já está se acostumando e «deixá-lo chorar até cansar». De outro modo a vida em casa tornar-se-á muito desagradável. A tolerância de um mau hábito sempre gera outro, e assim sendo é da máxima importância que os maus hábitos não sejam estabelecidos.

É importante certificar-se de que o choro não significa fome. Se o bebê está aumentando no peso regularmente, 150 a 180 gramas por semana, e parece estar em perfeita higidez, o choro provavelmente não indicará fome, a menos que tais manifestações sejam sempre antes das horas das refeições. Se o bebê deixa de chorar apenas é carregado a mamãe pode ter a certeza de que a causa não é a fome. Se o garoto está perdendo peso ou mesmo não está aumentando, seu choro pode significar uma deficiência de alimentação.

O choro tradutor de uma dor é, via de regra, muito sentido e profundo, às vezes intermitente. Os traços fisionômicos do bebê devem estar contraídos. O choro, usualmente, persiste mesmo quando a criança é carregada e acalentada. Um alfinete de segurança aberto ou outro objeto perturbador no berço ou nas vestes devem ser sempre procurados. Outras causas comuns de dor são as inflamações nos ouvidos e as indigestões.

O choro da criança enferma tem um



Maria Elisa dos Santos Ranzeiro, filha do casal José Gonçalves Ranzeiro, e d. Eulina dos Santos Ranzeiro, no dia de sua 1ª. comunhão.

tom especial, com alguma coisa de gemido, e sempre é acompanhado de irritação. A febre sempre está presente.

Não se pode nem se deve julgar da gravidade do estado de uma criança pela altura do seu choro e dos seus gritos, pois as mais violentas manifestações podem ser devidas a um temperamento irritadíssimo.

O medo de que uma ruptura (hérnia) se produza, parece fazer com que muitas mães não deixem a criança manhosa «chorar à vontade». O medo, porém, é infundado, porque uma ruptura não é causada pelos choros de uma criança sadia e normal.



Gloria Maria Mariath Rocha, filha do sr. Francisco Peixoto da Rocha e d. Nair Mariath da Rocha, à passagem do seu 2º. aniversário.



Cydinha, filha do tenente Alexandre Zettel e esposa, da sociedade de Ponta Grossa — Paraná.



Pratos variados a toda hora

MINGAU de manhã... sopa ao almoço e jantar... bolinhos para o chá, tudo feito com a deliciosa Quaker Oats. Como são gostosos e como fazem bem! Quaker Oats contém os verdadeiros e necessários elementos para ganhar-se saúde e vigor. Fortifica o organismo, acalma os nervos, dá energia. Tome Quaker Oats todos os dias. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 grs. em cada lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.



Zélia, filha do sr. Sylvio Cavaggioni e sua esposa sra. Elsa Ambrozio Cavaggioni.

Correio Feminino

CONSULTA:

Tenho poucas venturas encontrado, perdendo-as, todavia, por um triz... A essa falta de sorte o que me diz quem da vida tem normas estudado!?

E não é sem motivo antecipado que venho consultar Ignez Mariz, afim de que me torne mais feliz com seu conselho sábio e ajuizado.

Parece que não peço em demasia e esclareço que a espécie de ventura pode ser clara como a luz do dia.

E porque góste de literatura, a essa pergunta eu bem desejaria que Ignez Mariz me respondesse á altura.

Jodaca

Resposta: — Infeizmente, não nasci com alma de poeta, por isso apelei para o meu presado amigo Dr. Otavio Tavares, afim de que me ajudasse nessa nova modalidade de correspondência...

E ele me remeteu um belo soneto, acompanhado do seguinte bilhete:

Ignez.

«Misture e mande»... é a formula empregada... Este soneto, o fiz de uma penada, Isto é, não foi com pena, foi com lápis... Use-o! Que a sua estreita refulgente Terá muito mais brilho, certamente, Do que a historica estrela do boi Apis...

RESPOSTA A JODACA

Nem sempre é facil responder á altura Ao que fôr misterioso e transcendente, E ainda mais quando alguém busca a ventura E esta lhe foge impenitentemente.

Quem sabe que noção uma creatura Faz daquilo que sente e que não sente? E a mulher — dizem — mente quando jura E muitas vês jura quando mente...

Ser feliz ou não ser!... Tenha por norma Que o infeliz é um eterno insatisfeito E é feliz quem com tudo se conforma.

Um remedio, porem, eu lhe prometo: Quando a ventura lhe passar ao lado, Leia e medite bem neste soneto...

Sueli me escreve e pede para não transcrever sua carta na integra, pois teme ser reconhecida. O seu caso, em duas palavras, é o seguinte: vendo um rapaz na iminencia de cometer um crime por vingança, apiedou-se dele a ponto de fingir amor para salva-lo. Possuindo uma noiva, ele decerto iria aos poucos esquecendo a obsessão homicida. Nuanças sutilissimas de alma feminina... Si já amasse a esse homem, seria natural e compreensivel que afrontasse todos os perigos afim de salva-lo. Fingir, porem, amor para livrar alguém de si mesmo, apesar de heroico, é perigosissimo, e ninguém lhe aconselharia a proceder assim. Não se deve brincar com fogo. A coisa mais natural do mundo é que você tivesse se "queimado", isto é, se apaixonado irremediavelmente por um homem com alma de assassino e que agora está provando não merecer nem sequer amizade, quanto mais sacrificio. Por uma circunstancia qualquer ele se afastou de sua vida (graças a Deus) e então apareceu "o outro", a quem você teve a coragem de contar todas as pequenas levandades cometidas com o primeiro. Ele a compreendeu e desculpou. E você, que esperava uma explosão estúpida de ciúme... retrospectivo, está agora encantada com a atitude dele.

Bem, mas não o considere um Deus por isso. Foi apenas humano. Foi o que deveriam ser todos os homens, si os seculos de uma educação defeituosa não os tivessem transformado em monstros de egoismo e incompreensão.

E quando você imaginava que afinal poderia ser feliz de verdade, eis que o primeiro, tipo de pelintra pretencioso, a está difamando a ponto da familia do seu noivo não desejar mais o casamento. "Eu e R. adoramos-nos, diz você, porem não posso me conformar em ser a causa de tantas dissidias.

Plumas ao Vento...

(LENDAS NORDESTINAS)

Era uma vez um homem que foi se confessar e contou ao padre que levantára um falso ao seu visinho. A calunia estava tomando corpo e daqui a pouco toda a cidade acreditaria na mentira. O penitente começava a sofrer as agruras do remorso mais atroz. Queria a absolvição a todo custo, pois acreditava que assim poderia serenar a consciencia. O padre garantiu que lhe daria a bênção, com a condição de que ele cumprisse á risca a seguinte penitencia; subir á torre da Igreja, levando um travesseiro cheio de plumas e lá de cima soltar as penas ao vento. Descer, depois e tentar apanha-las... todas.

Trabalhou o homem uma semana inteira, não conseguiu juntar nem um terço das plumas e foi se queixar ao confessor do insucesso.

O padre velho então lhe respondeu:

— Pois... seria mais facil tornares a apanhar os milhares de penas que lançaste ao vento, do que as palavras mentirosas que sussurraste aos ouvidos do mundo contra a honra do teu proximo.

E não suporto a idéa de que todos pensam mai de mim. Queria ao menos convencer o pae dele da falsidade dos boatos que correm a meu respeito.

Suei: que lhe importa a calunia, a hipocrita opinião do mundo, si lhe resta o consolo supremo de merecer a confiança do homem que ama? E porque não toma a resolução de ir olhar bem de perto a cara do "velho"? E' o

melhor a fazer. Estude antes o fraco do futuro sogro. Qual a atitude que ele consideraria ideal para uma moça em semelhantes circunstancias: humildade ou ativez? Parece que ele ha de preferir que você lhe suplique o consentimento. Pois... satisfaga ao velho. Custa muito, eu sei. As grandes felicidades, porem, como os artigos bons, têm que ser adquiridas por alto preço...

André Carnegie, norte-americano famoso pelo metodo que inventou de ensinar gente a viver, (como tenho inveja dele...) diz, no final de um dos seus tratados, o seguinte:

"Este livro não é um saco de manhas. Tudo o que ahi ficou dito, deve ser praticado com sinceridade e não com hipocrisia, mesmo porque a hipocrisia não convence as pessoas inteligentes."

Eu também, meu povo, não estou querendo que ninguém seja fingido. Acho, porem, que um pouquinho de manha — diplomacia, no sentido internacional — ajuda bastante a gente viver. Desde que não haja quebra de dignidade, bem entendido.

Vamos, Suei. As grandes questões, quando encaradas de frente, quero dizer, com destemor, transformam-se quasi sempre em questõesinhas de nada; vá falar com o "velho" e mande me contar depressa o resultado.

Quanto ao caso de seus paes virem a saber que estão correndo certos boatos a respeito de sua filha, chegando, talvez, a adoecer por isso, nada poderá ser feito para evita-lo. E quando a gente sabe que o desfecho de qualquer assunto não depende de nós, o melhor que temos a fazer, é... não fazer nada, nem martelar a cabeça com pensamentos pessimistas. Parece que foi São Francisco de Assis (mais filosofo do que santo), quem disse:

"Não devemos nos alegrar nem entristecer por motivo de coisas que ainda não aconteceram, porque é bem possivel que elas não venham nunca a acontecer." Portanto, Sueli, tenha calma.

Ignez Mariz

Costume
para
a
praia



Saia e casaco de lã ou linho vermelho, guarnecidos com pespontos grossos, executados com linha branca. Nos bolsos da saia bordadas ancoras. A blusa sem mangas de fustão branco com gola do tecido vermelho e uma ancora vermelha bordada na frente.

MADAME JACQUELINE

A ESBELTEZ

As aplicações locais de Parafina Cór Verde, para o corpo, dão um resultado real quando feitas com perseverança e ânimo.

As "papadas", os "cangotes", os bour-relets (protuberâncias) em baixo dos braços e em torno da cintura desaparecem em pouco tempo; pernas grossas, joelhos, tornozelos readquirirão também rapidamente as medidas normais.

Gentil leitora, inicie desde já o uso dessas aplicações extraordinárias e constate a sua elegância, a beleza de sua linha...

CORRESPONDENCIA

Sra. Darcy Lima Canuto — Não somente é possível como ainda, como verá, relativamente fácil. Para as rugas do pescoço o meu "valente" Tonico Adstringente das 4 Frutas lhe dará inteira satisfação em muito pouco tempo; deverá usá-lo à noite depois de ter feito a sua limpeza de pele por meio da minha Huile Romaine Antique, fazendo uma massagem ligeira. Para as rugas do canto dos olhos e da boca, é o meu Antirugas Especial n.º 3. Tenha um pouco de coragem, aplique bem os preparados e a vitória é sua!

Marina Segunda — Contra essa flacidez do corpo em geral de que se queixa, quero aconselhar-lhe a minha Loção Divina — Para Após o Banho, uma loção especial e a bases vegetais, enrijando as carnes moles ou enfraquecidas. Friccionar o corpo todo logo depois do seu banho e à noite antes de se deitar. E' um perfume delicioso. Frasco grande 15\$000.

Sinhazinha Sodré — Para enrijar o busto — sem aumentar — como a senhora quer, é o Creme Adstringente Miraculoso que deverá usar; penso que com 2 potes já terá o resultado que deseja, sendo o seu caso como me explica; cada pote custa 30\$000; quanto à flacidez do rosto, manchas etc., aconselho fortemente o uso da minha Máscara da Juventude — Beleza Instantânea: o uso desse preparado, o 1.º pote todos os dias sem parar, e daí em diante, quando for a alguma festa, baile ou teatro, fazendo sempre as aplicações meia hora antes de sair, eu lhe garanto um sucesso perfeito e além de sua expectativa. Experimente que não se arrependerá.

Madame JACQUELINE.

A VENDA E INFORMAÇÕES
PERFUMARIAS CARNEIRO

Braços e Axillas sem macula

LIVRES DE PELLLOS QUE TANTO AFEIAM
E ESTRAGAM COM O SUOR OS
SEUS VESTIDOS

As grandes estrelas de Hollywood e do velho mundo não usam já mais a navalha ou outros meios antiquados para remover os pelos superfluos nos braços, axillas e pernas. O depilatorio ideal "Racé" destrói instantaneamente e até á raiz todo vestigio de pennugem e mesmo os pelos mais grossos. "Racé" é o moderno depilatorio em pó, branco, suave e perfumado, não contem substancias prejudiciaes à pelle e não tem mão cheiro.

"Racé" elimina os pelos com incrível rapidez, não irrita a pelle e evita que os pelos tornem a crescer mais vigorosos.

NÃO MAIS VESTIDOS INUTILIZADOS
pelo suor originado dos pelos das axillas, que exhalam cheiro desagradavel.

Use "Racé" e faça-nos o obsequio de contar os resultados ás suas amigas.



RACE vende-se nas principais drograrias, perfumarias e pharmacies.
"LABORATORIOS VINDOBONA"

RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — TEL. 23-1100 — RIO DE JANEIRO
PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATENDEM-SE NO MESMO DIA

Racé
O perfeto destruidor
do pelo

LABORATORIOS VINDOBONA R. S. — R. 4
RUA URUGUAYANA, 104 - 5.º AND. — RIO DE JANEIRO
Queria enviar-me o folheto explicativo do DEPILATORIO RACÉ
Nome
Rua
Cidade Estado



- 1 — Costume de lã azul marinho, o casaco com botões dourados em feitiço de estrela. Blusa de crepe branco com desenhos de estrelas azul marinho.
2 — Sobre um vestido para a noite, de faille azul turquesa, este casaco de lã azul escuro com botões prateados em feitiço de estrela.



Manteau de tweed verde escuro, com pala e bolsos aplicados.

Vestido de sarja azul marinho simulando saia e blusa, guarnecido com pespontos e bordado a ouro.



Vestido de lã bege clara, agola, revers e pregas da saia com pespontos marron
Cinto e botões bege claro.



Costume de jersey rosa pálido guarnecido com pespontos pretos. Cinto de verniz preto.

ARTE DE VESTIR BEM

Modêlo e crônica por Sophia Magno de Carvalho, diretora do Liceu Império, escola de Corte e Costura. Rua Ramalho Ortigão, 9 — 2.º andar.



"Swagger Coat"

Para designar um belo casaco amplo, confortável e solto, o inglês usa, no seu humor incomparável, a feliz expressão *swagger coat*, que quer dizer, como sabem, "casaco insolente".

Traduzida no entanto para a nossa língua, a expressão toma um sentido ligeiramente pejorativo que está bem longe daquele que o inglês quiz fixar.

Não havendo nunca numa outra língua palavra equivalente para substituir um significado idiomático, não nos convém, muitas vezes, traduzir uma expressão estrangeira para não lhe deturpar o seu verdadeiro sentido. Para o inglês, por exemplo, o *swagger coat*, que nasceu há tantos anos na Inglaterra para a comodidade inglesa, foi adotado definitivamente pelo espírito prático da americana e que começa agora a ter tanta aceitação pela brasileira de bom-gosto, é um adorável gênero de agasalho que se im-

põe pela sua beleza, a despeito da grande simplicidade de seus detalhes.

Impõe-se pela fartura de seu panejamento que aumenta o valor dos belos tecidos lisos, vistos em grandes massas, ou permite desenhos de largos padrões sem lhes perturbar o efeito. Tem uma expressão de conforto e de abrigo pelo volume de sua linha geral; uma certa graça negligente disfarçando intencionalmente o contorno da cintura numa sedutora expressão de mistério... Ondulante na marcha, empresta à silhueta esse movimento que a vida moderna exige em todas as cousas. Porque é farto, prático, confortável, bonito, misterioso e rítmico, não se deixará passar despercebido entre outros casacos de linhas mais rebuscadas. E' por isso, então, que a gente inglesa, com esse fino humorismo que lhe caracteriza o espírito, minha cara leitora, o classifica muito psicologicamente de "um casaco insolente" (a *swagger coat*).

Dedicando, hoje, esta minha seção ao *swagger coat*, aqui apresento o meu modelo. Como o gênero prático e elegante desse agasalho exige, o meu modelo é simples e de linhas mais ou menos clássicas. Apenas uma nota original sobre a cintura — o laço do cinto do vestido, saindo por duas casas — põe uma nota alegre no conjunto severo. Esse detalhe combinando com a *écharpe*, por exemplo, ou com a gola do casaco, mudará

cabalmente a expressão do modelo. Si o laço for de camurça ou veludo, combinando com a gola, o conjunto toma um aspecto algo solene e prático; si ao contrário for em tafetá colorido e xadrez, condisendo com a *écharpe* policrômica, o *ensemble* terá uma expressão mais suave e feminina, que se prestará muito para as horas nas quais se exigem *toilettes* mais delicadas.

Como minha leitora vê, o *swagger coat* executado num tecido caro, bom, de cor neutra e clara, deve ser uma *toilette* imprescindível num guarda-roupa feminino.

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OUVIDOR 181

Neuna Pessa Fanchim — Peço mandar mais claramente seu endereço, pois minha resposta à sua carta foi devolvida pelo Correio, por não ter sido encontrada a destinatária.

Dulce Magalhães — No princípio do mês de Setembro será iniciada uma turma. A inscrição deverá ser feita antecipadamente.

Rosalina Cruz — Não cobro joia nem o curso em conjunto. Os pagamentos são feitos por mensalidades.

Sy. Carvalho



Imediata E DELICIOSA FRESCURA SEMPRE QUE SE ESCOVAM OS DENTES

Ponha um pouco do delicioso e puro Creme Dental Squibb na escova e passe-o sobre os seus dentes e gengivas. Imediatamente sentirá na boca uma sensação de frescura e bem estar. Prove, com a língua, a diferença deste delicioso creme e verifique sua ação estimulante.

Note, depois, quão fresca e limpa se sente sua boca. E não se esqueça de que esta limpeza é feita com toda a segurança, pois, na fórmula científica Squibb não há nada que possa prejudicar os dentes, nenhuma substância raspante ou adstringente e nem sabão. Mais de 100 provas garantem sua pureza.

O Creme Dental Squibb é um produto dos Laboratórios Squibb — fabricado como contribuição eficaz para os cuidados do seu dentista. E com tudo isto não custa mais do que um dentífrico comum. Por que não proporcionar — hoje mesmo — os seus benefícios a toda a sua família?

Use a nova

ESCOVA *ANGLE* SQUIBB

cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



Neutraliza a Acidez Bucal
Puro e cuidado científico e perfeito dos dentes e gengivas

FABRICADO PELA FORMULA DE
ER-SQUIBB & SONS
Fabricantes Chímicos
Estabelecidos em 1858
NOVA YORK
M. BARBOZANETTO & CIA
RIO DE JANEIRO

Creme Dental SQUIBB

... O DENTÍFRICO ANTI-ACÍDO

MODELOS VARIADOS

1 — Saia de lã escocesa, verde com xadrez vermelho, preto e branco. O casaco de malha no tom vermelho com a gola e tiras das frentes no tom verde. A blusa de toile de seda branca. 2 — Blusa de zefir, listas brancas e azues. Saia de lã ou fustão azul. 3 — Blusa de jersey cinzento claro, saia de lã escocesa cinza escuro, claro e verde vivo.



Manteau de crepe (marocain azul marinho, guarnecido com pregas.

PENSAMENTO

Não são sempre as nossas faltas que nos perdemos, mas a maneira de nos conduzir depois de as ter praticado.

Marqueza de Lambért.

Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA GZRS. SANT. N. 56-1-12



Manteau de lã bege, com nervuras nas frentes, nas mangas, e recortes em festões.



Pijama — Calça larga de crepe marrom, o casaco de setim listado de branco, bege, marrom e azul vivo. Guarnecido com tiras de setim branco.

★ *Baton* **FLAME-GLO** ★
Em 10 tons moderníssimos
Côr da moda **ROYAL WINE**

para a frente. A parceira passa a bola entre suas pernas, e é entre suas pernas que deve ir tomá-la. Erguer-se e atirar a bola para a outra apanhar no ar, e assim em seguida. Depois fazer o exercício em sentido contrário: é a parceira que atira a bola no ar e a pessoa que a passa por entre as pernas — isto sem dobrar os joelhos. É um excelente exercício de flexibilidade e alongamento.

Damos aqui outro, este para a flexibilidade da coluna vertebral e dos músculos abdominais.

Assentadas uma na frente da outra, a dois ou três metros de distancia, segundo a força: quanto mais fortes forem, mais podem afastar-se. Uma mantendo a bola atira-se para atrás, de maneira que os pés vão tocar o solo por traz da cabeça — continuar mantendo a bola com os braços esticados e bem encostados á cabeça, e é erguendo o busto para voltar á posição assentada que é lançada a bola á parceira. Por sua vez esta inclina-se para atrás, e ergue-se para atirar a bola.

Quando se vê fazer este exercício, deve-se ter a sensação de que é o peso da bola que faz atirarem-se para atrás as jogadoras.



Pijama de shantung ou linho rosa, com pala, mangas e bolsos de shantung rosa com pintas pretas.

THERMOMETROS PARA FEBRE
CASELLA-LONDON

Min Casella London

84014

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

SAUDE E BELEZA PELO EXERCICIO

O que se deve fazer na praia

Primeiro, deve-se nadar o mais possível, não se sabendo ainda, é preciso forçosamente aprender.

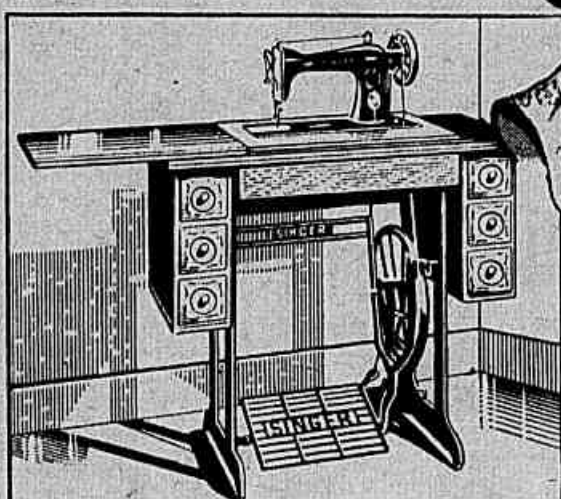
Depois fazer exercícios na areia, um dos melhores é o exercício com a bola (medicine-ball). Praticado com uma outra pessoa é mais divertido e de mais

vantagem. Colocar-se de costas com uma pequena distancia uma da outra. Erguer os braços segurando a bola, e inclinar-se uma e outra para traz até que a parceira possa tomar a bola das mãos daquela que a segura. Estudar a distancia de maneira que tenham de fazer um esforço de alongação para passar a bola. Depois inclinarem-se uma e outra

Gosta?

Fui eu mesma quem fez!"

Modelo Singer de Pedal - 7 gavetas. Um dos magníficos modelos Singer. Pode ser adquirido também com motor elétrico Singer.



Todas as agulhas e peças Singer legítimas trazem a marca registrada SIMANCO. Cuidado com as imitações.

manejo facilissimo, a máquina Singer permite a cada mulher fazer seus próprios vestidos, segundo os melhores figurinos. Economize no feito, para empregar a diferença na fazenda e nos enfeites. Para maiores esclarecimentos, procure o Centro de Costura Singer mais próximo.



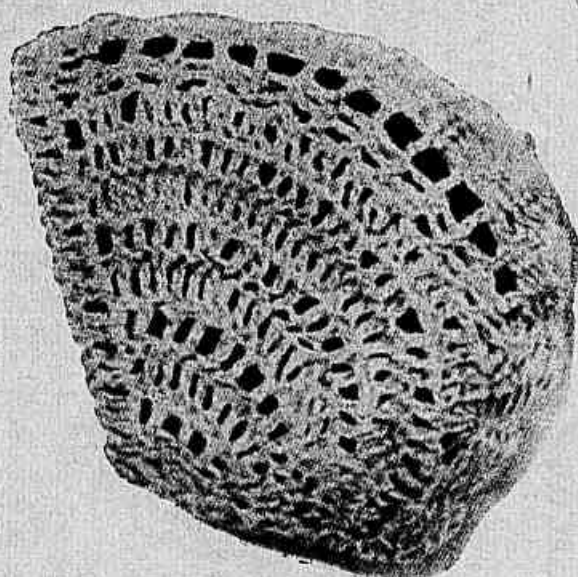
IM, é facil aprender a costurar pelo sistema Singer, e com uma Singer. Leve, veloz, de

Singer

M - 3
Um bellissimo livreto SINGER, GRATIS!
Envie-nos este coupon e receberá um magnífico manual ilustrado, contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.
SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

Nome
Rua
Bairro
Cidade Est.

Guarnição para a cabeça, para damas de honor



TOUCA E DIADEMA DE CROCHET, EXECUTADOS COM LACET DE PRATA OU SEDA DO COLORIDO DO VESTIDO



A touca — Corta-se primeiro um molde em tarlatana ou escocia, alinhava-se e acerta-se bem sobre a cabeça da criança (o molde é composto de três pedaços, a tira do centro e os lados). Executa-se o crochet em ponto alto, primeiro a tira do centro, depois faz-se um dos lados prendendo os pontos na beirada da tira do centro, depois de executar o segundo lado, rodeia-se então a touca por uma carreira de pontos altos. Experimentar sempre o trabalho sobre o molde, para seguir bem o feito da touca.

Diadema — Sobre uma trancinha de 40 centímetros pouco mais ou menos, fazer de um lado duas carreiras de pontos baixos e do outro só uma. Formar na ponta uma alça de malhas de trancinha, na outra ponta prega-se um botão. As flores são compostas de 4 pétalas cada uma, fazer uma trancinha de 3 malhas, fechar em anel, sobre o qual faz-se 1 ponto baixo,

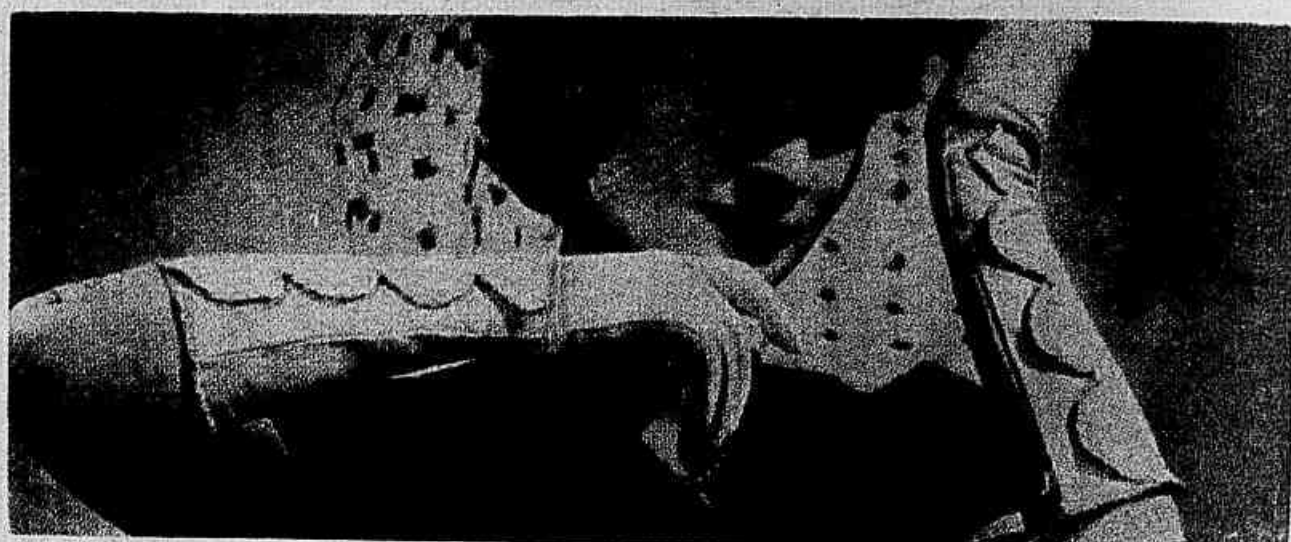
As LUVAS LONGAS norte-americanas



"Fandango", luvas em tecido branco ou de côr com franzidos mantidos por elasticos, com 10 botões.



"Capricho", luvas guarnecidas com nervuras e terminadas por festonados. Seis botões.



"Rio", luvas guarnecidas com recortes em festões.



"Victoria", luvas guarnecidas com franzidos e com 10 botões.



"Debutante", luvas brancas ou de côr, com 8 botões.

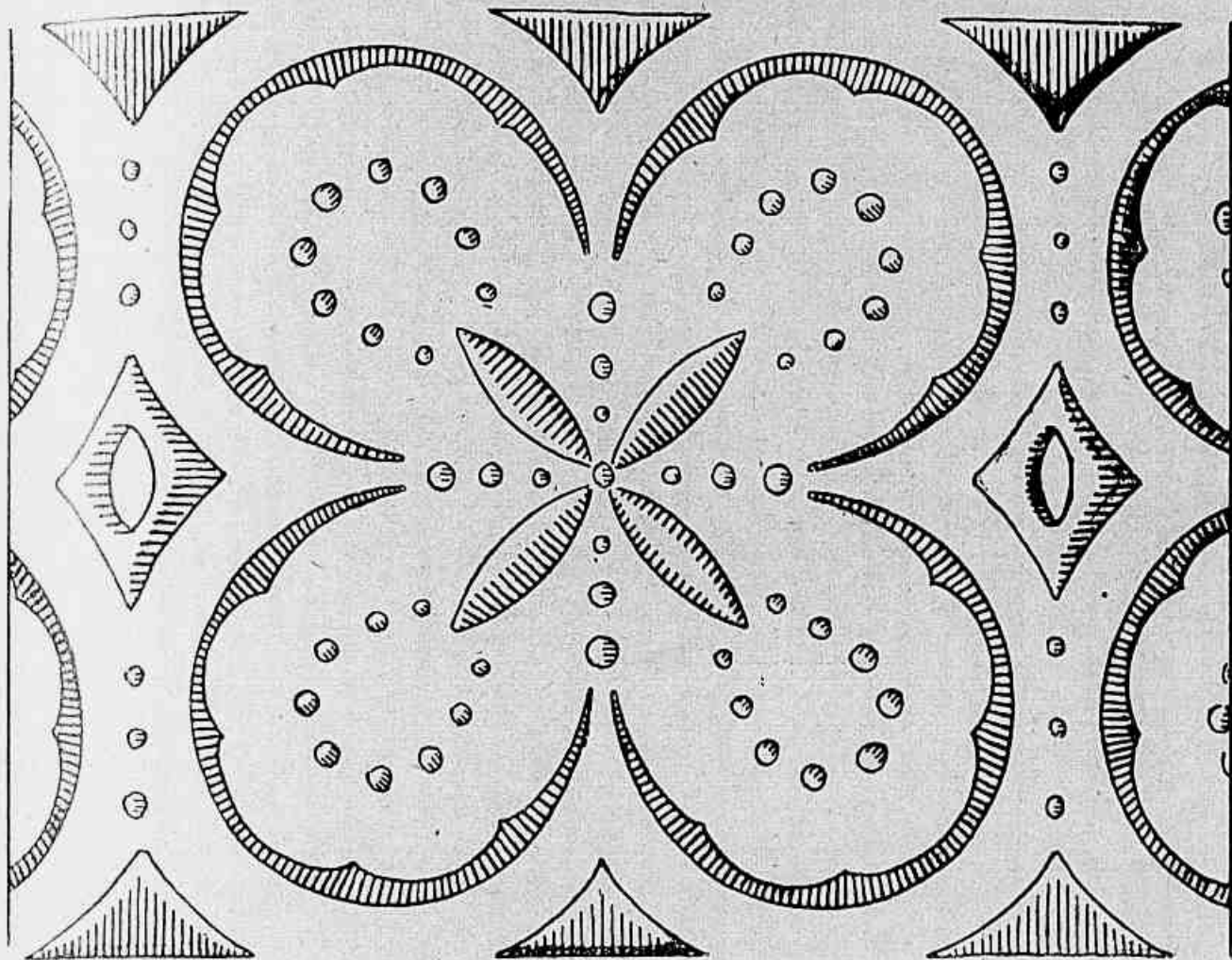
2 malhas de trancinha, 2 pontos altos na mesma malha, 2 malhas de trancinha e recomeçar 1 ponto baixo, etc. Fazer assim as 4 pétalas no mesmo anel. Passar a ferro o trabalho pelo avesso com um pano úmido por cima. Coser as flores pondo uma conta no centro, perola, coral ou do tom do vestido.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OUVIEDOR 181

Ornamentação do Lar

Bordado para guarnecer cortina, toalha, almofada ou centro de mesa

Renda de Milão para a guarnição de cortinas ou stores



Este bordado muito decorativo guarnece uma cortina de linho grosso côr de barbante, o bordado executado com linha verde brilhante; as bolas no tom vermelho. Numa toalha de linho azul o bordado executado com linha amarela de dois tons; numa toalha branca, o bordado executado com linha vermelha. Numa almofada de linho bege ou cinzento claro, o bordado executado com linha azul vivo, as bolas com linha vermelha, etc.



PRECEITOS DE HIGIENE

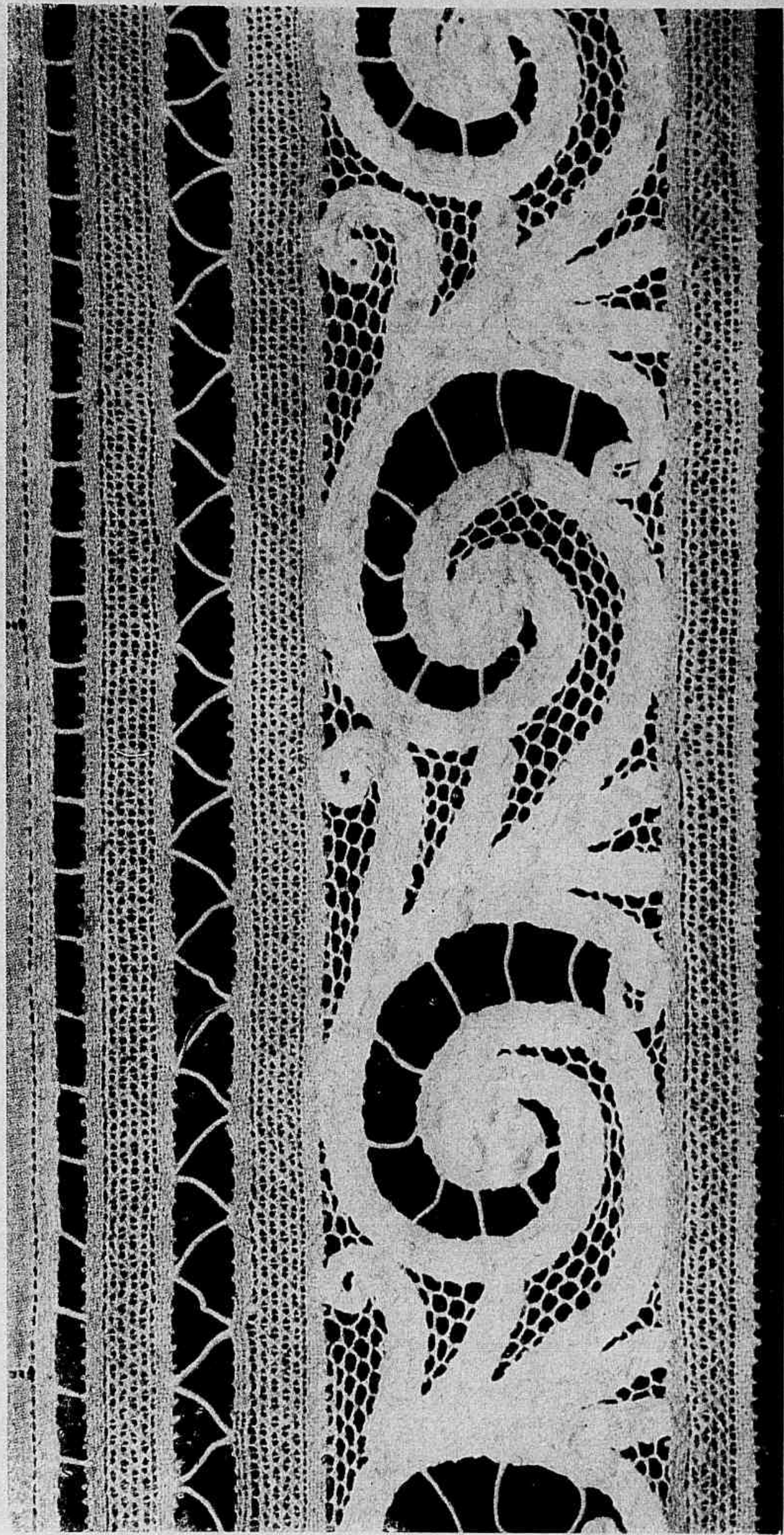
Caso de urgência

Infelizmente é muito frequente deixar-se morrer uma pessoa que teve uma artéria cortada, por não se saber o que fazer. Olham uma artéria de onde o sangue esguicha e esquecem que o ferido não tem tantos litros assim de sangue para perder. Agir! Tudo está nisto! Agir rapidamente! Não se preocupar neste caso com a responsabilidade, é preciso agir imediatamente.

Todas as vezes que se encontrarem deante de um ferimento que sangra em jacto estão deante duma artéria seccionada. O jacto é vermelho. Algumas veias grossas sangram igualmente em jacto, mas o jacto é menos alto e o sangue menos vermelho.

Ligar então o corpo acima do ferimento, entre o coração e o ferimento. Não ter receio de apertar. Uma gravata, um lenço servem perfeitamente; amarrar muito bem e depois, por entre a ligadura e o corpo um lapis, uma cigarreira, enfim um objecto com o qual se possa torcer a ligadura para apertar melhor, é preciso fazer cessar a circulação no local. Por esta razão não se deve deixar tão apertada esta ligadura mais de meia hora no mesmo ponto, haveria perigo para a vitalidade do órgão.

A ligadura bem feita, o sangue pára, dando tempo para chamar o médico ou a Assistência. E' por não ter encontrado alguém com iniciativa que tantos feridos morreram, quando tinham apenas um ferimento sem gravidade, mas com a artéria cortada.



Este entremeio de renda de Milão é executado com lacet de dois tons, branco e cin (este rendado); as barretes e ponto de tule executados com linha branca de linho. Risca-se o desenho sobre uma tira de papel forte duplo, alinhava-se por cima os lacets, o branco formando desenhos e o outro em linhas retas, depois reuni-los por pontos, barretes e ponto de tule. Depois de desalinhavado o entremeio, molhar com agua, na qual se juntou um pouco de amido, passar a ferro pelo avesso, com um pano por cima.



— Esquecemos alguma coisa?
— Nada, querida. A menos que queiras levar os tapetes.

DECORAÇÃO do LAR!...
TAPETES · CORTINAS · MOVEIS ETC.



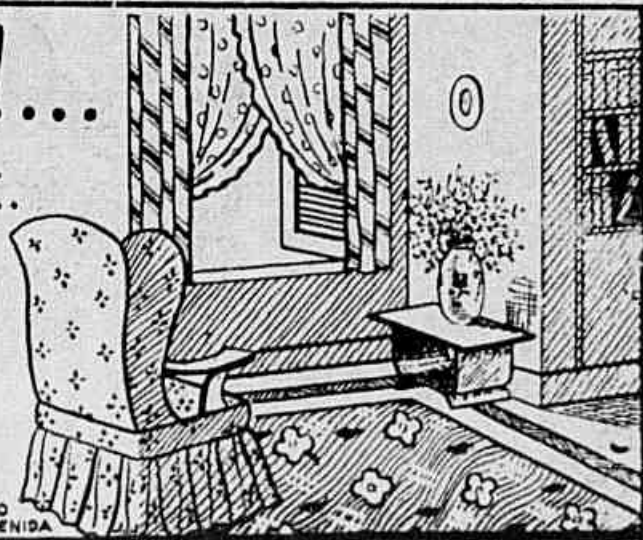
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

MATRIZ E ESCRITÓRIOS

E TAMBÉM NO ANEXO A'

65 - R. DA CARIOCA - 67 - R. 7 DE SETEMBRO - 82

JUNTO A AVENIDA



Modelos para Crianças

Capa com capuz, luvas e sapatinhos

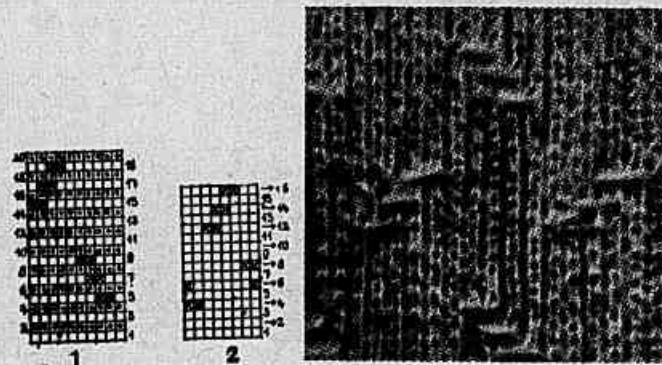
São necessárias pouco mais ou menos 250 grs. de lã rose ou azul claro de grossura média para os três objetos: 150 grs. para a capa, 50 grs. para as luvas e igual quantidade para os



sapatinhos; duas agulhas longas de 3mm. de diametro e 15 agulhas curtas de 2 1/2 mm. de diametro; uma agulha de crochet n.º 2.

Pontos empregados — Ponto de arroz: sempre

1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, contrariando o ponto em cada carreira, quer dizer tricotar uma malha pelo direito sobre uma malha pelo avesso, uma malha pelo avesso sobre uma pelo direito. Ponto com desenhos: tricotar seguindo os modelos de pontos contados 1 e 2. Ponto de gaita duplo: sempre 2 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso.



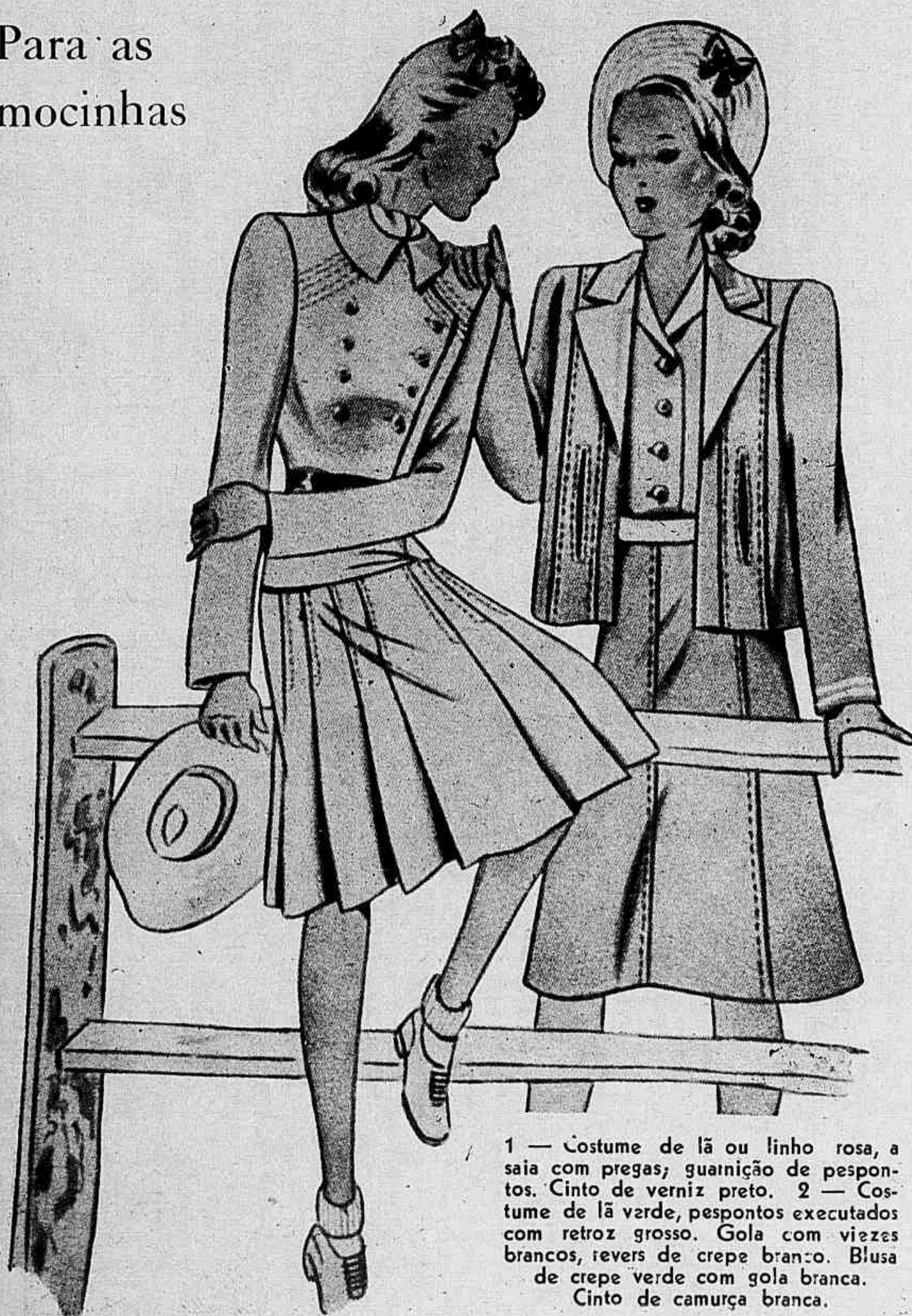
Pontos contados. O ponto de tricot com desenhos.

As medidas dadas são para criança de uns oito mezes.

Capa — Pôr na agulha de tricot mais grossa 231 malhas (85 centímetros) e tricotar 3 centímetros de altura no ponto de arroz. Continuar 38 centímetros fazendo sempre as 10 primeiras e 10 últimas malhas da carreira no ponto de arroz, e as 211 outras malhas no ponto com desenhos seguindo o modelo de pontos 1; a última carreira deve estar no avesso. Juntar 1 carreira de malhas pelo direito e tricotar sempre 2 malhas

juntas de maneira que restem apenas 116 malhas. Tricotar na mesma largura 3 centímetros no ponto de gaita, depois fazer uma carreira com abertos para passar um cordão, quer dizer tricotar nesta carreira primeiro 4 malhas, depois 9 vezes, alternando, 1 laçada, 2 malhas juntas (em 1 malha cruzada, quer dizer escorregar 1 malha sobre a agulha da direita sem a tricotar, fazer a malha seguinte, depois a malha escorregada por cima da malha tricotada); tricotar 10 malhas no fim da carreira, fazer ainda 1 laçada, tricotar 2 malhas juntas,

Para as mocinhas



1 — Costume de lã ou linho rosa, a saia com pregas; guarnição de pespontos. Cinto de verniz preto. 2 — Costume de lã verde, pespontos executados com retroz grosso. Gola com vizes brancos, revers de crepe branco. Blusa de crepe verde com gola branca. Cinto de camurça branca.



1 — Sobretudo de lã mesclada, cruzado na frente com duas ordens de botões. 2 — Sobretudo de gabardine cor de cinza impermeabilizada, com mangas raglan e capuz.

Diversos vestidos infantís



1 — Vestido de shantung vermelho guarnecido com festonado e bordado branco. 2 — Vestido de crepe branco com pintas multicores; fita de veludo preto ou azul marinho. A blusa com franzidos pespontados, a saia terminada com uma ruche. 3 — Vestido de crepe Georgette ou voile branco com guirlandas multicores bordadas a mão. Uma fita franze o tecido na cintura. 4 — Vestido de crepe de fantasia, guarnecido com franzidos e fita. 5 — Roupas para menino de 3 a 4 anos em shantung azul, guarnecida a blusa com franzidos ninho de abelha e com vizes de crepe branco. Cinto de camurça branca. 6 — Vestidinho de crepe rosa, franzidos ninho de abelha e babadinhos com vizes de crepe branco ou azul.

tricotar 2 malhas. Continuar 1 centímetro tricotando, na primeira carreira, as laçadas como malhas.

Capuz — Pôr na agulha de tricô 100 malhas e trabalhar 17 centímetros no ponto de arroz com largura igual. Fazer em seguida 18 carreiras fechando deca da lado 9 vezes 5 malhas. Fechar as 10 malhas restantes.

Depois de passar a ferro as diversas peças pelo avesso com um pano por cima, fazer a costura do capuz e pregá-lo na capa. Fazer em seguida, em toda a volta, 2 carreiras de pontos baixos com a agulha de **crochet**. Fazer um cordão com 6 fios de lã com a agulha de **crochet**. Fazer um cordão com 6 fios de lã com a agulha de **crochet** executando uma trancinha. Enfiar o cordão nos abertos da gola e pregar em cada ponta uma borla.

Luzas — Pôr na agulha de tricô mais fina 48 malhas, tricotar primeiro 8 carreiras no ponto de arroz, depois continuar o ponto com desenhos segundo o modelo de pontos contendo 2,7 centímetros e meio de largura igual, juntar 19 voltas diminuindo de 4 malhas nas 1.ª, 4.ª, 7.ª, 10.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, e 19.ª carreiras; para isto, tricotar juntas pelo direito a segunda e a terceira malhas da primeira carreira e da terceira carreira, depois por 1 malha cruzada a segunda e penúltima malha da 2.ª e da 4.ª carreiras.

Pôr as 16 malhas restantes sobre duas agulhas, passá-las para o interior das luzas e virar estas últimas. Colocar as duas agulhas exatamente uma deante da outra e tricotar sempre juntas 1 malha da agulha da frente com uma malha da outra agulha, fechando-as ao mesmo tempo. Fazer uma carreira de **picots** com a agulha de **crochet** em volta do canhão.

Fazer um cordão formado por uma trancinha feita com tres fios de lã e terminado por borlas.

Sapatinhos — Pôr na agulha de tricô mais fina 58 malhas e tricotar 20 voltas no ponto de arroz aumentando 4 malhas na 3.ª e na 4.ª carreiras; para isto, tricotar 2 malhas na segunda malha da primeira e terceira carreiras, assim como na penúltima malha da 2.ª e 4.ª carreiras (largura 66 mms.) Continuar no ponto com desenhos segundo o modelo de pontos contendo (fig. 2), 16 voltas diminuindo 2 malhas todas as duas carreiras; para isto, tricotar 2 malhas juntas pelo direito antes das 10 malhas medianas; depois das 10 malhas medianas, tricotar 2 malhas juntas numa malha cruzada (as 5 ultimas malhas da 2.ª carreira e 5 primeiras malhas da 3.ª carreira — largura da ultima carreira 50 malhas). Continuar 20 voltas com largura igual no ponto com desenhos. Em seguida, separar o trabalho para fazer aberta a volta

de cima do sapatinho, tricotando indo e vindo 10 carreiras no ponto de arroz. Coser

Novo... CREME Desodorante que Detém A Transpiração das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

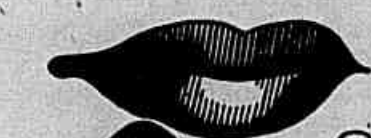
ARRID

Tamanho econômico

9\$500

Tamanho pequeno 4\$800

Como possuir lábios que os homens adoram!



Baton

Zande

Imprima aos seus lábios, com o Baton ZANDE, esse poder de sedução que subjugou os homens... a suave tonalidade vermelha da própria Natureza. Este baton novo, de grande efeito, é caricioso e dura mais quando aplicado. Não seca os lábios. Seis cores modernas ZANDE.

Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios.



... o Rouge ZANDE!

Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.

a costura da sola e fazer um **picot** com a agulha de **crochet** na terminação do sapatinho. Fazer trancinhas com tres fios de lã com o comprimento necessário para formar os cordões que serão enfiados nos sapatinhos. Terminar as extremidades com borlas.



Vestidinho de organdi rosa, guarnecido com babadinhos.

Harpagonada

Harpagão é atropelado numa rua e seus dias parecem correr perigo. Correm em busca de um padre, mas Harpagão, que só pensa no seu cofre, afasta-o com um gesto.

— Mas o padre insiste: — Pense meu filho, que terá de dar contas das suas más ações!

A estas palavras os olhos de Harpagão brilham: — Minhas más ações? Tranquillize-se, há que tempo já as vendi!

MENU DE JANTAR

SOPA DE COUVE-FLORES — PEIXE RECHEADO — PIRÃO DE BATATAS COM XUXU'S — RAVIOLI (receita de Rosa-Maria) — CARNE ASSADA — SALADA DE VAGENS — COMPOTA DE ABOBORA — BISCOITO INGLÊS

SOPA DE COUVE-FLORES

Tomar uma couve-flor, separar em pequenos bouquets e depositar dentro de um alguidar com água levemente acidulada com um fio de vinagre: esta operação tem por fito fazer cair no fundo da vasilha as pequenas larvas ou insetos que não se teria visto.

Depois de ter lavado em diversas águas, pôr a ferver em água durante vinte minutos para tirar o gosto muito forte da couve-flor. Escorrer a água e lavar numa outra água fria; escorrer novamente. Numa panela pôr para derreter 150 grs. de manteiga, juntar a couve-flor e deixar cozinhar lentamente, a panela encostada a uma outra que está sobre o fogo.

Côar então para uma panela dois litros de caldo de galinha ou de carne e juntar a massa de couve-flor (passada na peneira de taquara ou no passador) e deixar ainda cozinhar em fogo brando uns trinta minutos. Deve de novo ser corda a sopa e posta para ferver; juntar então um pouco de maisena ou farinha de arroz desfeita num pouco de leite para ligar e na hora de servir juntar uma chicara de creme de leite e três gemas de ovos.

Serve-se acompanhada com torradas fritas na manteiga.

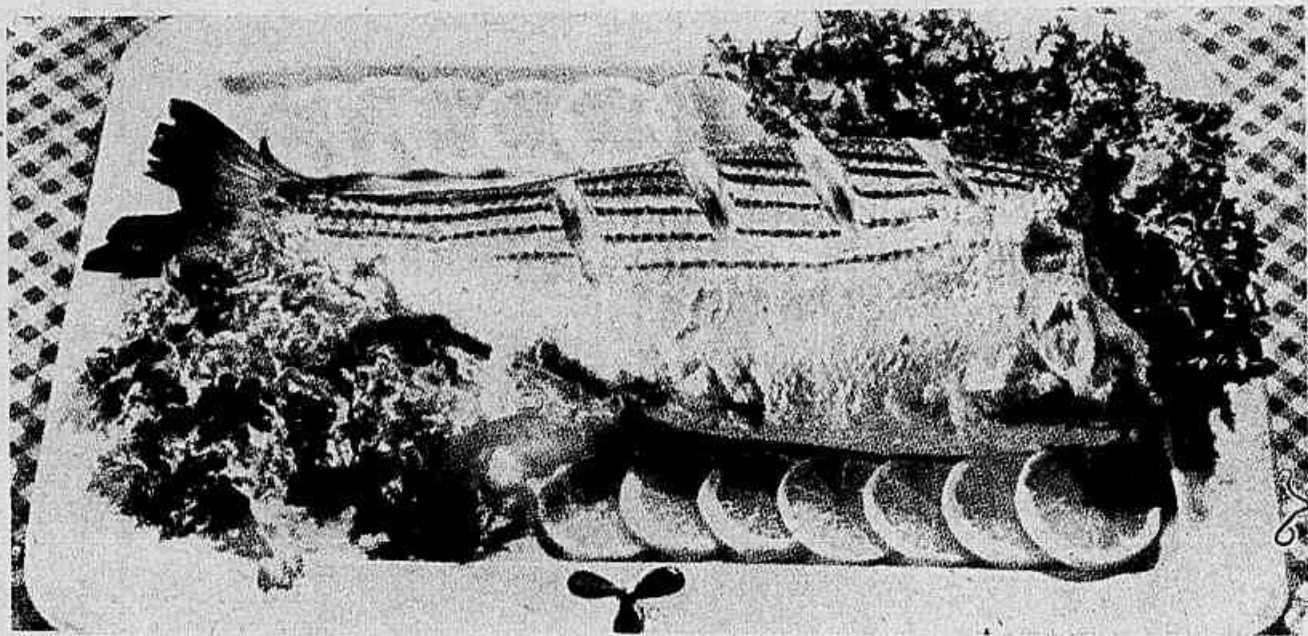
PEIXE RECHEADO

Tomar um peixe de carne dura, garoupa por exemplo; depois de bem limpo e lavado por dentro, recheio com uma massa feita com a mistura de carne de peixe desfiada e camarões passados na máquina, ligada com um pouco de molho espesso feito com um pouco de caldo de peixe bem temperado e engrossado com maisena. Coser a abertura do peixe e depois espetar filetes de enxovas na parte de cima do peixe. Cobrir depois o peixe com finas tiras de toucinho que são mantidas por fios de barbantes, não amarrados muito apertados, para impedir o peixe de deformar-se.

Cortar em rodela grossas cenouras e cebolas, juntar meia folha de louro, salsa e uns grãos de pimenta do reino.

Pôr numa panela um pouco de manteiga e refogar estes legumes em fogo brando, depois juntar uma garrafa de vinho branco, dar uma fervura e em seguida colocar dentro o peixe (uma frigideira funda) cobrir com uma folha de papel untado com manteiga e pôr para assar em forno brando.

Cozinhando em calor forte, o recheio crescerá e fará arrebentar o peixe.



Peixe recheado

Fazer um molho com o caldo restante em que foram cozidos peixe e camarões para o recheio, juntar um pouco de vinho ao caldo e engrossar com farinha de trigo ou maisena; juntar ao molho pedacinhos de camarões e de ovo duro.

Arrumar o peixe numa travessa e enfeitar com salsa e rodela de limões. O molho é servido na molheira.

PIRÃO DE BATATAS COM XUXU'S

Pôr para cozinhar em quantidades iguais batatas e xuxus, mas em vasilhas diferentes. Escorrer muito bem a água dos xuxus antes de passar no espremedor juntamente com as batatas. Pôr numa panela ao fogo, juntar um pouco de leite e mexer bem para ficar com boa espessura, temperar em seguida com meia ou uma colher de manteiga conforme a quantidade de massa.

RAVIOLI (Receita de Rosa-Maria)

Recheio — Cozinhe miolos em água e sal, junte 150 grs. de espinafres cozidos e espremidos, e bata com uma faca. Incorpore 100 grs. de queijo ralado e 2 ovos duros. Misture tudo e reserve.

A massa — 112 kilo de farinha de trigo peneirada, 1 colher de chá de sal, 6 ovos, 1 colher de manteiga e outra de queijo ralado. Misture tudo e vá molhando com água morna até formar uma massa lisa. Abra com o rolo, bem fina, sobre uma táboa polvilhada de farinha de trigo e corte em duas partes. Numa coloque, espigado, o recheio em montinhos do tamanho de avelãs e cubra tudo com a outra parte ligeiramente umedecida para colar. Corte em rodela com um pequeno cortador próprio, ou com uma lata pequena, e acalque as bordas para não abrirem. Quanto menores mais apreciados são os ravioli. Também pôde-se cortar rodela, umedecer as bordas, botar um pouquinho do recheio e dobrar como p stelinhos. Leve ao fogo uma caçarola com água e sal e quando ferver jogue dentro os ravioli. Deixe cozinhar por uns minutos apenas. Retire da água com a espumadeira grande e arrume numa peneira de taquara. Tome um prato concavo, unte com manteiga, polvilhe com queijo ralado e vá deitando em camadas os ravioli, queijo ralado e um pouco de molho alternados terminando pelo queijo. Leve ao forno brando por alguns instantes e sirva. Não deixe os ravioli cozinham demais senão ficam em pasta, devendo ficar destacados.

O molho — Toste 1 colher de manteiga com 1 cebola picadinha e outra de açúcar. Junte 250 grs. de tomates ou 1 colher de massa de tomates, 112 alho poireau, 1 ramo de cheiro, e molhe com duas chicaras de caldo de galinha ou de carne. Junte 1 colher de farinha de trigo, tostada com outra de manteiga, e leve ao fogo para engrossar. Passe por uma peneira antes de servir.

COMPOTA DE ABOBORA

Partir em pedaços uma abobora bem vermelha, tirar a casca, sementes e filamentos, e ir jogando dentro de água acidulada (com umas gotas de caldo de limão), depois mergulhar estes pedaços dentro da água, igualmente acidulada, é preciso ficarem bem cobertos com a água, cozinhar sem violência. Quando estiverem cozidos, arrumar dentro de uma vasilha e despejar por cima calda de 25". Uma hora depois, coar a calda, pôr numa panela com uma fava de baunilha e deixar engrossar a calda, despejar depois a calda quente sobre os pedaços de abobora.

BISCOITO INGLÊS

500 grs. de farinha de trigo, 3 grs. de bicarbonato de soda, 3 grs. de ácido muriático, 50 grs. de açúcar, 50 grs. de manteiga, 6 decilitros de leite, 150 grs. de passas de Corinto.

Misturar a manteiga com a farinha de trigo que foi peneirada com o bicarbonato. Fazer derreter no leite o açúcar e o ácido muriático, juntar a farinha, de maneira a obter uma massa lisa, misturar as passas, abrir a massa e cortar os biscoitos; arrumar num tabuleiro untado com manteiga e pôr para assar em forno quente.

...e a senhora terá
refrigerador
a vida inteira!



SIM, minha senhora, é isto exatamente o que sucede a quem escolhe um Frigidaire. Pois Frigidaire é construído não só para trabalhar *muito bem*, mas igualmente para trabalhar *muito tempo*. Dotado de gabinete inteiriço de aço, Frigidaire lhe oferece a garantia de cinco anos de funcionamento... mas suas amigas lhe dirão que dura muito mais. Adquira um Frigidaire e usufrua, anos e anos, das inúmeras vantagens desse refrigerador insuperável! Mais belo e melhor, interna e externamente, Frigidaire é o preferido em todo o mundo. Prefira-o também.

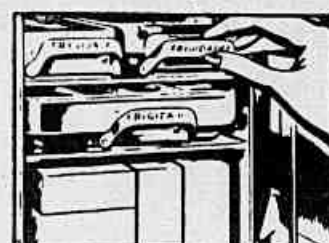
FRIGIDAIRE



Características de Luxo



Gabinete inteiriço de aço, novo e belo desenho, maior espaço para armazenamento; construído para durar uma geração.



Desprendedor Automático: uma leve pressão dos dedos, e as bandejas e os cubos de gelo se desprendem como por encanto.



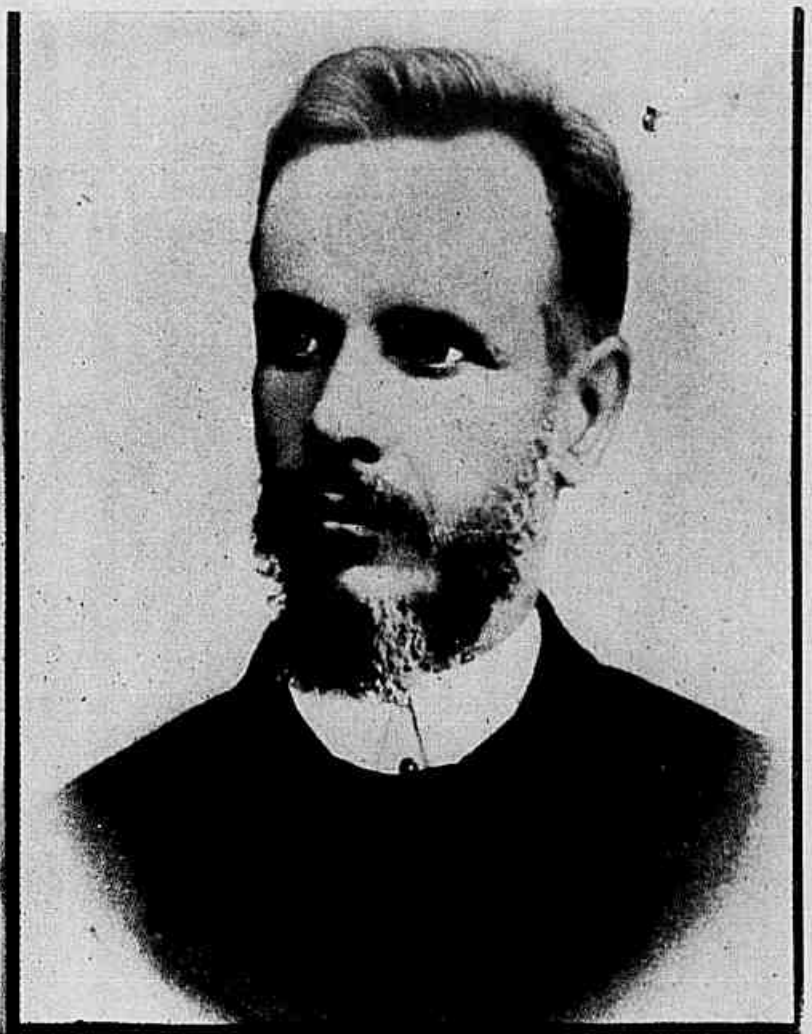
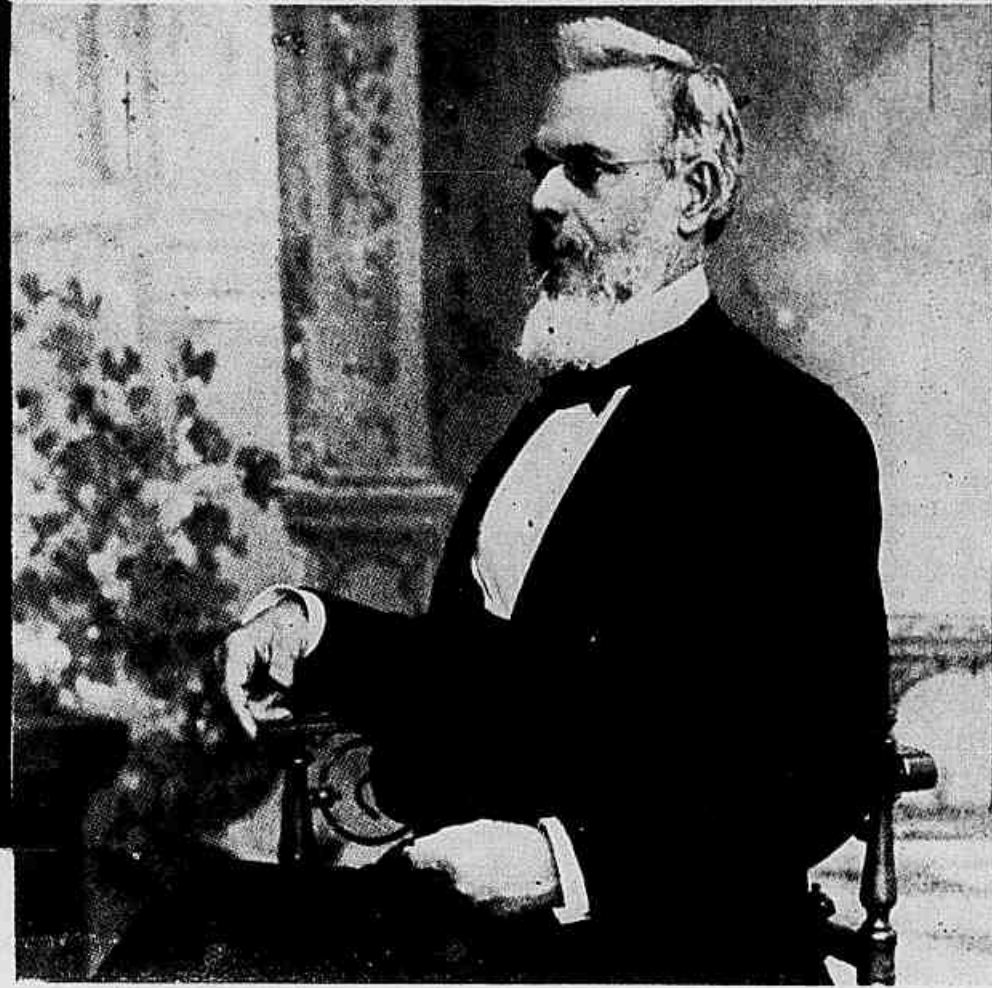
O Descongelador — "Ciclo de Segurança": mantém a temperatura adequada, mesmo durante o descongelamento.

DE SÃO PAULO

Bernardino de Campos



Bernardino de Campos, na época de sua formatura na Faculdade de Direito de S. Paulo (1864).



Bernardino de Campos quando primeiro chefe de polícia da República em S. Paulo (1889).

Ao lado — Bernardino de Campos em seu segundo período presidencial em S. Paulo (1906).



1.ª presidência do dr. Bernardino de Campos: grupo feito com os Secretários e o vice-Presidente — Da esquerda para a direita: Theodoro de Carvalho Alfredo Pujol, Rubião Junior, Jorge Tibiriçá, Bernardino de Campos — Presidente, Bento Bueno, Siqueira Campos, Cerqueira Cezar — vice-Presidente, e Mello Peixoto. Nesta fotografia faltam Vicente de Carvalho, Alfredo Maia e Cezário Motta.

No dia de hoje, um século atrás, nascia em Minas Gerais, na cidade de Pouso Alegre, Bernardino de Campos; com ele surgia para o Brasil uma das mais sólidas formações de estadista que nossa pátria já conheceu. Formando-se em São Paulo, Bernardino ali militou na imprensa e ingressou na política, constituindo-se paladino dos homens de ação da grande província a que servia. Batendo-se nas campanhas republicana e abolicionista, que empolgavam então a mentalidade moça do país, Bernardino viria a ser o primeiro presidente republicano de São Paulo, após haver desempenhado papel marcante no Congresso Constituinte, onde fôra *leader* da bancada paulista. A carreira política desse homem, que tem sido apontado como um estadista de visão invulgar, seria assinalada ainda por numerosas delegações e serviços prestados ao país, notadamente no terreno do reerguimento econômico da nação. No entanto, por ocasião de sua segunda presidência

no Estado de São Paulo, quando se constituiu em colaborador decidido de Floriano Peixoto na obra de consolidação da República, é que Bernardino de Campos se tornaria merecedor da gratidão de todos os bons brasileiros.



ORCHIDEA-SCHMIDT

São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697

O maior e melhor sortimento em ORCHIDEAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS!

Peçam catálogo
VISITEM O MEU ORCHIDÁRIO.
EM PIRAQUARA.

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succatista de
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

ROWENA

**Uma sereia saxã que
escravisou o espírito,
o coração e o reino do
poderoso Vortigern**



Uma multidão de Scotos e Pictos chegou, logo saltando de seus barcos de madeira e couro.

LEIAM essa interessantíssima história, com primorosas ilustrações de Matania, e muitas outras, publicadas em EU SEI TUDO, o melhor magazine mensal do Brasil.

Número de Setembro à venda em toda parte.